



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

BRUNO AUDERLIN DOS SANTOS CARVALHO

**A PRODUÇÃO DE UM DISCURSO NEOLIBERAL DE AUTOAJUDA SOBRE AS
EMOÇÕES: UM ESTUDO DE CASO DOS LIVROS DE FLÁVIO AUGUSTO DA
SILVA**

**São Cristóvão/SE
2024**

BRUNO AUDERLIN DOS SANTOS CARVALHO

**A PRODUÇÃO DE UM DISCURSO NEOLIBERAL DE AUTOAJUDA SOBRE AS
EMOÇÕES: UM ESTUDO DE CASO DOS LIVROS DE FLÁVIO AUGUSTO DA SILVA**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais na Universidade Federal de Sergipe (UFS), Departamento de Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Ivan Fontes Barbosa

**São Cristóvão/SE
2024**

**A PRODUÇÃO DE UM DISCURSO NEOLIBERAL DE AUTOAJUDA SOBRE AS
EMOÇÕES: UM ESTUDO DE CASO DOS LIVROS DE FLÁVIO AUGUSTO DA SILVA**

BRUNO AUDERLIN DOS SANTOS CARVALHO

Projeto apresentado ao departamento de
Ciências Sociais da Universidade Federal de
Sergipe como requisito parcial para a obtenção
do título de Bacharel em Ciências Sociais.

São Cristóvão, ____ de _____ de 2024.

BANCA EXAMINADORA

Orientador(a) Prof. Dr. Ivan Fontes Barbosa (DCS-UFS)

Membro externo: Prof. Dr. Saulo Henrique Souza Silva (CODAP-UFS)

Membro Interno: Prof.^a Dr.^a Sônia Cristina Santos de Azevedo Cerqueira (DCS-UFS)

Prof.^a Dr.^a Vilma Soares de Lima Barbosa (DCS-UFS - SUPLENTE)

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, meu profundo agradecimento aos Orixás que abriram meus caminhos.

Agradeço à minha família, em especial, à minha avó e ao meu falecido avô, Josefa Maria e Inácio Donato, quilombolas, que residiram na Comunidade Campo do Crioulo (Lagarto–SE), pois foi com eles que aprendi o real significado da ancestralidade e resistência negra. Obrigado por me ampararem e me acolherem como um filho.

Agradeço, em especial, à minha vó, pois sua persistência em continuar ao meu lado foi o que tornou possível a existência deste trabalho. Também gostaria de agradecer à minha mãe por estar ao meu lado, sobretudo quando em 2022 entrei em um processo de adoecimento psíquico que me impossibilitou de concluir o curso e concorrer ao mestrado. Se não fosse por seu acolhimento e amor radical, provavelmente internalizaria a falsa crença de que não possuo capacidade o suficiente para prosseguir.

Além disso, agradeço aos meus irmãos, Kamilo Kauã e Júlio César, por diariamente fazerem a vida parecer uma espécie de texto *stand-up comedy*. Agradeço ao meu padrasto Braulio Pereira por se preocupar comigo e garantir, com minha mãe, a possibilidade de que eu continuasse nesse caminho sem perder a fé e o desejo por um futuro melhor. Agradeço à tia Rose por todo apoio, carinho e sábios conselhos, ao decorrer desse percurso.

Agradeço ao meu tio Edimar, que sempre fez questão de demonstrar a importância de ter humildade e saber encarar as adversidades da vida com leveza e humor. Por fim, agradeço a Carol, minha irmã de consideração, pelos papos divertidos e instigantes sobre filmes de terror e séries. Em suma, obrigado por me ensinarem, mediante gestos e afetos, a importância de aquilombar-se. Afinal, como se diz na filosofia Ubuntu, “eu sou, porque nós somos”.

Em segundo lugar, não posso deixar de citar uma pessoa bastante importante nesse percurso que foi Thaís Dantas. Obrigado por estar comigo e, em diversos momentos, por deixar nítido que o silêncio, marcado por uma verdadeira escuta, alcança aquilo que as palavras não conseguem acompanhar, a saber, o afeto. Obrigado pelo carinho e denço, além das intensas discussões teóricas via ligação sobre, por exemplo, teoria crítica do valor, psicanálise e a questão da crise climática. Obrigado por cada momento de gentileza e afago.

Agradeço também a Arthur Rocha, que, como sempre gosto de repetir, mas dessa vez sem estar bêbado, é um verdadeiro amigo, o qual considero como um irmão. Obrigado por ler esse trabalho e por levantar algumas discussões pertinentes sobre essa pesquisa. Ademais,

agradeço também por sempre tornar nossas conversas no *WhatsApp* uma espécie de repositório de discussões sobre as teses dos teóricos alemães Robert Kurz e Roswitha Scholz. Agradeço à Adrielle Batista por, na imensa maioria das vezes, possibilitar conversas potentes sobre negritude e psicanálise, tornando, assim, possível a circulação das nossas angústias, conquistas e trajetórias singulares. Agradeço à Camila Rocha por partilhar comigo boas risadas e conversas permeadas de afeto e carinho mútuo.

Sou muito grato também à *teacher* Emilly Seixas por contribuir neste trabalho, auxiliando nas dúvidas relacionadas à língua inglesa, obrigado pelas recomendações e conversas sobre incontáveis animes, inclusive precisamos atualizar nosso *hate* em Takemichi. Agradeço à minha querida amiga mineira Dani, que mantém uma amizade virtual comigo há 6 anos. Espero um dia estar em Belo Horizonte para conversarmos acompanhado de um bom cafezinho.

Agradeço a Anthony Nunes, Ícaro Matheus e Izabel Cristina por sempre me apoiarem e acreditarem em mim. Obrigado pelas indicações bibliográficas, pelas excelentes e descontraídas conversas. Sinceramente, essas linhas são poucas para expressar o quanto sou grato por vocês participarem, em maior ou menor medida, desse trabalho. Obrigado por tudo! Também agradeço à vó Bel pela gentileza e por ter me presenteado com um ótimo suporte para notebook. Aguardo em breve conversar com a senhora sobre “as correrias da vida”.

Agradeço ao exímio pesquisador e orientador desta pesquisa, Dr. Ivan Fontes Barbosa, pelas sugestões, comentários e indicações bibliográficas. Sua compreensão profunda a respeito da sociologia do trabalho, somada ao fato de ter me apresentado a obra “*The Managed Heart: The Commercialization of Human Feeling*” da socióloga Arlie Hochschild em uma de nossas reuniões, foi fundamental para a composição dessa monografia.

Por fim, agradeço aos Profs. Ewerthon Vieira, Leomir Hilário e Luige de Oliveira por estarem presentes ao longo de minha trajetória acadêmica e por iniciarem, em conjunto com outros discentes de diversos departamentos, a produção de um espaço horizontal e crítico denominado grupelho *Krítica-Crise e Crítica*. Agradeço, especialmente, a Ewerthon Vieira por ter me oferecido apoio, acompanhado de uma potente escuta, em uma fase bastante confusa da minha vida acadêmica. Mais uma vez, obrigado por tudo!

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso procurou analisar mediante a categoria capitalismo emocional de que forma a autoajuda empreendedora possibilita pensarmos a produção de um discurso neoliberal de autoajuda sobre as emoções. Ao considerarmos a autoajuda empreendedora como uma forma de expressão das contradições neoliberais sobre o mundo do trabalho, consideramos que o discurso neoliberal depende da construção de um *ethos* emocional calcado na lógica do empreendedorismo que, em diferentes níveis analíticos, acompanham as novas formas de tecnologia política do Capital sobre o trabalho. Mediante a seleção das obras “Geração de valor: compartilhando inspiração” (2015), “Geração de Valor 3: é só o começo” (2016), “Ponto de Inflexão: uma decisão muda tudo” (2019) do empresário influente Flávio Augusto da Silva, as questões discutidas ao decorrer dessa pesquisa tiveram por objetivo analisar e identificar as estratégias discursivas, na forma de truísmos e aconselhamentos, pelo qual o discurso neoliberal de autoajuda veicula um enaltecimento do trabalho flexível através da ressignificação das emoções às ideias de proatividade e eficiência empresarial. Os procedimentos metodológicos utilizados foram a pesquisa bibliográfica, assim como a estratégia metodológica do estudo de caso aliado ao emprego da análise foucaultiana do discurso para articular enquanto unidade de análise o referido empresário, selecionando, nesse sentido, suas obras como fontes de evidência. Com base nisso, considerou-se que a narrativa empreendedora presente nas selecionadas obras de Flávio Augusto da Silva demonstrou uma apropriação e ressignificação das emoções através de uma narrativa terapêutica e do sofrimento no interior da racionalidade empresarial estruturada pela divisão e hierarquização das emoções, além do endosso ao (auto)gerenciamento emocional. Constatamos que a autoajuda empreendedora articula em seu discurso, de maneira multifacetada, um dos elementos fundamentais do capitalismo emocional, a saber, a fusão entre a racionalidade econômica e as emoções, visto que, para além de uma atividade econômica, o empreendedorismo é disseminado enquanto uma experiência emocional de autorrealização.

Palavras-chaves: Capitalismo emocional, neoliberalismo, literatura da autoajuda, sociologia do trabalho, Flávio Augusto da Silva

ABSTRACT

The present final paper sought to analyze, through the category of emotional capitalism, how entrepreneurial self-help enables us to think about the production of a neoliberal self-help discourse on emotions. By considering entrepreneurial self-help as a form of expression of neoliberal contradictions regarding the world of work, we argue that neoliberal discourse depends on the construction of an emotional ethos based on the logic of entrepreneurship, which, at different analytical levels, accompanies the new forms of political technology of Capital over labor. Through the selection of the works “Geração de Valor: compartilhando inspiração” (2015), “Geração de Valor 3: é só o começo” (2016), and “Ponto de Inflexão: uma decisão muda tudo” (2019) by the influential businessman Flávio Augusto da Silva, the issues discussed throughout this research aimed to analyze and identify the discursive strategies, in the form of truisms and advice, through which the neoliberal self-help discourse conveys an glorification of flexible labor by reinterpreting emotions in terms of proactivity and business efficiency. Employing case study as a methodological strategy, the methodological procedures used were bibliographic research, as well as the employment of Foucaultian discourse analysis to examine the self-help discourse of the aforementioned businessman, selecting his works as sources of evidence. Based on this, it was considered that the entrepreneurial narrative present in the selected works by Flávio Augusto da Silva demonstrated an appropriation and reinterpretation of emotions through a therapeutic narrative of suffering within the business rationality structured by the division and hierarchization of emotions, in addition to endorsing (self) emotional management. We found that entrepreneurial self-help articulates in its discourse, in a multifaceted manner, one of the fundamental elements of emotional capitalism, namely, the fusion between economic rationality and emotions, given that, beyond an economic activity, entrepreneurship is disseminated as an emotional experience of self-fulfillment.

Keywords: Emotional capitalism, neoliberalism, self-help literature, sociology of work, Flávio Augusto da Silva

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CLT – Consolidação das Leis do Trabalho

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

OMS – Organização Mundial da Saúde

P&D – Pesquisa e Desenvolvimento

SNEL – Sindicato Nacional dos Editores de Livros

SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - A escala da inveja	90
Figura 2 - complexo emocional do “vitimismo”	91
Figura 3 - Doenças profissionalmente transmissíveis	94
Figura 4 - O medo.....	98

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. CAPÍTULO I - HORIZONTES TEÓRICOS PARA A COMPREENSÃO DAS EMOÇÕES NO MUNDO DO TRABALHO	27
2.1 - Hóspedes incômodas na sociologia do trabalho? as emoções administradas do Capital	30
2.1.1 Breves considerações sobre a sociologia do trabalho	32
2.1.2 O gerenciamento capitalista das emoções no trabalho	36
2.1.3 Entre trabalho e emoções: o coração administrado do capitalismo emocional	41
3. CAPÍTULO II – CAPITALISMO EMOCIONAL E A NARRATIVA TERAPÊUTICA DE AUTOAJUDA: CONSIDERAÇÕES SOBRE A SOCIOLOGIA DAS EMOÇÕES EM EVA ILLOUZ	47
3. 1 - Surgimento e consolidação da sociologia das emoções	47
3. 2 - A sociologia das emoções em Eva Illouz.....	52
3. 3 – As metamorfoses do discurso da autoajuda e a nova razão do mundo	63
4. CAPÍTULO III – CAPITALISMO EMOCIONAL E O DISCURSO EMPREENDEDOR DE AUTOAJUDA: UMA ANÁLISE DOS LIVROS DE FLÁVIO AUGUSTO DA SILVA	74
4. 1 - “Não sou filósofo, teórico nem escritor de autoajuda, sou um empresário”: a narrativa terapêutica autobiográfica de Flávio Augusto da Silva	75
4. 2 - “Empreendedores que ainda não saíram do armário”: a (con)formação emocional de um trabalhador de novo tipo	86
4. 3 - “Cuide do seu lado emocional e alcance o sucesso”: o discurso empreendedor dos sentimentos e emoções	95
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	103
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	104

1. INTRODUÇÃO

A presente monografia parte de um incômodo inicial, proporcionado pelo contexto pandêmico de covid-19, no qual permanecia angustiado com o fato de conviver com parentes e amigos que banalizavam a gravidade da situação com frases motivacionais como, por exemplo, “é necessário ter uma forte mentalidade”, “bastar pensar positivo” ou “a crise existe apenas em sua mente”. Ainda nesse contexto, percebi, sobretudo, nas redes sociais, um adjetivo constante a qualquer conteúdo semelhante as características de um discurso motivacional, onde os internautas, geralmente, classificavam tal conteúdo como “discurso de autoajuda”. Esse ato de classificar, com teor pejorativo, enquanto “discurso de autoajuda” qualquer palavra, frase ou discurso que remetesse a uma positividade ingênua, me possibilitou questionar que talvez houvesse um fundo de verdade na expressão “discurso de autoajuda”. Afinal, o termo, indiretamente, sugere que a autoajuda possui um discurso com características internas próprias. Nesse ínterim, passei a notar que o discurso de autoajuda não é apenas o meio pelo qual se expressa uma tendência social ou histórica específica, mas, na verdade, a autoajuda também é uma tendência social e histórica, que sofreu diversas transformações ao longo do tempo, contribuindo para a manutenção e expansão do individualismo (Martelli, 2009; Rüdiger, 1996). Outrossim, me incomodava o fato de haver, por vezes, um questionamento comum relacionado ao discurso de autoajuda ser motivacional sem avançar, no entanto, para a interrogação sobre como e por que esse discurso tende a recorrer às emoções.

No entanto, apesar dessas observações, pairava sobre mim uma insatisfação recorrente, porque, na realidade, as mencionadas observações assumiam a forma confusa de um amontoado de dados sobre o fenômeno da autoajuda sem sistematização. Em outras palavras, era apenas um impulso com irrisória finalidade subjetiva e objetiva. Com o passar do tempo, tal impulso foi assumindo outros contornos, porque ao invés de estar preso em uma questão conceitual sobre o discurso ser ou não de autoajuda, continuei observando, com base em algumas leituras de livros de autoajuda, que esse discurso é fundamentalmente um discurso flexível, visto que encontra diversas formas de expressão, que pode versar sobre saúde, negócios, espiritualidade etc. É no ano de 2022 que presto maior atenção ao fato desta flexibilidade também se manifestar no âmbito do discurso sobre o mundo do trabalho, marcado pelo empreendedorismo. Essa

constatação nasce ao me deparar com um recorte de uma palestra no *YouTube*, denominada “*Apenas acredite*”, do influente empresário brasileiro Flávio Augusto da Silva.¹

Nesse vídeo, o empresário realizava diversas menções aos desafios em se tornar empreendedor na sociedade brasileira, trazendo elementos de sua trajetória periférica. O empresário disseminava que o impeditivo para o sucesso no mundo do empreendedorismo decorria, especialmente, de crenças emocionais limitantes. Isso era fundamentado por Flávio Augusto da Silva com base em uma narrativa motivacional, estruturada pelo objetivo de estimular a construção de um certo caráter emocional para lidar com os desafios inerentes à aventura empreendedora. Tendo em vista o contato inicial com esse vídeo e leituras de alguns manuais de autoajuda, acompanhado das observações citadas, a questão central que sustenta meu anseio em torno dessa monografia incide na formulação de um problema de pesquisa que interrogasse o discurso da autoajuda enquanto facilitador da difusão de valores e ideias de ordem neoliberal, sem perder de vista o modo como essa difusão é construída. Perante isso, deter-se em profundidade sobre o caso de Flávio Augusto da Silva foi o estopim necessário para analisar que o discurso de autoajuda, sobretudo, orientado para os negócios, não apenas sintetiza ideais neoliberais em torno da liberdade e criatividade do sujeito, como também operacionaliza um discurso neoliberal de autoajuda sobre as emoções (Dardot e Laval, 2016; Cunha Rossi, 2022; Turmina, 2010; Illouz, 2011); responsável, inclusive, por ampliar sua própria capilaridade na realidade social.

Em face disso, a presente monografia resulta da preocupação em analisar a maneira pela qual o discurso empreendedor da autoajuda contemporânea ressignifica e articula o domínio das emoções enquanto elo fundamental da governamentalidade empresarial (Dardot e Laval, 2016). Em vista disso, compreendemos a categoria emoção, em contraposição ao reducionismo psicológico, como uma entidade cultural, social e política, pois “através dos afetos nós pomos em prática as definições culturais da individualidade, tal como se expressam em relações concretas e imediatas, mas sempre definidas em termos culturais e sociais.” (Illouz, 2011, p. 7). Essa definição cultural e social das emoções apresenta outros contornos, sobretudo pós-década de 70 com o *boom* dos serviços psicoterapêuticos e psiquiátricos (Safatle, 2021); justificados por uma suposta preocupação com a saúde psicossocial da população face à emergência de psicopatologias, em sua maioria, derivada da intensa flexibilização e precarização das relações de trabalho (Reis, 2022). Motivo pelo qual, um dos sintomas sociais mais visíveis do espírito de nossa época são os crescentes casos de síndrome de *Burnout*, além

¹ BUYANDHOLD BRASIL. Apenas acredite. *YouTube*, 19 dez. 2019. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=xa5352bfn_I. Acesso em: 5 out. 2022.

do alarmante aumento das depressões, que também encontraram fortes ressonâncias na realidade brasileira.² Nas palavras da psicanalista Maria Rita Khel, “no Brasil, cerca de 17 milhões de pessoas foram diagnosticadas como depressivas nos primeiros anos do século XXI” (2009, p. 50), não por coincidência o mercado de antidepressivos permanece “crescendo no país a uma taxa de cerca de 22% ao ano, representando uma movimentação anual de 320 milhões de dólares” (*Ibid*).

Esse contexto nacional e internacional suscitou um processo de preocupação e vigilância sobre o universo emocional, que, posteriormente, elencou os afetos, emoções e sentimentos dos indivíduos como objetos importantes de intervenção, mensuração e controle (Illouz, 2018). Um dos resultados dessa intervenção é a construção de um estilo afetivo elaborado a partir de uma linguagem terapêutica, disseminada pelos diversos segmentos, com destaque para psicologia e a narrativa de autoajuda (Illouz, 2011). Com isso em vista, os problemas sociais forjados pela desregulação econômica, políticas de austeridade e redução dos salários, além do desemprego estrutural, caricatos do neoliberalismo, são individualizados sob o engodo de que a superação dessas problemáticas estaria na solução de dilemas psicoemocionais mal resolvidos. O estudo acentuado dessas questões foi possível a partir da *sociologia das emoções em Eva Illouz* (Gaiad, 2019),³ que permitiu obter o fôlego necessário para compreender a narrativa neoliberal da autoajuda sob o registro analítico dos afetos.

A condição de possibilidade desse contato mais intenso com o pensamento illouziano é mediada pela experiência em uma disciplina de psicologia social ministrada pelo Dr. Leomir Hilário em 2019 na turma de Serviço Social, em que me candidatei para apresentar e conduzir o debate com os demais discentes sobre o livro “Amor nos tempos do capitalismo” (2011) da referida autora. Essa experiência serviu como ponto de partida para conhecer um campo sociológico de problemáticas sobre as emoções que até aquele momento desconhecia. Considerou-se problematizar nesse trabalho a premissa elementar sustentada por Illouz (2011) nesse livro de que a sociedade capitalista pressupõe um modo específico de regular, administrar e definir quais emoções são adequadas e úteis à sua dinâmica de autovalorização do valor. O que sela, definitivamente, a materialização dessa preocupação de ordem geral é o encontro com

² **G1**. Por que o Brasil tem a população mais depressiva da América Latina. **G1**, 6 nov. 2023. Disponível em: <https://www.google.com/amp/s/g1.globo.com/google/amp/saude/noticia/2023/11/06/por-que-o-brasil-tem-a-populacao-mais-depressiva-da-america-latina.ghtml>. Acesso em: 18 ago. 2024.

³ A expressão “sociologia das emoções em Eva Illouz” é mobilizada com base na dissertação “Sociologia das emoções em Eva Illouz: o fenômeno da literatura de autoajuda” da socióloga brasileira Maraisa Gaiad (2019). Convém mencionar que essa dissertação foi fundamental na elaboração das questões pertinentes a esta pesquisa, visto articular, enfaticamente, as contribuições da Eva Illouz para desvelar por intermédio da literatura de autoajuda como o capitalismo tem mercantilizado o universo das emoções, paixões e sentimentos.

o Grupo de Estudos e Pesquisas em Sociologia, Educação e Trabalho (GEPSET), pois a partir da interlocução com o orientador dessa pesquisa, Dr. Ivan Fontes Barbosa, foi possível elencar a autoajuda empresarial enquanto objeto de pesquisa para analisar e evidenciar o processo pelo qual o universo das emoções se torna um recurso fundamental do regime neoliberal responsável por mistificar as mazelas sociais que assolam o(a) trabalhador(a). Por essa razão, mobilizamos a teorização brilhante de Turmina (2010), no qual a autoajuda contribui para a “(con)formação do trabalhador de novo tipo” sustentado pela circulação de um conjunto de ideias acerca do empreendedorismo.

Em razão disso, entendemos a autoajuda contemporânea como parte de um macrofenômeno social compreendido por Eva Illouz (2011) sob o termo de capitalismo emocional. O conceito de capitalismo emocional explica e descreve o processo pelo qual as emoções são alinhadas a produção capitalista, que demanda uma cultura emocional responsável por tornar as emoções objetos passíveis de serem mercantilizados, instrumentalizados e consumidos na forma de experiências emocionais reificadas hipostasiadas em discursos sobre inteligência emocional, liderança emocional, desenvolvimento pessoal e técnicas de gestão emocional (Illouz, 2018). A maneira como o capitalismo emocional é rearticulada no interior das práticas sociais é marcada, nesse sentido, também por correlacionar o aumento ou declínio da produtividade do trabalhador a partir do grau de seu bem-estar emocional. Não por acaso que, por exemplo, no contexto brasileiro, preocupações a respeito da saúde mental e satisfação emocional do trabalhador(a) no âmbito corporativo tem sido bastante tematizada, sobretudo em eventos. Pesquisa realizada por Amcham Brasil em parceria com a Humanizadas, em um evento sobre felicidade e negócios em São Paulo, constatou mediante a entrevista de 780 líderes, que “62% dos líderes afirmaram enxergar uma relação altamente positiva entre felicidade e produtividade, enquanto 32% consideram essa relação moderada”.⁴

Por outro lado, isso também indica, nas palavras de Reis (2022, p. 18), “uma carga de sofrimento causado pelo uso excessivo dos afetos no trabalho, o que ocasiona novas formas de subjetivação do sentido do trabalho”. Esse uso excessivo dos afetos no trabalho é corroborado, por exemplo, pelos autores Nascimento e Borges (2022). Com base na aplicação de um questionário semiestruturado online a trabalhadores vinculados aos aplicativos *Uber*, *Uber Eats*, *99*, *iFood*, *Rappi* e *Delivery Much*, os autores demonstraram que a maioria dos

⁴ **CNN BRASIL.** Líderes acreditam que felicidade no trabalho leva à produtividade, mostra pesquisa. **CNN Brasil**, 14 jun. 2024. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/economia/negocios/lideres-acreditam-que-felicidade-no-trabalho-leva-a-produtividade-mostra-pesquisa/> Acesso em 27 jun. 2024

trabalhadores percebiam o estresse, insegurança psicossocial e preocupação relacionadas à falta de garantias sociais como um dos afetos centrais presentes na execução da sua atividade laboral. Essas preliminares constatações permitem conduzir o conceito de capitalismo emocional nesta pesquisa em direção a uma profícua compreensão sobre o discurso neoliberal da autoajuda empreendedora. Esse discurso expressa a exigência de uma emocionalização da conduta do trabalhador(a), na forma de uma exploração e regulação empresarial das emoções positivas, para adaptar-se às incessantes instabilidades do capitalismo flexível (Sennett, 2014; Hochschild, 2003; Illouz, 2018; Safatle, 2021; Ehrenberg, 2010; Han, 2018). Afinal de contas, “os discursos sobre as ‘emoções’ do homem econômico são, pois, inseparáveis de estratégias de poder ‘emocional’ que constroem subjetividades e procuram moldar os seres humanos a ideais antropológicos e a determinadas visões de ordem social” (Andrade, 2011, p. 12).

Nesse ínterim, o fundamento social e histórico responsável por pavimentar o desenvolvimento dessa temática de pesquisa tem por pressuposto o advento e os desdobramentos do neoliberalismo entre a década de 1960–70. Nesse período, o sistema capitalista sofre um processo de crise, marcado, principalmente, segundo o sociólogo alemão Robert Kurz (2017), pela insuficiência de produção de mais-valor. Um dos efeitos imediatos dessa crise manifesta-se no desemprego estrutural alarmante, além do massivo processo de subcontratações e precarização das relações de trabalho intensificada pelas políticas neoliberais, que também provocam um recrudescimento no poder assistencial do Estado. Do ponto de vista ideológico, o neoliberalismo mistifica o processo de crise e os conflitos entre o trabalho e o Capital numa questão individual, no qual “a rarefação dos contrapesos à aventura empresarial e o recuo dos modelos de proteção assistenciais têm uma contrapartida: nesse estilo de existência, cada um suporta, cada vez mais, os pesos de suas responsabilidades” (Ehrenberg, 2010, p. 131).

Nessa quadra histórica, é produzida a noção de um trabalhador(a) flexível, adaptável e multifuncional face às incertezas do mercado de trabalho, além do desmantelamento da proteção social contra os efeitos danosos da superexploração e precariedade que o trabalhador(a) é submetido (Ehrenberg, 2010). Para suportar as contradições do capitalismo, o(a) trabalhador(a) é persuadido a orientar sua existência mediante critérios empresariais, em que ele deve ser não mais lido como parte da classe trabalhadora, sendo estimulado, portanto, a ler a si como empreendedor. De acordo com pesquisa realizada pela Fundação Perseu Abramo, divulgada em 2017 sobre “as percepções e valores políticos nas periferias de São Paulo”, trabalhador(a) e patrão aparecem destituídos de antagonismo, dado que “essa visão é reforçada pelo empreendedorismo, no qual a ideia de ser “patrão de si mesmo” mascara a

situação de classe do trabalhador, assim como sua precarização”.⁵ Se a responsabilidade individual é inculcada nos sujeitos como a solução para as contradições estruturais do capitalismo, o domínio subjetivo é subsumido ao cálculo econômico e utilitário, em que “a racionalidade neoliberal impele o eu a agir sobre si mesmo para fortalecer-se e, assim, sobreviver na competição” (Dardot e Laval, ano, p. 331). Em razão disso, tal processo de redução da subjetividade a critérios empresariais é indissociável da correspondente objetificação das emoções que, mais uma vez, contribui para a manutenção e expansão do capitalismo emocional.

Em síntese, nessa monografia, partimos da premissa que a disseminação e a construção da racionalidade neoliberal pela autoajuda do gênero empresarial, que enaltece o trabalhador(a) flexível, são indissociáveis da produção de um discurso psicologista que mobiliza e ressignifica as emoções a luz do empreendedorismo (Illouz e Cabanas, 2022; Cunha Rossi, 2022). De forma geral, sabendo que a esfera do trabalho é um fenômeno basilar e fundante da sociedade moderna para a constituição da identidade dos sujeitos (Leite, 2019), é importante salientar que a narrativa de autoajuda, nas palavras de Silva e Stafuzza (2013, p. 719), “infiltrou-se nesse universo ao propor, para o sujeito, técnicas e condutas que disciplinam com a promessa de tornar o sujeito um profissional de sucesso”. A razão para citar isso é que, conforme observado por Turmina (2010), desde sua origem, de certo modo, o fenômeno da autoajuda está enredado com o universo do *labor*. Não por acaso que a obra “Self-Help”, considerada o marco fundador desse gênero, publicada pelo médico e publicista Samuel Smiles em 1859, é um tratado responsável por sistematizar um conjunto de palestras direcionadas a classe operária da Inglaterra no século XIX.

Nesse período, o conceito chave que perpassa a autoajuda não diz respeito ao sucesso, felicidade utilitária ou sucesso profissional, mas sim a formação de um bom caráter, sendo também marcada por elementos pré-modernos (Rüdiger, 1996). Era reforçado o cumprimento das atividades laborais enquanto uma dimensão entrelaçada ao dever moral cujo êxito dependeria da capacidade do indivíduo (auto)educar-se⁶. Acreditava-se, então, que o sujeito, auxiliando a si mesmo, permaneceria imune e resistiria à desagregação dos valores e das

⁵ Essa discussão é realizada pelas autoras Cristiane Ganaka e Delana Corazza, pesquisadoras do Instituto Tricontinental de Pesquisa Social, numa coluna disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2024/05/22/a-situacao-da-classe-trabalhadora-no-brasil-e-a-nova-pesquisa-do-instituto-tricontinental>.

⁶ Segundo Turmina (2010), a obra de Samuel Smiles também foi, relativamente, popular na sociedade brasileira, sendo circulada, sobretudo, no ambiente escolar. Em outras palavras, “nos Estados Unidos, o livro tornou-se referência em bibliotecas de muitas escolas, inclusive no Brasil, segundo pesquisa de Bastos (2000)” (*Ibid.*, p. 41). A autora também constata, a partir da leitura de Maria Helena Câmara Bastos, a forte influência das obras de Smiles na intelectualidade brasileira no século XIX.

atividades tradicionais pré-modernas, provocadas pelo desenvolvimento a pleno vapor do capitalismo industrial. Com o incessante avanço e profunda generalização da forma de vida capitalista no final do século XIX e início do século XX, a valorização não apenas do sucesso material, como também a difusão de uma racionalidade individualista, marcado pelo utilitarismo, passam a permear o imaginário popular, em especial, o imaginário norte-americano. É nesse terreno que surge o movimento denominado de Novo Pensamento.

Diferentemente dos fundamentos morais encontrado na obra “Self-Help”, o respectivo movimento pode ser caracterizado por uma releitura de categorias mentalistas, colocando em relevo que o sucesso material e o bem-estar poderiam ser alcançados por meio da força do pensamento. A mente, nesse sentido, é a instância fundamental que daria cabo de resolver os impasses existenciais do indivíduo. Uma das contribuições principais do Novo Pensamento resulta do fato de transformar a prática de autoajuda em fenômeno de massas. Embora o movimento tenha saído de cena na década de 20, seu legado permaneceu e insiste em repercutir, uma vez que, “a procura de sucesso, poder e paz de espírito através da prática da auto-ajuda estava solidamente enraizada na mentalidade de diversas camadas da população no país e do mundo” (Rüdiger, 1996, p. 109).

Tal enraizamento dessa cultura de autoajuda não vingou somente em solo americano, uma vez que “a mentalidade veiculada por esse imaginário cultural, no entanto, já está sedimentada no Brasil, em grande medida, graças à própria influência exercida pela cultura norte-americana por aqui, sobretudo entre as camadas médias” (Castellano, 2014, p. 101). A manutenção dessa mentalidade no Brasil é corroborada pelo fato de que “no período de 1994 a 2002, o segmento de autoajuda cresceu mais de 700%, enquanto o mercado editorial brasileiro como um todo apresentou aumento de 35%” (*Ibid.*, p. 12). Por outro lado, dados mais recentes demonstram que a literatura de autoajuda no Brasil continua sendo um dos maiores gêneros consumidos. Consoante o relatório realizado pela Nielsen Bookscan e apresentado pelo Sindicato Nacional dos Editores de Livros (Snel), no período da quarentena em 2020, sobretudo no mês de julho foram vendidos 2,95 milhões de títulos em todo o Brasil, o que gerou um faturamento de R\$ 117,08 milhões.⁷ Além disso, o Clube de Autores, considerada a maior

⁷ **G1.** Livros de autoajuda e finanças pessoais dominam lista de mais vendidos durante quarentena. **G1**, 30 jul. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2020/07/30/livros-de-autoajuda-e-financas-pessoais-dominam-lista-de-mais-vendidos-durante-quarentena.ghtml>. Acesso em 17 de jun. 2024

plataforma de autopublicação da América Latina, notou um aumento expressivo de 51% na procura de obras de autoajuda no período de janeiro a agosto de 2021.⁸

Além da pertinência e o alcance que os dados demonstram sobre o consumo e a expansão da autoajuda no mercado editorial brasileiro, insistimos em apreender o gênero da autoajuda enquanto, mais do que um fenômeno editorial, um discurso responsável por difundir e despertar um imaginário empresarial sobre as emoções ao passo que promove uma autogestão emocional na forma de instruções e aconselhamentos (Figueiredo, 2018; Illouz e Cabanas, 2022). Razão pela qual decidimos realizar um recorte da literatura da autoajuda, delimitando-a no âmbito empresarial, com base nos seguintes livros do empresário influente Flávio Augusto da Silva: “Geração de valor: compartilhando inspiração” (2015), “Geração de Valor 3: é só o começo” (2016), “Ponto de Inflexão: uma decisão muda tudo” (2019). Em vista disso, duas questões foram decisivas para selecionar as obras dessa figura pública. Primeiro, por seus discursos comporem um dos traços centrais do *ethos* da autoajuda contemporâneo, típico do século XX e XXI, no qual “o homem de negócios, ganha aqui ares de celebridade, ou seja, precisa ser referendado pela mídia como alguém digno de ser admirado e tomado como modelo para além de sua atuação profissional” (Castellano, 2014, p. 43). Isso é corroborado pelo fato de Flávio Augusto se autodescrever, sendo também reconhecido por sua legião de seguidores, como um verdadeiro exemplo de liderança, em que nascido de uma realidade periférica, pertencente a classe média do Rio de Janeiro, através de suposta resiliência, esforço e inteligência prática, adquirida a partir de sua experiência empírica no mundo dos negócios,⁹ se tornou não apenas um expoente, como também uma espécie de celebridade empreendedora (Figueiredo, 2018). Ele é destacado nas mídias sociais por ser empresário e fundador da rede de escolas de Inglês *WiseUp* e *YouMove*, presentes no Brasil, Argentina, Colômbia, México, EUA e China.

Por fim, o inegável peso simbólico, além da influência social que suas ideias possuem; isso é verificado, por exemplo, pelo sucesso imediato alcançado pelos seus empreendimentos na área da educação e finanças. Um de seus projetos principais, denominado de “Geração de Valor”, conta, em média, com um alcance de 12 milhões de pessoas semanalmente.¹⁰ Diante da

⁸ **DIÁRIO DO NOROESTE**. Consumo de livros sobre autoajuda cresce 51% em 2021. *Diário do Noroeste*, 21 jan. 2022. Disponível em: <https://diariodonoroeste.com.br/consumo-de-livros-sobre-autoajuda-cresce-51-em-2021/>. Acesso em: 10 out. 2024.

⁹ Segundo informações fornecidas pela própria obra "Geração de valor 3: é só o começo", "desde que lançamos o GV1, meu nome passou a figurar na lista dos líderes brasileiros mais admirados, em pesquisa realizada pela Cia de Talentos com mais de 52 mil jovens de todo o Brasil. Nesse período, recebi vários prêmios, além de convites para participar de eventos e entrevistas em diversos meios de comunicação." (Silva, 2016, p. 5).

¹⁰ **GERAÇÃO DE VALOR**. Sobre o Geração de Valor. *Blog Geração de Valor*, [s.d.]. Disponível em: <https://blog.geracaodevalor.com/sobre-o-geracao-de-valor/>. Acesso em: 15 ago. 2024.

expertise supostamente acumulada e elaborada pelos anos de prática empreendedora do seu fundador, o principal objetivo do projeto é difundir, “democraticamente” tal conhecimento para aqueles que estão dispostos a pagar o preço requerido pela aventura empreendedora, afinal “visão, coragem e competência são a tríade essencial para quem quer mudar de vida, empreender na carreira e transformar o modo como vive”.¹¹ Suas ideias são articuladas e propaladas pelos diversos âmbitos comunicacionais com vantajoso alcance, a exemplo das redes sociais como o *Instagram*, *Twitter*, *Facebook* e *YouTube*, além do aplicativo “meusuccesso.com” e o podcast *GRVcast*.¹² Flávio Augusto é considerado, portanto, conforme Vander Casaqui (2016), um expoente da cultura empreendedora no Brasil atualmente, com considerável influência e presença na cena midiática.

Diante dessa justificativa, almejamos nesse trabalho compreender em profundidade analítica as relações entre capitalismo emocional e autoajuda empresarial mediante o seguinte problema de pesquisa: Como a narrativa de autoajuda empresarial, veiculada pelas obras de Flávio Augusto da Silva, evidencia a produção de um discurso neoliberal de autoajuda sobre as emoções estruturada na forma de instruções e aconselhamentos? Por essa razão, o central para essa monografia, portanto, é discutir o capitalismo emocional desprendendo-se das temáticas mais comuns mobilizadas por Illouz para pensar o respectivo fenômeno sendo, geralmente, a esfera do consumo e da intimidade, salientando, não obstante, uma limitação objetiva em sua teoria, pois, majoritariamente, a autora circunscreve o capitalismo emocional na realidade norte-americana (Tocino Rivas, 2023). Na tentativa de escapar dessa limitação objetiva subjacente a sua teoria, foi importante considerar a maneira pela qual o *modus operandi* do capitalismo emocional impulsiona o discurso neoliberal empreendedor no contexto brasileiro, no qual, conforme Francisco de Oliveira (1997), os direitos sociais, trabalhistas, civis e políticos são tratados como obstáculos para o mercado. Problematizar tal discurso por intermédio da *sociologia das emoções em Eva Illouz* (Gaiad, 2019) possui suma relevância, uma vez que a reprodução do neoliberalismo, conforme argumentamos, depende de uma incessante redução da realidade social a categorias essencialmente psicológicas. A relevância dessa temática para o campo da sociologia é justificada pelo fato desta possibilitar compreender os processos sociais subjacentes ao individualismo contemporâneo. Segundo Leite (2019), teóricos como Anthony Giddens (2002), por exemplo, analisam o impacto gerado pela modernidade para explicar a

¹¹ **MEUSUCCESSO.** Um sucesso chamado Flávio Augusto da Silva. **Meu Sucesso**, 2024. Disponível em: <https://meusuccesso.com/artigos/empreendedorismo/um-sucesso-chamado-flavio-augusto-da-silva-1896/>. Acesso em 23 de set. 2024

¹² **GVCAS.** Podcast. **GVCast**, [s.d.]. Disponível em: <https://gvcast.podbean.com/>. Acesso em: 15 out. 2024.

razão dos indivíduos consumirem manuais de autoajuda. O sociólogo apreende esse consumo como parte da reflexividade da sociedade moderna (Leite, 2019). Nesse ínterim, o movimento operacionalizado nessa pesquisa traz para o campo da sociologia uma contribuição, que articula a sociologia do trabalho e o pensamento illouziano, para analisar o modo como o neoliberalismo, infiltrada no mundo do trabalho, presente na autoajuda contemporânea, mobiliza as emoções, favorecendo a disseminação, como salientou Eva Illouz e Cabanas (2022), de um discurso individualista projetado para o campo emocional.

A pesquisa, portanto, demonstra sua relevância ao trazer em termos de contribuição para o campo da sociologia um modo de apreender o fenômeno da autoajuda sem recair em apreensões superficiais, isto é, que reduzem o fenômeno ao charlatanismo ou simplesmente classificam como produto ideológico direto da pura e simples alienação (Rüdiger, 1996). Por outro lado, a relevância social dessa contribuição relaciona-se com o fato da temática da autoajuda, além de ser um dos segmentos editoriais que mais crescem, traduz em seu discurso as transformações operacionalizados pelo capitalismo contemporâneo (Turmina, 2010; Rüdiger, 1996). Uma dessas transformações pode ser notada através das exigências de competências afetivas requeridas pelo mercado de trabalho contemporâneo, materializado a partir do apelo à inteligência emocional, liderança e a criatividade, no qual consoante ao levantamento realizado pela *PageGroup*, que presta consultoria em recrutamento executivo especializado, “as habilidades comportamentais mais valorizadas pelos líderes de grandes empresas da América Latina são trabalho em equipe (47,5%), inteligência emocional (33,8%) e comunicação assertiva (28,8%)”.¹³ Esse levantamento foi feito a partir da participação de 3 mil executivos de cargos de alta e média gestão no Brasil, Argentina, Chile, Peru, Colômbia e México. No que diz respeito a sociedade brasileira, a habilidade comportamental mais valorizada foi a inteligência emocional. Analisar o discurso da autoajuda demonstra seu peso e importância para o mundo social na medida que possibilita compreender a maneira pelo qual o discurso capitalista contemporâneo não apenas apropria-se, como também explora a subjetividade emocional do sujeito.

Por isso, é importante delimitarmos que, primeiro, nosso foco principal não é demonstrar como o discurso empreendedor impacta na saúde emocional dos indivíduos; segundo, não temos por objetivo elucidar a gestão do sofrimento psíquico realizada pelo

¹³ **G1.** Trabalho em equipe e inteligência emocional são habilidades mais valorizadas por grandes empresas, diz pesquisa. **G1**, 17 de nov. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/concursos-e-emprego/noticia/2020/11/17/trabalho-em-equipe-e-inteligencia-emocional-sao-habilidades-mais-valorizadas-por-grandes-empresas-diz-pesquisa.ghtml>. Acesso em 14 de out. 2024

neoliberalismo e, por fim, esse trabalho também não aspira desenvolver uma pesquisa de recepção sobre como os indivíduos leem a autoajuda. O objetivo é investigar como o discurso de autoajuda empresarial apresenta-se não somente enquanto uma cortina ideológica defasada das contradições do capitalismo, mas também articula e propõe, na forma de aconselhamentos e instruções, modos de regular e apropriar-se do campo emocional (Illouz, 2011). Razão pela qual, a natureza dessa problematização requer uma apreensão da narrativa de autoajuda, no qual “o significativo no seu estudo não é a preocupação com o conteúdo dos textos, mas a possibilidade de compreender, através deles, um conjunto de práticas sociais anônimo e disperso” (Rüdiger, 1996, p. 21), representando a articulação textual de práticas e crenças sedimentadas sociohistoricamente (*Ibid*). Em vista disso, esse trabalho é marcado por uma terceira via de compreensão do fenômeno da literatura da autoajuda que é caracterizada, conforme Picanço (2013, p. 25), “[...] através da noção de jogos de verdade (Castro, 2009), das aproximações possíveis das propostas da autoajuda à noção de cuidado de si (Alves, 2005) ou ao perceber a autoajuda como uma tecnologia política (Miller & Mchoul, 1998; Haro, 2006)”.

Essa maneira de compreender o fenômeno da autoajuda permite traduzir os enunciados nos livros de Flávio Augusto da Silva enquanto um modo do neoliberalismo recorrer às emoções como parte de um processo de conformação discursiva responsável por legitimar e endossar uma adesão ao trabalho flexível, informal e precário sob a roupagem do empreendedorismo (Turmina, 2010). Isso implica dizer, metodologicamente, que análise do discurso foucaultiana é parte fundamental dessa pesquisa para analisarmos as obras de Flávio Augusto da Silva, permitindo pensar os processos sociais pelo qual um discurso neoliberal de autoajuda sobre as emoções é construído. Nesse sentido, compreendemos que as mencionadas obras do referido empresário Flávio Augusto são parte, parafraseando Ferreira e Traversini (2013, p. 210), “[...] de uma complexa rede de relações na sociedade que permitiram que outros discursos surgissem, se combinassem com os já existentes, produzindo o contexto atual”. Nessa linha de análise discursiva, o discurso é compreendido conforme uma faceta de produção e construção da realidade social, irreduzível, portanto, a mobilização puramente linguística de enunciados de atos de fala ou de escrita (Passos, 2019). Dito de outra maneira, a compreensão foucaultiana elucidada que o discurso resulta de embates políticos, sociais e históricos, visto que visam a produção de formas diferentes de sujeição (Saraiva e Bittencourt, s.d.).

A produção do discurso, conforme Foucault (1999), é selecionada, organizada, controlada e redistribuída para excluir ou interditar qualquer discurso que seja uma ameaça a norma socialmente pré-estabelecida, pois “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos

queremos apoderar” (Foucault, 1999, p. 10). Isso ocorre por intermédio de procedimentos exteriores e internos. Os procedimentos exteriores são a interdição, separação e a oposição entre o verdadeiro e o falso. De maneira sucinta, na interdição verifica-se o domínio da proibição e do tabu, no qual nem todos possuem o direito de falar o que quiser, nem é possível enunciar determinado discurso em qualquer circunstância e não é qualquer sujeito que pode falar sobre um objeto em específico. Existe, de acordo com Foucault (1999), um tabu do objeto, um ritual da circunstância e o direito privilegiado do sujeito de enunciar um possível discurso. Na separação ou rejeição, há uma espécie de anulação ou censura social do discurso.

Foucault (1999) menciona o discurso da loucura para ilustrar esse procedimento exterior. Em seu ver, o discurso do louco é o que não pode circular no interior da realidade social. Por fim, a oposição entre verdadeiro e o falso expresso através da noção de vontade de verdade. O autor enfatiza o modo pelo qual a sociedade mobilizou inúmeros esforços para classificar o discurso verdadeiro em detrimento do falso, pontuando que o discurso eleito como verdadeiro “tende a exercer sobre os outros discursos — estou sempre falando de nossa sociedade — uma espécie de pressão e como que um poder de coerção” (Foucault, 1999, p. 18).

Os procedimentos internos podem ser expressos de três formas: comentário, autor e organização das disciplinas (Foucault, 1999). O procedimento interno do comentário relaciona-se diretamente com a figura do comentador, que revisita o discurso mediante ampliação e aprofundamento de determinados aspectos, formando outro discurso a partir do discurso originário, marcado pela repetição e reafirmação. O segundo procedimento relaciona-se com a noção de autor. Segundo Foucault (1999), o autor é a unidade de origem de significações, pois o discurso não pertence a ninguém. Nas palavras de Passos (2019, p. 2), “o discurso se (re)produz, se dissipa e se multiplica, ou seja, em uma palavra ‘circula’, através de nossas práticas languageiras, claro está, mas precisa ser deduzido delas, não são elas”. Por último, temos a organização das disciplinas, caracterizado pelo processo de organização, classificação e controle mediante o estabelecimento de uma disciplina. Um exemplo disso é a disciplina da biologia, que delimita e controla quais discursos são incluídos ou excluídos de seu campo.

Dito isso, após a seleção das obras de Flávio Augusto da Silva, (I) realizamos a leitura prévia dessas obras. (II) Extraímos os principais enunciados, verificando não apenas os enunciados materializados na escrita, como também nas imagens articuladas. (III) Posteriormente, destacamos quais emoções são mobilizadas constantemente em suas obras. (IV) Após realizarmos essas etapas, destrinchamos o modo como o domínio das emoções aparece nas suas obras, ressaltando a confluência entre a racionalidade empreendedora e a

emocional.¹⁴ (V) Com base nisso, organizamos os resultados dessa análise do discurso, mobilizada em cada obra, a partir de três tópicos. O primeiro tópico analisa a presença de uma narrativa terapêutica autobiográfica articulada por Silva. O segundo tópico preocupa-se em identificar a existência de um discurso sobre os requisitos para se tornar um empreendedor através de uma lógica emocional. Por fim, sublinhamos no terceiro tópico enunciados que estruturam um modo empresarial de gerenciar as emoções.

Sendo assim, mediante os pressupostos da análise foucaultiana do discurso, observamos um discurso sobre as emoções, marcado por alguns procedimentos exteriores e internos, bem como a repetição de alguns enunciados. Um desses procedimentos externos se relaciona a censura sobre quais emoções podem ou não serem expressas discursivamente, em que, por exemplo, o autor elencava a inveja, ressentimento, preguiça e a arrogância enquanto sentimentos a serem evitados, promovendo, por outro lado, a coragem e a construção de uma “esperança racional” como um dos fundamentos para tornar-se empreendedor. No que tange a repetição de alguns enunciados, analisamos a recorrência de um apelo ao gerenciamento emocional de natureza empresarial, isto é, o discurso sobre as emoções é impregnado de metáforas econômicas sobre eficiência, flexibilidade e inovação. Por essa razão, fundamentamos o resultado de nossas análises na medida em que o procedimento metodológico foucaultiano conduz a uma apreensão sobre o discurso do referido autor enquanto efeito de outros discursos que compõe a realidade socioeconômica atual. Razão pela qual, esse procedimento metodológico encaminha uma compreensão sobre o discurso, e os seus efeitos, face à maneira como se inscreve e é inscrita pelas relações de poder em seu nível macro e micro. Assim, “o discurso que autoriza emergir prescrições sobre a experiência prática não apenas descreve a situação através de palavras e significados, como cria uma realidade possível” (Ferreira e Traversini, 2013, p. 211–212)

A análise do discurso foucaultiana também permite situar o empresário Flávio Augusto da Silva não enquanto o fundamento direto do discurso, mas, na verdade, como um efeito das diversas práticas discursivas neoliberais, o qual compõe o capitalismo emocional, pois a noção de “autor”, nessa perspectiva, como foi mencionado anteriormente, é um princípio de agrupamento dos discursos. Em síntese, a perspectiva foucaultiana relacionada a análise do discurso é mobilizada com o propósito de analisar como esse discurso do empreendedorismo,

¹⁴ Esse modo de mobilizar e construir a análise do discurso foucaultiana tem por referência principal o estudo de Ferreira e Traversini (2013) que selecionaram as reportagens da Zero Hora, do período de janeiro a outubro de 2008, em especial, a seção sobre empregos & Oportunidades do jornal Zero Hora dessa revista, para pensar como o perfil de trabalhadores e trabalhadoras, demandados por revista, constitui, além de endossar formas de sustentar e construir uma governamentalidade neoliberal.

presente em seus livros, participam da formação de um discurso neoliberal de autoajuda sobre a esfera emocional. Parafraseando Ferreira e Traversini (2013), não existe previamente um discurso neoliberal sobre as emoções, articuladas sob a égide de uma autogestão emocional (Illouz e Cabanas, 2022), pois tal discurso está sendo produzido, como pode ser visto na perspectiva da Eva Illouz, nos manuais de autoajuda, nas tramas discursivas da psicologia positiva e nos famosos *reality shows*, a exemplo, do *reality* da apresentadora Oprah Winfrey. Entendemos, portanto, que os livros mencionados do referido empresário são parte de uma das inúmeras maquinarias que materializam esse discurso.

Nesses termos, além disso, optamos por deslocar nossa atenção para essa narrativa de autoajuda de base empreendedora de Flávio Augusto da Silva mediante o estudo de caso. A metodologia de estudo de caso é, nas palavras de Robert Yin (2001, p. 27), “a estratégia escolhida ao se examinar acontecimentos contemporâneos, mas quando não se podem manipular comportamentos relevantes”. Em outras palavras, considerando a complexidade do problema de pesquisa, que pressupõe uma discussão sobre “como” e “por que” determinadas variáveis, a saber, capitalismo emocional e autoajuda empresarial, determinam-se reciprocamente, a escolha da metodologia do estudo de caso foi fundamental, por autorizar destrinchar em profundidade e densidade empírica uma única e/ou múltiplas unidades de análises. O estudo de caso, nesse viés, também é uma perspectiva desenvolvida de natureza qualitativa cujo foco é reunir um conjunto de dados relevantes sobre o objeto de estudo, que pode ser uma pessoa, evento, comunidade, dentre outras (Saraiva e Bittencourt, s.d.). Apesar de confundido com uma etnografia ou pesquisa de campo, pois entre ambas existe a pressuposição de uma aproximação intensa com o objeto pesquisado, afirma Saraiva e Bittencourt. Dessa maneira, o que torna o estudo de caso uma estratégia metodológica singular se relaciona com sua preocupação em desvelar o aspecto de um problema por meio do desenvolvimento de um conhecimento profundo sobre o caso selecionado (Saraiva e Bittencourt, s.d.).

De acordo com Robert Stake (2009) a escolha de um estudo de caso pode ser compreendida de três maneiras, a intrínseca, instrumental e coletiva. Em resumo, na definição intrínseca, a escolha de estudo de caso se justifica pelo caso possuir alguma particularidade (Saraiva e Bittencourt, s.d.). A instrumental consiste em uma escolha mediada pela pretensão de esclarecer um problema ou até mesmo para o aprimoramento de uma determinada teoria. A coletiva, por fim, expressa um estudo que tem por foco mais casos. O autor salienta que não é um estudo sobre um coletivo, mas um estudo que envolve vários casos. A escolha elencada para o desenvolvimento dessa pesquisa está calcada em uma perspectiva instrumental, pois temos

por pretensão avançar com a teoria das emoções illouzliana para compreender as relações entre capitalismo emocional e a autoajuda empresarial. Por esse motivo, um dos pontos positivos para a mobilização dessa estratégia de pesquisa nessa monografia justifica-se, principalmente, por permitir um maior aprofundamento sobre as características do fenômeno social estudado. Nesse sentido, tal metodologia permite colocar em destaque, especialmente, a teoria social crítica das emoções illouzliana como veículo central para a generalização dos resultados obtidos nessa pesquisa ao examinar o referido empreendedor-celebridade como nossa unidade de análise, isto é, o caso único a ser problematizado. A justificativa para trabalharmos com o estudo de caso único encontra ressonância na proposição de Yin, em que “o caso único pode significar uma importante contribuição à base de conhecimento e à construção da teoria” (2001, p. 62). A investigação desse estudo de caso único sustenta-se a partir da análise sobre as supracitadas fontes de informação ou evidência, a saber, os livros de Flávio Augusto da Silva.

Desse modo, por meio da teoria social crítica das emoções em Eva Illouz, elaboramos os seguintes objetivos, a) Investigar a relação entre capitalismo emocional e autoajuda empreendedora; b) Identificar os elementos neoliberais presentes narrativa de autoajuda empreendedora; c) Ilustrar que os valores neoliberais em torno do empreendedorismo são disseminados através das emoções articuladas no discurso de autoajuda; d) Demonstrar a construção de um discurso neoliberal de autoajuda sobre as emoções operacionalizada nas obras de Silva. A hipótese defendida é que as estratégias discursivas condensado na forma de truísmos e aconselhamentos presente nos livros selecionados possibilitam demonstrar o fato da narrativa de autoajuda empresarial se encaminhar em direção à construção de um *ethos* emocional calcado na racionalidade empresarial, que, em um nível macro e objetivo, acompanha as novas formas de tecnologia política do Capital sobre o trabalho.¹⁵ Tendo isso em vista, o trabalho será arquitetado em quatro capítulos.

O primeiro capítulo consiste na articulação do duplo referencial que alicerça as reflexões mobilizadas na presente monografia, o qual diz respeito a sociologia do trabalho e das emoções. Uma das preocupações estruturantes do capítulo encontra sua razão de ser na apresentação sucinta da sociologia do trabalho e sua importância para as premissas centrais dessa pesquisa, que será desenvolvido no primeiro tópico. Estabelecendo, nesse sentido, um diálogo contínuo entre o universo do trabalho e das emoções. A sociologia do trabalho permite

¹⁵ É importante salientar que o conjunto de ideias empreendedoras, em concordância com Casaqui (2016, p. 4), “é visto em suas tramas discursivas como um tema a ser desconstruído, observado com distanciamento, discutido à luz as teorias sociais, que problematizam as questões do mundo do trabalho, os sentidos do empreendedorismo e seus desdobramentos na vida cotidiana”.

acessar um amplo leque teórico-empírico acerca dos impactos da precarização do trabalho, além de evidenciar as novas formas de dominação e exploração do capitalismo flexível (Sennett, 2014). No intuito de refletir sobre o papel da categoria socioantropológica das emoções no interior dessas novas formas de dominação e exploração, além da obra “Outras sociologias do trabalho: flexibilidades, emoções e mobilidades” organizado pelo sociólogo brasileiro Jacob Lima (2013), recorreremos à teorização da socióloga norte-americana Arlie Hochschild sobre o gerenciamento das emoções e o trabalho emocional presentes na sua obra *The Managed Heart: Commercialization of Human Feelings* (1983). Finalizamos ao apresentar brevemente, a partir de um diálogo plural, por exemplo, entre Eva Illouz, Richard Sennett e Barbara Ehrenreich, as condições sociais e históricas que tornam as emoções dimensões importantes do local de trabalho.

No segundo capítulo, a sociologia das emoções é mobilizada, portanto, para caracterizar e apreender tal dinâmica neoliberal. Em um primeiro momento, contextualizamos o surgimento internacional e nacionalmente da sociologia das emoções. Ao realizar isso, direcionamos nossa preocupação para pensar o fenômeno do capitalismo emocional, sendo desenvolvido a partir da apresentação da teoria sociológica das emoções em Eva Illouz. Assim, para além das temáticas clássicas do trabalho doméstico e o impacto dos papéis de gênero na constituição do mundo do trabalho, a compreensão sociológica dessa autora sobre o papel dos afetos na constituição dos circuitos socioculturais da modernidade apreende uma multiplicidade de fenômenos socioemocionais que saturam o universo do trabalho no contexto neoliberal. Nessa multiplicidade de fenômenos do capitalismo emocional, interessa, especificamente, o fenômeno da literatura de autoajuda, que a mencionada autora analisa a partir da ideia de *narrativa terapêutica de autoajuda* (Illouz, 2011). Depreende-se disso, os alicerces para fundamentar o tópico seguinte.

O terceiro capítulo tem por objetivo discutir o modo como a autoajuda no contexto atual produz e circula o discurso neoliberal empreendedor. O propósito é oferecer mais substancialidade aos apontamentos de Eva Illouz, realizados no tópico anterior, sobre a autoajuda no capitalismo emocional tendo por fio a narrativa empreendedora. Sendo assim, primeiro apresentamos um panorama histórico do discurso da autoajuda. Segundo, discutimos a expansão da autoajuda no contexto brasileiro sob uma forma neoliberal, problematizando, nesse sentido, a autoajuda empresarial a partir das contribuições da socióloga e antropóloga Martelli (2006). Por último, realizamos uma distinção importante, com base na argumentação da citada autora, para compreender como determinadas discursos incorporam o *ethos* da

autoajuda, embora os próprios autores não compreendam sua produção sob essa rubrica, que é o caso dos mencionados livros de Flávio Augusto da Silva.

Atravessado por essas premissas, a ambição responsável por estruturar o quarto capítulo envolveu a pretensão, grosso modo, em costurar o nexo, constituído pelo problema e hipótese central dessa monografia, entre neoliberalismo e emoções tendo por fio condutor, isto é, por objeto, a narrativa de autoajuda presente nos livros escolhidos. A intersecção crítica das discussões teóricas do primeiro capítulo com o material discursivo dos livros analisados é uma das articulações capitais dessa pesquisa. Por essa razão, preconizamos em examinar os respectivos livros ao decorrer de cada tópico. Evidenciamos a construção neoliberal de um discurso sobre as emoções inscrita na narrativa do referido empreendedor-celebridade (Casaqui, 2016). Nesse sentido, é demonstrado que um dos flancos dessa construção emocional de caráter neoliberal aparece na forma de autogerenciamento emocional, no qual é aconselhado para o público um *labor* sobre as próprias emoções, que supostamente resultaria na transformação de si em um autêntico empreendedor.

Sabendo disso, o objetivo do capítulo gravita na apreensão de como tal construção discursiva neoliberal verificado no recorte mencionado pressupõe uma espécie de narrativa empresarial de base emocional. O discurso empreendedor, em especial, presentes nesses livros é calcado também por um processo de emocionalização, no qual são perceptíveis enunciados e instruções que desvelam uma (auto)exploração da subjetividade emocional para tornar-se empreendedor. Essa percepção é basilar para explorar e interrogar o modo como o capitalismo emocional assume configurações distintas e particulares na periferia do capitalismo brasileiro. Nas palavras de Flávio Augusto (2016), é necessário coragem, além de um excelente domínio das emoções, isto é, uma *intelligentsia* emocional daqueles que decidiram abandonar as supostas regalias de um trabalho salvaguardo por garantias e direitos providos pela CLT (Consolidação das Leis de Trabalho) para serem verdadeiros sujeitos livres, agora, para empreender. Foram destacados, nesse sentido, diversos enunciados, além de terem sido *escavados* as respectivas características desse discurso sobre as emoções que, repetidamente, eram conformadas, em maior ou menor medida, aos ditames desta lógica neoliberal.

2. CAPÍTULO I - HORIZONTES TEÓRICOS PARA A COMPREENSÃO DAS EMOÇÕES NO MUNDO DO TRABALHO

O capítulo tem por objetivo estabelecer um diálogo contínuo entre a sociologia das emoções e a sociologia do trabalho, enquanto dimensões fundamentais para compreender e investigar o problema de pesquisa envolvendo emoções, neoliberalismo e autoajuda. Essa intersecção tem por base a questão sobre o modo pelo qual o discurso neoliberal de autoajuda, presente nos livros examinados, constitui e demanda uma gramática emocional, a qual também é difundida. É por esse motivo que a problematização sobre as respectivas interfaces considera também analisar as emoções, no interior da atual fase do capitalismo, como um dos ingredientes fundamentais para a formação discursiva a respeito do(a) trabalhador(a), que é convertida num dos elos dessa narrativa sobre um suposto “*self* emocional” orientado para o empreendedorismo. Não por coincidência, tal “*self* emocional”, direcionado pela lógica empresarial, ressoa na seguinte descrição autobiográfica de Flávio Augusto da Silva, “foi ali que me descobri, que conquistei a independência financeira de meus pais e que aprendi a pensar fora da caixa limitada da CLT” (2019, p. 63).

Esse simples trecho extraído de sua obra autobiográfica denominada “Ponto de Inflexão: uma decisão muda tudo” (2019) implica pensar numa sociologia do trabalho que não esteja confinada e restrita a clássica problematização acerca do mundo do trabalho fabril industrial, pois a própria narrativa existe por conta de um ponto de inflexão social e econômico. Tal ponto de inflexão é expresso pela reestruturação produtiva aliado aos novos fenômenos da realidade do labor impulsionada, inclusive, pelas chamadas reformas neoliberais - como, por exemplo, a crescente precarização do trabalho, além da exponencial expansão do setor de serviços¹⁶- implicam maior atenção em considerar, conforme Lima (2013), outras sociologias do trabalho, uma vez que, de maneira ampla, sinaliza as novas questões a respeito da mobilidade do capital e do trabalho perpassada, principalmente, por outros recortes, o gênero, raça, subjetividade e emoções. Tendo em vista esses recortes, a sociologia das emoções apresenta-se como uma possibilidade fundamental para interpretar esse contexto socioemocional de perpetuação do neoliberalismo visível na flexibilização das relações de trabalho, em que pese o crescimento esmagador do número de empreendedores individuais no Brasil. Isso foi constatado, por exemplo, pela pesquisa realizada pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), mediante o fato de que durante o ano de 2022

¹⁶ Segundo a pesquisa mensal do IBGE, no Brasil, embora o período de 2023 apresente uma relativa oscilação descendente, menos intensa, desse setor, isso não impediu que tal ano fechasse com alta de 2,3%, terceira alta anual seguida. Ademais, essa dinâmica de crescimento expressiva vem se desenvolvendo, consecutivamente, sobretudo, desde 2021 e 2022. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/39175-setor-de-servicos-varia-0-3-em-dezembro-e-fecha-2023-com-terceira-alta-anual-seguida>. Acessado em 15 de fevereiro de 2024

microempreendedores fizeram circular na economia brasileira R\$ 35 bilhões por mês resultando em R\$ 420 bilhões no ano.¹⁷

Pensando nisso, o primeiro tópico tem por finalidade demonstrar o modo pelo qual as emoções podem ser problematizadas por um diálogo interdisciplinar entre a sociologia do trabalho e a sociologia das emoções. Para concretizar esse objetivo, foram selecionados os respectivos autores e autoras, Jacob Lima, Valquiria Padilha, Mauro Guilherme Pinheiro Koury, Marieze Torres, Igor Macedo Reis, Eva Illouz e Arlie Hochschild. Esse subtópico será arquitetado em dois momentos. O primeiro momento, consiste numa apresentação introdutória acerca das transformações neoliberais e seus impactos naquilo que, principalmente, no interior das ciências sociais, convencionou-se chamar de sociedade do trabalho, questionando como e por que as emoções se tornaram um dos objetos centrais da produção neoliberal. A preocupação crucial para o propósito desse capítulo, trata-se de evidenciar que, de um jeito ou de outro, as emoções são essas hóspedes incômodas que não cessa de inscrever sua pertinência analítica face às transformações contemporâneas no mundo do trabalho (Padilha, 2013; Lima, 2013; Koury, 2006; Reis, 2018; Lordon, 2015; Torres, 2009).

Em um segundo momento, articulamos não apenas a contribuição sociológica de Hochschild (2003) a respeito do trabalho emocional e do gerenciamento das emoções, como também dos conceitos fornecidos pela socióloga Eva Illouz, a saber, mercadoria emocional e capitalismo emocional. Trata-se de leituras centrais responsáveis por desvelar essa intersecção das mencionadas disciplinas sociológicas. Concentrando-se nas transformações do universo do trabalho; o propósito é pôr em relevo o aparecimento das emoções enquanto objeto do Capital, salientando a “captura” da subjetividade do trabalho pelo Capital (Alves, 2008). De forma concatenada com o primeiro tópico sobre trabalho e emoções, o segundo tópico estrutura-se na apresentação das considerações sobre o surgimento e a consolidação da sociologia das emoções no contexto internacional e brasileiro. Após isso, introduzimos a *sociologia das emoções em Eva Illouz* (Gaiad, 2019). Essa apresentação possibilita contextualizar o fenômeno da autoajuda tendo por ideia-força o conceito illouziano de capitalismo emocional e *emodities* (mercadoria emocional) (Illouz, 2011). Em vista disso, a *sociologia das emoções em Eva Illouz* (Gaiad, 2019) reúne analiticamente o discurso da autoajuda sob diversos pontos de vista; estendendo-se desde a esfera do labor, vida íntima à esfera consumo.

¹⁷ **SEBRAE**. Estudo do Sebrae mostra o perfil dos empreendedores do Brasil. **Sebrae**, 2016. Disponível em: <https://sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/conteudos/posts/estudo-do-sebrae-mostra-o-perfil-dos-empreendedores-do-brasil,f44fbc8f99777810VgnVCM1000001b00320aRCRD>. Acesso em 16 de fevereiro de 2024.

Dentre as consequências mais instigantes e frutíferas do conceito de capitalismo emocional para esse trabalho relaciona-se com a possibilidade de problematizar o fenômeno da autoajuda como um mecanismo discursivo de apropriação e submissão neoliberal das emoções que deságua nos livros de Flávio Augusto examinados que, conforme, a hipótese defendida, constroem, articulam e expressam, na forma de truísmos e prescrições, uma narrativa empreendedora sobre as emoções. Razão pela qual, a dimensão emocional é lida enquanto parte essencial dessa lógica discursiva empreendedora. Perante isso, o último tópico apresenta, a partir dos(as) autores(as) Dardot e Laval, Francisco Rüdiger, Claudia Turmina, Mayka Castellano, Carla Martelli, Maraisa Gaiad e Eva Illouz, o papel emocional da autoajuda e o modo como isso aparece na construção do discurso acerca de uma gestão empreendedora marcada pelo primado das emoções.

Esse tópico também segue a mesma forma de exposição do subtópico anterior, a saber, primeiramente, é apresentado as metamorfoses históricas e sociais que a literatura de autoajuda sofreu, além do surgimento da assim denominada literatura de autoajuda. Por fim, o segundo momento consiste na apreensão e problematização dessa categoria em tempos de expansão acelerada da lógica neoliberal para os mais diversos âmbitos da existência social. Apesar dos três tópicos desse primeiro capítulo estarem aparentemente separados, as premissas desenvolvidas possuem uma ligação sistemática e uma progressão cumulativa para o objetivo central que é localizar o papel da literatura de autoajuda em um contexto, onde o neoliberalismo cada vez mais a transforma em uma forma de manutenção e expansão autotélica de sua lógica para o campo emocional. Para além dos óbvios juízos moralizantes sobre a literatura de autoajuda, elucidamos que os sistemas de autoajuda também têm bastante a dizer, partindo da tese defendida por Martelli (2006, p. 184) “[...] sobre um tipo de homem, um modo de ver a natureza, a sociedade, um modo de pensar as relações entre os homens”.

2.1 - Hóspedes incômodas na sociologia do trabalho? as emoções administradas do Capital

O nome do respectivo tópico é tributário da tese de doutorado “hóspedes incômodas? emoções na sociologia norte-americana” da socióloga Marieze Souza Torres (2009). Em termos gerais, a tese examina a discussão teórica sobre as emoções no âmbito da produção sociológica norte-americana. A autora defende a proposição de que uma análise sociológica, que incorpore as emoções e suas relações com o domínio do corpo, embora já se configure, ainda deve ser continuamente almejada. A menção a essa tese de doutorado justifica-se por servir de inspiração em pensar, de modo análogo, a entrada das emoções na discussão sociológica do trabalho, o

qual é problematizando mediante breves considerações sobre as transformações da supracitada disciplina sociológica. O principal objetivo é demonstrar que essas hóspedes incômodas, a saber, o domínio dos afetos e emoções, possibilitam acessar e examinar o ponto nevrálgico das transformações sociais e subjetivas do universo laboral. A maneira como as emoções serão problematizadas terá, primeiramente, por eixo teórico as reflexões contidas na coletânea *Outras Sociologias do Trabalho* (2013) — organizado pelo sociólogo Jacob Carlos Lima —, que foi construída a partir das investigações desenvolvidas por um grupo de pesquisa da UFSCar e um projeto temático da FAPESP. Vale sublinhar que a expressão “outras sociologias do trabalho” explica a “expansão da subdisciplina para além dos muros da fábrica, fronteira imaginária que a converte até o final do século XX” (Lima, 2013, p. 9).

Resumidamente, a coletânea, por um lado, tem por mote apresentar algumas das novas tendências dos estudos sobre o trabalho, enfatizando, por exemplo, a expansão do setor de serviços e as demandas em torno do trabalho emocional. Por outro lado, constrói, inicialmente, um panorama sobre as mutações das relações de trabalho no Brasil, pontuando os efeitos da reestruturação produtiva pós-reformas neoliberais. Na segunda parte da coletânea, a obra apresenta pesquisas sociológicas que articularam o universo do trabalho e a sociologia das emoções mediante o conceito de trabalho emocional da socióloga norte-americana Arlie Russell Hochschild. Dessa segunda parte resgatamos a explanação teórica da autora brasileira Valquiria Padilha sobre os conceitos basilares desenvolvidos pela mencionada socióloga norte-americana. Esse resgate é deslocado para o segundo eixo teórico desse tópico, cuja base é articular as reflexões, presentes principalmente na obra *The Managed Heart: Commercialization of Human Feelings* de Arlie Hochschild (2003).

Essa obra investiga com vasto arsenal teórico-empírico a conexão entre as esferas emocionais e laborais referente ao estudo empírico sobre o trabalho emocional operacionalizado pelas aeromoças e cobradores da companhia aérea norte-americana *Delta Airlines*, além de notar, mediante observação dos treinamentos das aeromoças nessa companhia aérea, as exigências de controle e gerenciamento das emoções. Em razão disso, salientamos o fenômeno da reestruturação produtiva do capitalismo enquanto pilar importante para o surgimento de formas de exploração e consumo da capacidade emocional do trabalhador(a) com base em Hochschild. Por sua vez, os mecanismos ideológicos e culturais responsáveis por cooptar o plano emocional para a esfera do trabalho foram analisados com base na introdução de alguns conceitos basilares da socióloga franco-marroquina Eva Illouz (2018). Sua reflexão, mediante os conceitos de mercadoria emocional e capitalismo emocional, proporcionou outra ordem de reflexão sociológica das dimensões culturais, econômicas e históricas do atual estágio

do capitalismo. Com base na perspectiva illouziana, explicamos a maneira pela qual essa reestruturação econômica-política do neoliberalismo tornou “o local de trabalho capitalista diante das emoções bem menos imune a elas do que comumente se admite” (Illouz e Alaluf, 2020, p. 79).

2.1.1 Breves considerações sobre a sociologia do trabalho

Nesse sentido, na obra “Outras Sociologias do Trabalho: flexibilidades, emoções e mobilidades”, o sociólogo brasileiro Jacob Lima (2013), professor Titular no Departamento de Sociologia da Universidade Federal de São Carlos, descreve analiticamente o processo de constituição da sociologia do trabalho brasileira, que em um dado momento era bastante restrita a esfera fabril, resultando em uma atenção rarefeita ao domínio da subjetividade. Nesse ínterim, em um primeiro momento, a disciplina confundia-se, até os anos 1970, com uma sociologia do desenvolvimento, em que a formação da classe operária brasileira foi examinada tendo em vista o contexto da industrialização de um país em pleno processo de modernização. O autor salienta que a pesquisa sobre o trabalho no Brasil pode ser compreendida em duas vertentes. A primeira vertente discute sobre o processo de reorganização dos trabalhadores no Brasil, destacando sua relação com o aparato Estatal “[...] que as reprime num primeiro momento e procura cooptá-las a seguir, no período Vargas, destacando-se estudos sobre o sindicalismo, e os que versam sobre a modernização industrial e suas consequências para uma população de origem rural” (Lima, 2013, p. 15).

Por seu turno, a segunda vertente apresenta-se mais próxima da sociologia urbana “com estudos sobre a marginalidade social que discutiram a questão do exército industrial de reserva sobrando nas cidades” (Lima, 2013, p. 15). Postula-se a tese segundo o qual a informalidade no Brasil, na verdade, possui uma funcionalidade importante para a acumulação industrial. Todavia, esse cenário ganha uma nova roupagem a partir da década de 1980, pois nessa circunstância histórica acontece as reformas neoliberais imbricadas, de maneira simbiótica, com a reestruturação econômico-produtiva, consolidando-se, sobretudo, “na década de 1990 com a abertura econômica e a necessidade das empresas se adequarem à competitividade internacional” (Lima, 2013, p. 18). Noutros termos, um dos pontos de ignição responsáveis pelo processo de reestruturação produtiva, com efeito, resulta da crise do modelo taylorista-fordista. Em meio à instabilidade sistêmica do modelo de acumulação fordista, o Toyotismo emerge como uma possível saída dos impasses induzidos pelas próprias contradições do Capital (Lima, 2013).

Inaugura-se uma forma de acumulação, nomeada de acumulação flexível, pautada na redução de custos, intensa procura por novas tecnologias, além “[...] da eliminação de direitos sociais vinculados ao trabalho, do fim da sociedade do trabalho como sociedade dos direitos e do neoliberalismo como a sua materialização política” (Lima, 2013, p. 18). O sociólogo brasileiro Igor Macedo Reis (2022), em sua tese de doutorado “precarização e sofrimento no trabalho: o caso dos motoristas de aplicativos”,¹⁸ explica que o neoliberalismo tem seu apogeu, principalmente, no início da década de 1990 com o governo de Fernando Collor de Melo. Esse apogeu tem por pilar a implementação das seguintes políticas neoliberais: “(1) liberação comercial como novo impulso no processo de privatização; (2) reestruturação das políticas sociais; (3) desregulamentação e flexibilização das relações trabalhista; (4) austeridade no gasto público” (Reis, 2022, p. 49).

Para a formação do neoliberalismo à brasileira, a liberação comercial foi uma espécie de carta Às que no interior de um jogo político nesse período demandou, coercitivamente, “as empresas no Brasil a impulsionarem mais e mais o complexo de reestruturação produtiva” (*Ibid.*, p. 50). Um dos emblemas disso é a produção de condições econômicas e políticas para a consolidação do Toyotismo responsável por estruturar a parceria entre capital e trabalho no processo de produção (Reis, 2022). À medida que o complexo de reestruturação produtiva sobredetermina a economia capitalista brasileira, “surge o desemprego estrutural, a precariedade, e a insegurança, que penetram na classe trabalhadora” (Reis, 2022, p. 50). Esse processo possui seus contornos mais fortes também com as políticas econômicas estabelecidas pelo presidente da república Fernando Henrique Cardoso na década de 90, sobretudo a partir da reforma do Estado, materializado nas privatizações e reformas administrativas.¹⁹ Ante isso, foi constituído um novo controle sobre a organização do trabalho que incide, especialmente, na subjetividade da classe trabalhadora.

Face à necessidade de maximizar o desenvolvimento das forças produtivas no Brasil, nos anos 2000, com a eleição de Lula, consolida-se um pacto conciliatório entre as classes sociais, razão pela qual “as relações de produção no Brasil da década de 2000 são a continuação do modelo de acumulação capitalista, plenamente entrelaçado com a reestruturação produtiva

¹⁸ Além de demonstrar uma gestão neoliberal do sofrimento psíquico dos motoristas de aplicativos, o autor, mediante o aparato metodológico e teórico da sociologia clínica, enfatiza “a importância dos afetos e das emoções na condução do trabalho no mundo contemporâneo” (2022, p. 17).

¹⁹ “Apresenta-se um cenário “mais amplo de modernização” que inclui certamente um enorme complexo de reestruturação produtiva no Brasil, como podemos observar através da instituição de células de produção, reorganização espacial de fábricas, divisão de instalações industriais em “minifábricas”, flexibilização das funções e a polivalência (BRAGA, 1997)” (Reis, 2022, p. 50).

estabelecida nos anos anteriores.” (Reis, 2022, p. 52). A continuação dessa reestruturação produtiva por outros meios constituiu um cenário histórico no mundo do trabalho marcado, pujantemente, pelo crescimento exponencial do capitalismo financeiro (Reis, 2022). A predominância da faceta financeirizada da economia capitalista lança as condições para o surgimento de novos postos de trabalho que, conforme Reis (2022), podem ser apreendidos por uma ascensão em larga escala do número de trabalhadores(as) de telemarketing ou/e dos(as) motoristas de aplicativos de viagens no Brasil. Razão pela qual:

Essas novas profissões e ocupações exigem das Ciências Sociais, mais precisamente da Sociologia do Trabalho, uma renovação dos seus conceitos e formas de investigação, já que com o crescimento do setor de serviços e suas várias formas de captação de força de trabalho, compromete a perpendicular forma de estudos voltados para as condições econômicas da classe trabalhadora ou então dos seus mecanismos de defesas políticas, pois as demandas desse novo setor abrange também para outros territórios que pouco foi desenvolvido dentro da Sociologia, como a noção do indivíduo que trabalha para além do próprio trabalho” (Reis, 2022, p. 54)

Tal mudança no mundo do trabalho proporcionada pelos impactos do neoliberalismo, colocam em cena o domínio da subjetividade, em especial, das emoções. Por esse motivo, cabe mencionar que um dos pontos centrais da tese de Igor Reis para essa monografia consiste na constatação de que, por exemplo, o trabalho desempenhado pelos motoristas de aplicativos de viagem no Brasil é marcado por uma (auto)exploração dos afetos e emoções, o qual resultam numa carga de sofrimento. Dentre as 10 entrevistas semiestruturadas realizadas, o autor decidiu focar em 4 casos. Assim, Reis (2022) analisou a vivência desses motoristas de aplicativos de viagens, desvelando os mecanismos pelo qual o neoliberalismo incide sobre a subjetividade dos respectivos entrevistados, sinalizando que o neoliberalismo, além de intensificar as desigualdades estruturantes do capitalismo, é uma forma de gestão do sofrimento. Com base nisso, o autor nota a presença de sentimentos como, por exemplo, a vergonha, complexo de baixa-autoestima, medo e constante frustração trabalho precarizado. Em uma de suas entrevistas, por exemplo, o autor afirma que o entrevistado relata ter tido um ataque de pânico, que, progressivamente, passou a ser reduzido ao ter supostamente retomado ao controle por conta própria. Esse fato relatado permite Reis (2022) compreender que o entrevistado:

[...] não trabalha somente porque precisa sobreviver, não se “aventura” no mundo precarizado das plataformas digitais de aplicativos de viagens apenas para angariar

algun recurso financeiro, ele está também em busca de construir a sua subjetividade. Todavia, as técnicas de poder do neoliberalismo, principalmente a noção exacerbada de “seja você seu próprio patrão”, corrói toda tentativa de engajamento por essa via, sendo o sujeito “empreendedor de si” a presa mais fácil de se aproveitar, explorando todas as suas energias físicas e cognitivas. (Reis, 2022, p. 146)

Nesse sentido, Reis (2022) frisa que o capitalismo tem suas formas de regulação da subjetividade, que assumem diferentes formas a cada período. Percorrendo um caminho distinto do proposto por Reis (2022) em sua tese, mencionamos que uma dessas formas de regulação da subjetividade foi, brilhantemente, descrita por Max Weber (2004) na sua obra “A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo”. O sociólogo alemão explica que um dos elementos que contribuem para o surgimento do capitalismo diz respeito a ética calvinista, uma vez que “foi o fator que permitiu e justificou não apenas a acumulação capitalista, mas também o comportamento indispensável para a aceitação e manutenção do estilo de vida capitalista” (Beserra, 2004, p. 89). Nesse cenário, Weber (2004) ilustra as razões que explicam o porquê de os protestantes estarem mais ligados a riqueza material e ao prestígio. O autor nota que a ética protestante, o qual impõe um disciplinamento sobre os desejos e emoções do sujeito, carrega em seu núcleo o espírito do capitalismo (Beserra, 2004). A ética protestante propicia uma justificativa divina para o sujeito buscar estar adequado ao funcionamento da ordem laboral na sociedade capitalista. A manutenção dessa busca tem por alvo justamente o desfrute de um sentimento de “dever cumprido” obtido após ter realizado o trabalho (Weber, 2004). Esse sentimento de “dever cumprido” propiciaria uma motivação psicológica para o sujeito associar o sucesso do seu trabalho como um dos requisitos para obter a salvação. Assim, é possível notar, mesmo que sumariamente, o fato de que Max Weber (2004) elucida as condições subjetivas que formaram uma ética do trabalho no contexto do capitalismo industrial.

Em vista disso, quando consideramos as metamorfoses que o modo de acumulação capitalista sofreu ao decorrer do tempo, é notável que a racionalidade neoliberal imprime outras formas de regulação distintas daquelas analisadas por Weber (2004), por exemplo. Nesse viés, o conceito de capitalismo emocional (Illouz, 2011) demonstra os mecanismos pelos quais o capitalismo contemporâneo produz as condições subjetivas para conformar o trabalhador ao discurso neoliberal. Conforme Reis (2022, p. 133), “talvez as formas de produção — seja ele mercantil, industrial ou financeiro — tenham mesmo capilaridades que se estendem para todos os poros da subjetividade humana,” motivo pelo qual, prossegue Reis, “podemos agora falar de capitalismo da emoção, como proposto por Eva Illouz e Yaara Alaluf, sendo o

neoliberalismo não só a expressão de um sistema socioeconômico, mas também uma forma de gestão psíquica” (2022, p. 134). A tese de Igor Reis (2022), portanto, articula uma investigação que também considera o modo pelo qual a subjetividade e as emoções são operacionalizadas nessas novas formas de trabalho, o qual emergem em um contexto de expansão crescente do setor de serviços.

De acordo com a socióloga brasileira Bila Sorj (2000), a crescente importância do setor de serviços não apenas no Brasil, como também internacionalmente, possibilitou vingar “novas modalidades de controle gerencial ou regulação que escapam às categorias de análise tradicionais da Sociologia” (Sorj, 2000, p. 30), apresentando, portanto, “o desafio de integrar às suas preocupações um conjunto de novos elementos” (*Ibid.*, p. 30). Um desses novos elementos relacionam-se com questões envolvendo (I) o contato interpessoal como parte do processo de trabalho; II) integração entre trabalho e consumo, em que uma parte da realização do trabalho é o produto sendo consumido; III) agrupamentos sociopolíticos de consumidores que requerem a elevação da qualidade dos serviços fornecidos (Sorj, 2000). Em sintonia com essa linha argumentativa, Lima (2013) explica que o estudo da subjetividade empreendida pela sociologia do trabalho convoca, em contrapartida, a compreensão de como as novas teorias organizacionais, a exemplo da teoria das relações humanas e a teoria comportamental da organização, propiciam mecanismos de captura da subjetividade, em que há um engajamento subjetivo modulado pela internalização dos valores empresariais.

Portanto, o ponto axial dessa reflexão para a estrutura desse primeiro tópico e capítulo também consiste em conjugar os elementos apresentados por Sorj (2000), Reis (2022) e Lima (2013) sobre a neoliberalização do social; marcado por essa internalização dos valores empresariais sem perder de vista o modo como as emoções são parte constituintes desse processo. Ao passo que a sociologia do trabalho amplia os contornos de suas fronteiras epistemológicas, deslocando-se para outras temáticas insurgentes das atuais condições socioeconômicas do capitalismo, ela recepciona as “hóspedes incômodas” em suas investigações implicando-se, intimamente, em confrontar os desafios mencionados acima que escapam às categorias tradicionais da Sociologia. À luz desses desafios, as contribuições de Hochschild (2003) e Illouz (2011) tornam-se partes indispensáveis para empreender uma reflexão que coloque o domínio das emoções no cerne das transformações econômicas e culturais oriundas da reestruturação produtiva neoliberal.

2.1.2 O gerenciamento capitalista das emoções no trabalho

Em conformidade com isso, mobilizamos o estudo seminal da clássica obra *The Managed Heart: Commercialization of Human Feelings* (2003) da socióloga norte-americana Arlie Russell Hochschild,²⁰ que pavimentou o caminho para uma nova agenda de pesquisa na sociologia das emoções derivada, em larga medida, da formulação do conceito de trabalho emocional (*emotional labor*). Um relevante exemplo disso encontra eco na emergência de linhas de pesquisa sobre os efeitos ou/e invisibilização do trabalho emocional, além de seu papel enquanto trabalho qualificado no contexto organizacional, presente nas dinâmicas do mundo contemporâneo do trabalho (Steinberg; Figart, 1999). Essa nova agenda foi também responsável por estimular pesquisas sobre os afetos e emoções no contexto laboral no final da década de 1970. Com base na citação de um abrangente levantamento realizado pelos autores Brief e Weiss (2002), as autoras brasileiras Bonfim e Gondim (2010), demonstram que “se discutiu pouco sobre este tema antes do começo da década de 1930 e assinalam que a abordagem sociológica de Hochschild, no final da década de 1970, estimulou investigações sobre o tema” (Bonfim e Gondim, 2010, p. 17).

As supracitadas autoras, prosseguem argumentando que aproximadamente há duas décadas, “o interesse pelo estudo dos fenômenos afetivos no contexto organizacional reacendeu, impulsionado, principalmente, pela emergência de novos padrões emocionais para atender satisfatoriamente às exigências de perfil ocupacional no setor de serviços” (2010, p. 11). Esses novos padrões emocionais relacionam-se, principalmente, com a demanda de trabalho emocional e inteligência emocional para o desempenho de determinadas atividades laborais (Bonfim e Gondim, 2010). É no interior desses novos padrões emocionais que Arlie Hochschild articula e elabora uma série de conceitos sociológicos para elucidar como emoções, trabalho, classe e gênero estão intimamente entrelaçados.

Seus *insights* sociológicos explicam diferentes aspectos da vida emocional, interseccionando os níveis micro e macrossociais da realidade. Um dos fios teóricos responsáveis por possibilitar tal entrelaçamento, conforme Torres (2009), dimana da interdisciplinar e crítica interlocução construída com os autores (George Herbert Mead, John Dewey, Erving Goffman) pertencentes a tradição sociológica interacionista; desdobrando-se também para os pensadores (Charles Darwin, Sigmund Freud, Karl Marx, Émile Durkheim e

²⁰ A autora dedica-se em estudar o campo das emoções há mais de 20 anos, sendo responsável por desenvolver um conjunto de trabalhos acadêmicos fundamentais para a consolidação da sociologia das emoções. Dentre algumas de suas obras fundamentais, destacam-se *The Managed Heart: Commercialization of Human Feeling* (1983), *The Second Shift* (1989), e *The Time Bind: Work Becomes Home and Home Becomes Work* (1997); *The commercialization of intimate life: notes from home and work* (1983).

Charles Wright Mills) de matrizes epistemológicas dissonantes ou consoante a sua perspectiva. Mediante isso, Arlie Hochschild (2003) orquestra um conceito de emoções, que contempla o psicológico e o social, sem recair numa apreensão reducionista e unilateral. Por exemplo, na tradição interacionista, mobiliza Erving Goffman, problematizando como os fatores sociais interagem e influenciam a esfera emocional. Na tradição organicista, em concordância com Darwin, toma emprestado a ideia de que as emoções envolvem um preparo corporal orientado para uma ação real ou imaginária (Hochschild, 2003). Novamente, retornando à tradição interacionista, agora, a partir das premissas freudianas, postula que as emoções possuem uma função sinalizadora responsável por emitir informações ao sujeito sobre aquilo que ocorre no ambiente externo, além de atuarem na construção de nossas expectativas (Hochschild, 2003).²¹

Razão pela qual, as emoções são dimensões fundamentais da conexão e leitura da realidade social, o que requer um exame mais de perto sobre o modo pelo qual os fatores socioculturais confluem na formação dessas expectativas sem ignorar aquilo que as emoções comunicam na interação entre os agentes sociais. No interior dessa reformulação crítica e transdisciplinar do conceito de emoção, a correlação entre emoções, trabalho e classe social manifesta-se de maneira sistemática na construção teórico-empírica do conceito de trabalho emocional (*emotional labor*) conforme discutido na obra *The managed heart: commercialization of human feelings* (2003). Uma das premissas basilares nessa teorização consiste na tese de que a produção capitalista inaugurou uma forma de exploração do trabalho sustentada pelo gerenciamento empresarial das emoções. A esfera emocional transformou-se em um recurso, continuamente expropriado pela empresa, sinalizando, portanto, que “o capitalismo encontrou uma utilidade para o gerenciamento das emoções, organizando e o impulsionando mais eficientemente” (*Ibid.*, p. 186, tradução nossa).²²

Diante dessa assertiva, a socióloga Hochschild (2003) preocupa-se em investigar tal gerenciamento das emoções tendo por recorte empírico a prestação de serviços realizada pelas comissárias de bordo, principalmente, da companhia área Delta Airlines. De forma indireta, é possível notar no interior dessa preocupação em analisar o gerenciamento das emoções, as transformações do universo do labor face a uma era de crescente expansão e complexificação

²¹ No original: “To sum up, I am joining three theoretical currents. Drawing from Dewey, Gerth and Mills, and Goffman within the interactional tradition, I explore what gets “done to” emotion and how feelings are permeable to what gets done to them. From Darwin, in the organismic tradition, I posit a sense of what is there, impermeable, to be “done to,” namely, a biologically given sense related to an orientation to action. Finally, through Freud, I circle back from the organismic to the interactional tradition, tracing through an analysis of the signal function of feeling how social factors influence what we expect and thus what feelings “signal””

²² No original: “Capitalism has found a use for emotion management, and so it has organized it more efficiently and pushed it further”

do setor de serviços, caricatas da economia pós-industrial. Nesse sentido, a autora, inicialmente, realiza um comparativo entre duas formas de trabalho sócio historicamente distintas, a saber, o trabalho operário do século XIX e o moderno trabalho das comissárias de bordo. O autor Elias Inácio de Moraes (2002) sintetiza o paralelo construído entre os respectivos trabalhos por Hochschild a partir do seguinte questionamento elucidativo: “que relação pode ser estabelecida entre o trabalho de uma operária do século XIX em uma indústria de papel de parede e o de uma comissária de bordo em uma empresa de aviação do final do século vinte?” (*Ibid.*, p. 211).

Tal questionamento implica considerar que no primeiro trabalho existe uma avaliação calcada em termos quantitativos expressa numa crescente ou decrescente produção material de rolos de papel, em que o dispêndio físico do trabalhador(a) é fator determinante para o aumento da produtividade do Capital; no segundo o que é fundamental para a produtividade do Capital resulta do dispêndio psicoemocional do trabalhador(a) dinamizada por uma produção imaterial, no qual a prioridade é aumento do percentual de passageiros “felizes” (Moraes, 2002). Essa última constatação é extraída por Hochschild com base na sua descrição sistemática sobre o funcionamento do trabalho na Delta Airlines embasada na observação das aulas do Centro de Treinamento da Delta em Atlanta, conversas com os comissários de bordo mais experientes e com alunos do centro de treinamento, além da realização de entrevistas com comissários(as) de bordo mais experientes, supervisores e o vice-presidente executivo da companhia aérea.

Com esse trabalho empírico robusto, a autora percebe haver uma exigência estrutural de gerenciamento das emoções, no qual a companhia aérea impõe para o(a) trabalhador(a) regras de sentimentos, que demandam um dispêndio laboral sobre o próprio *self* emocional, a fim de realizar um trabalho sobre os sentimentos e emoções considerado rentáveis para a empresa. A comissária de bordo é submetida e alienada da sua experiência emocional em prol da produção de emoções que sejam agradáveis ao cliente. Diante de situações, por exemplo, em que o passageiro é agressivo, verbalizando sua raiva na forma de insulto as comissárias de bordo; a companhia aérea exigem delas, além da execução, a manutenção do trabalho afetivo que suplante e transforme a emoção negativa em gentileza, empatia e docilidade.²³ Tendo isso em vista, a socióloga “mostra que ser aeromoça é aprender o trabalho emocional de administrar os sentimentos, através da separação entre o ‘eu’ e ‘meus sentimentos’” (Bonelli, 2004, p. 359).

Existem duas formas de performar o trabalho sobre as emoções. A primeira delas é a partir da atuação superficial (*surface acting*), em que o trabalhador(a) recorre ao domínio

²³ Em suma, o exercício das emoções do trabalhador(a) gira em torno de promover um gerenciamento útil que tenha por finalidade produzir um estado emocional agradável, confortável e relaxante no cliente ao decorrer da viagem (Hochschild, 2003).

corporal para produzir uma máscara emocional,²⁴ pois “na atuação superficial, fingimos para os outros sobre o que realmente sentimos, contudo, não fingimos para nós mesmos” (Hochschild, 2003, p. 33, tradução nossa).²⁵ Na atuação profunda (*deep acting*), o trabalhador(a) articula sua subjetividade para induzir sobre si mesmo uma experiência emocional real. Nessa modalidade de performance emocional, o trabalhador(a) recorre ao seu “eu verdadeiro” para vivenciar a emoção socialmente útil e necessária para a empresa. Ambas as performances ocorrem na vida privada e pública. Nesse contexto, Hochschild (2003) elabora o supracitado conceito de trabalho emocional (*emotional labor*) para compreender a natureza da atuação sobre as emoções requerida pela esfera pública do trabalho, bem como o fato das emoções possuírem valor de troca. De acordo com a autora brasileira Valquiria Padilha (2013),²⁶ especialista em estudos do lazer e doutora em ciências sociais pela Unicamp, é necessário notar a diferenciação realizada por Hochschild entre *emotion work* (trabalho das emoções) e *emotional labor* (trabalho emocional).

Nesse sentido, afirma Padilha (2013), o trabalho emocional (*emotional labor*) estrutura-se na modulação das emoções com a finalidade de performar corporal e facialmente um modo emocional de ser e estar publicamente observável. Essa performance emocional é comercializável, pois essa atuação sobre os sentimentos visa produzir um resultado também nos outros. Trata-se de uma espécie de expropriação do sentimento produzido pela lógica capitalista sobre o(a) trabalhador(a), que possui um valor de troca. O trabalho das emoções (*emotion work*) segue o enredo oposto, visto que é mobilizado para adequar os sentimentos as expectativas socialmente imbuídas nos papéis sociais demandados pela vida privada; possuindo um valor de uso. Isso pode ser estendido aos manuais de autoajuda analisados por Hochschild (1994), pois sua análise permite problematizar, por exemplo, a narrativa de autoajuda de Flávio Augusto da Silva para se tornar um empreendedor,²⁷ no qual” [...] o trabalho das emoções aparece sob

²⁴ Noutras palavras, o trabalhador(a) pode alterar as expressões faciais para simular estar sorrindo, não há nesse caso uma modificação do sentimento realmente experienciado, mas uma omissão.

²⁵ No original: “In surface acting we deceive others about what we really feel, but we do not deceive ourselves”.

²⁶ É interessante mencionar que a autora Valquiria Padilha ao discutir o conceito de trabalho emocional, introduz, amplia e redefine tal conceito a partir de um estudo acerca da demanda por trabalho emocional diante do nojo, que tem por recorte trabalhadores de limpeza de *shopping centers*. Em seu ver, a categoria trabalho emocional é lida, predominantemente, como um fenômeno intangível e imaterial; na contramão disso, a autora propõe repensar tal categoria mediante um aprofundamento nas dimensões sociomateriais ainda pouco exploradas. Seu objetivo é alcançar, pelas lentes desse potente movimento analítico, “[...] o modo como as emoções e as sensações são também uma questão de materialidade no contexto do TE” (Padilha, 2013, p. 184).

²⁷ Também se destaca na narrativa de autoajuda de Flávio Augusto da Silva, em especial na sua obra autobiográfica “Ponto de Inflexão: uma decisão muda tudo” (2019) alguns relatos envolvendo um constante trabalho sobre as emoções a fim de gerenciar e adequá-las as regras de sentimentos (Hochschild, 2003) tácitas do âmbito empresarial. Essas regras de sentimentos podem ser lidas como a exigência de um comportamento calmo, objetivo, assertivo e empático diante, por exemplo, da demissão de um contingente de trabalhadores(as) que faziam parte da *Wise Up*.

necessidade de instrumentalização e controle dos sentimentos de medo e vulnerabilidade, além do estímulo à capacidade de se desligar emocionalmente” (Albuquerque, 2015, p. 83).

Hochschild (2003) considera que o trabalho emocional é demandado, sobretudo, dos trabalhadores(as) de serviços ao interagirem com clientes e consumidores(as). Isso evidencia que, na perspectiva de Hochschild (*Ibid*), apenas alguns empregos exigem trabalho emocional dos trabalhadores(as), porquanto para se configurar enquanto tal necessita abarcar três características. (I) Se o trabalho requer o contato vis a vis com o público. (II) Se é esperado que o(a) trabalhador(a) produza um estado emocional na outra pessoa. (III) A presença do exercício de um certo controle sobre as ações dos empregados pelo empregador (Padilha, 2013). Essas propriedades que determinam a presença do trabalho emocional coincidem com as reconfigurações da sociedade do trabalho, em que, como descrito por Sorj (2000), o contato interpessoal aparece como parte do processo de trabalho. Sendo, por consequência, um dos novos elementos que impôs novos desafios a área sociológica. Um desses novos elementos também aparecem na medida em que as emoções se tornam recursos desse contato interpessoal como parte do processo de trabalho, conforme ilustrado por Hochschild (2003).

2.1.3 Entre trabalho e emoções: o coração administrado do capitalismo emocional

Pensando nisso, do mesmo modo que foram mobilizadas “outras sociologias do trabalho” (Lima, 2013), dialeticamente, partimos com e para além dos conceitos forjados por Hochschild em direção a outras teorizações possíveis na sociologia das emoções. Tal desdobramento analítico encontra eco nas contribuições fornecidas pela autora franco-marroquina Eva Illouz, especialista na área de literatura e comunicação, além de ser professora de sociologia na Universidade Hebraica de Jerusalém. Seu trabalho orbita em torno das temáticas “ecologia da indústria cultural, a estrutura social do capitalismo e as práticas românticas” (Miskolci, 2016). Por um lado, a teoria sociológica das emoções illouziana possibilita ilustrar como o neoliberalismo produz as condições socioculturais que tornam o entrelaçamento das emoções com o universo do trabalho uma necessidade fundamental do processo de exploração capitalista. Hochschild, por outro lado, articula uma economia política das emoções²⁸ que denuncia a instrumentalização dos sentimentos pela dinâmica capitalista do trabalho.

²⁸ A expressão “economia política das emoções”, utilizada para caracterizar as teorizações da Hochschild, é tomada de empréstimo do sociólogo brasileiro Mauro Koury (2009).

Em um movimento interdisciplinar, Illouz (2018) afirma que embora Hochschild tenha contribuído para pensar a crescente demanda de regras e formas de gerenciar as emoções no ambiente de trabalho, os filósofos Hardt e Negri conseguem ir além “ao compreenderem a produção informacional, cultural, simbólica e afetiva como mobilizadoras das capacidades e inclinações emocionais dos trabalhadores” (*Ibid.*, p. 16, tradução nossa).²⁹ Por esse motivo, ambos os filósofos citados compreendem que a mobilização dessas inclinações emocionais dos trabalhadores(as) decorre do capitalismo afetivo. Apesar de Illouz (2018) reconhecer a relevância de Hardt e Negri nas suas teorizações, a autora demonstra que o conceito de capitalismo afetivo carece de precisão, visto referir-se dubiamente às múltiplas experiências sensíveis dos sujeitos, possuindo uma ausência quanto a especificação e delimitação empírica necessária.

Em contraste com isso, na sua obra “*Emotion as commodities: capitalism, consumption and authenticity*”, Eva Illouz (2018) fornece uma densidade sociológica e empírica que a possibilita (re)formular o conceito de capitalismo afetivo a partir da etnografia das estratégias culturais que os indivíduos modernos recorrem. Um exemplo disso é a fusão da dimensão emocional com o plano econômico proporcionadas pelo exponencial consumo e crescimento da indústria de aconselhamento ou de sites de relacionamentos. Em ambos os casos, explica Illouz (2015), percebe-se um consumo emocional, pois não apenas o consumo, mas a produção desses arranjos culturais mercadológicos é orientada para a fabricação de uma experiência emocional produtificada. Tal dinâmica é compreendida por intermédio do conceito de *emodities* (mercadoria emocional). Esse neologismo é resultado da contração e junção dos vocábulos da língua inglesa *commodities* (mercadorias) e *emotion* (emoções); que permite apreender o processo pelo qual o capitalismo transforma as emoções em mercadorias (Illouz, 2018; Monti, 2019). A autora entende que esse processo faz parte de uma dinâmica maior assim denominada de capitalismo emocional.

Em linhas gerais, o termo capitalismo emocional possibilita teorizar o processo econômico-cultural pelo qual “[...] as práticas econômicas e afetivas se determinam reciprocamente e produzem os fenômenos sociais resultantes da apropriação do afeto pelo comportamento econômico.” (Gaiad, 2019, p. 32). Essa apropriação do afeto pelo comportamento econômico significa que o modo de produção capitalista incide também sobre a mercantilização das experiências emocionais. As emoções são capturadas e moduladas conforme os ditames do utilitarismo econômico, que rearticula as categorias felicidade,

²⁹ No original: “But Hart and Negri went one step further and viewed the production of informational, cultural, symbolic, and emotional commodities as mobilizing workers’ true emotional capacities and inclinations”.

resiliência e empatia no interior de uma espécie de individualismo emocional (Illouz, 2019) cuja prerrogativa é privatizar a dimensão do laço social subjacente a vivência emocional dos indivíduos. Não por acaso a tristeza, raiva e ansiedade são tidas como traços de um eu disfuncional, que não alcançou a plena realização pessoal (Illouz, 2011). É diante disso que “aspectos como trabalho passaram a ser cada vez mais entendidos como assunto da ordem dos projetos pessoais, criatividade e empreendedorismo” (Illouz e Cabanas, 2022, p. 82).

Em partes, isso é resultante das novas teorias da administração, centradas na teoria do capital humano, que respondem ao novo espírito do tempo capitalista, marcada pela reestruturação de empresas e caracterizada pelas exigências de produtividade, agilidade e capacidade de inovação do trabalhador(a) (Martelli, 2006). A resposta implica em uma instrumentalização da dimensão psicossocial dos trabalhadores(as) a partir da década de 1920; facultada por um diálogo mais intenso com as ciências humanas, especialmente, com a psicologia econômica e a sociologia (Illouz e Alaluf, 2020). Esse diálogo tem por respaldo os estudos do psicólogo australiano Elton Mayo, no qual sua principal preocupação foi salientar a importância das necessidades sociais no local de trabalho. Ele destacou a influência das relações emocionais originadas das interações informais, paralela às interações formais corporativas, para a consecução de um trabalho mais rentável (Martelli, 2006). Todavia, é com Abraham Maslow, um dos grandes nomes responsável por abalar a teoria clássica da organização, que a conversão da atividade laboral enquanto projeto pessoal bem-sucedido recebe maior impulso (Illouz, 2011). Tal impulso atende pelo nome de hierarquia de necessidades.

Essa hierarquia de necessidades refere-se, (I) as necessidades fisiológicas; (II) necessidades de segurança; (III) necessidades sociais; (IV) necessidades de autoestima e, por fim, (V) as necessidades de autorrealização. Essa última requer, na análise de Martelli (2006), que haja a existência de estímulos psicológicos para que a dimensão do trabalho se torne um dos principais elos da expressão da vida dos indivíduos. Nesse sentido, as problematizações trazidas pela teoria humanista contribuem para uma virada no período gerencial, focada na empregabilidade, em direção a um período administrativo orientado pela perspectiva de que “o trabalho deveria satisfazer e se adequar a certas necessidades motivacionais, emocionais, afetivas e sociais dos indivíduos, aumentando com mais eficiência a produtividade e o desempenho de atividades” (Illouz e Cabanas, 2022, p. 138). É interessante observar que o sucesso retumbante da corrente humanista entra em rota de colisão com o surgimento do neoliberalismo, porquanto o regime de acumulação flexível instaura um cenário econômico desregulamentado, incerto, curto-prazista e individualizado.

Em face das implicações dessa circunstância sócio-histórica, emerge uma nova ética do trabalho em contraposição a velha ética do trabalho, que remete ao “uso autodisciplinado do nosso tempo, pondo-se a ênfase mais na prática voluntária, autoimposta, que na simples submissão passiva a horários ou rotinas” (Sennett, 2014, p. 118). Na velha ética do trabalho valores de longo prazo e a rotina são cruciais, elas formam o caráter do trabalhador, que denotam compromisso mútuo, confiança e a prática de adiar a satisfação em troca de uma recompensa num futuro distante (Sennett, 2014). A descrição dessa velha ética é expressa pela tradicional noção de carreira, em que o trabalhador(a) traçava, no interior de uma empresa, uma trajetória estável, linear e teleologicamente orientada para um futuro determinado. Na contramão disso, é presenciado não o autocontrole engendrado por um modelo de trabalhador(a) previsível, rígido e racional, mas uma espécie de automodelação que o próprio indivíduo impõe sobre si (Dardot e Laval, 2016; Illouz e Cabanas, 2022). Noutros termos, o indivíduo é convidado a ser flexível e inovador, ou seja, a tradicional ideia de carreira cede lugar para a pós-moderna concepção de autorrealização e amor ao trabalho.

A diferença substancial entre as supracitadas ideias sobre carreiras e projetos pessoais é que este último, afirma Illouz e Cabanas (2022, p. 141), “[...] são concebidos como um conjunto não estruturado de percursos, objetivos e empreendimento repletos de riscos e exigem que os indivíduos ‘aprendam a aprender’, isto é, sejam flexíveis, autônomos e criativos”. Essa ideia pós-moderna de projetos pessoais, inscrito num horizonte econômico instável, cumpre bem o papel de enlaçar as incertezas do mercado, e o ritmo frenético competitivo, na promessa neoliberal de que o (auto)controle sobre os afetos é uma forma de assegurar-se em meio à crise do capitalismo (Andrade, 2018; Dardot e Laval, 2016; Illouz e Cabanas, 2022; Kurz, 2017). Nesse diapasão, é importante demarcar que a “hierarquia de necessidades” formulada por Maslow pressupõe estabilidade e segurança, o qual são característicos do conceito de carreira, porém é notável que as transformações efetuadas pelo neoliberalismo demonstraram que sua validade histórica para explicar os novos fenômenos expirou (Illouz e Cabanas, 2022). Para suprir a lacuna deixada pela teoria maslowiana, historicamente, nos anos 1990, a psicologia positiva se apresentou como a mais nova candidata sintonizada com o *cantus firmus* neoliberal (Ehrenreich, 2013).

Tendo por base uma linguagem terapêutica sobre as emoções, a psicologia positiva inverte a pirâmide de necessidades colocando, para além das habilidades técnicas, as emoções, atitudes e motivações positivas como competências psicológicas fundamentais (Illouz e Cabanas, 2022). Por esse motivo, diversas empresas passam a mobilizar especialistas, palestrantes e *coaching* com o intuito de reacender o entusiasmo e resiliência face às condições

incertas e precárias do trabalho. Ao operar técnicas de motivação, o(a) trabalhador(a) aprenderia “[...] a lidar emocionalmente com demissões e sobretudo instruí-los a serem mais autônomos psicologicamente e mais flexíveis cognitivamente e emocionalmente” (*Ibid.*, p. 151). A capacidade individual de executar as metas ao sabor da imprevisibilidade demanda uma constante postura flexível, tornando-se, portanto, “a principal fonte de produtividade corporativa, e técnicas psicológicas que procurem aprimorar essa habilidade são bastante valorizadas e desejadas” (*Ibid.*, p. 157). Por consequência, o ambiente de trabalho é cada vez mais despolitizado, ao ser compreendido por supostas categorias neutras e científicas.

A despolitização promovida pela psicologia positiva opera um movimento ideológico sutil, porque transforma as intempéries das contradições do neoliberalismo, a exemplo, da baixa remuneração, cargas horárias excessivas, além do desemprego estrutural, numa questão de insuficiência de positividade emocional sobre si. Essas questões, dessa maneira, não produzem uma resistência crítica ao modo de vida neoliberal, na verdade, seduz o(a) trabalhador(a) a pensar a si mesmo como exclusivamente responsável por seus êxitos e fracassos. Em suma, ao veicular o domínio das emoções a partir das teorias psicológicas e administrativas, ocorre uma incorporação, “[...] de maneira muito peculiar as dinâmicas do trabalho daquilo que ‘não é previamente mensurado’, ‘não se submete integralmente ao plano’, mas que absorve o risco e a instabilidade e a indeterminação” (Safatle, 2021, p. 189). O êxito ou fracasso, agora, depende da constante lapidação de sua capacidade emocional, em que o trabalhador(a) incuti em si mesmo uma incessante motivação para lidar com as problemáticas estruturais do sistema capitalista (Illouz, 2011; Sennett, 2014; Han, 2018).

A intelectual ensaísta e ativista política Barbara Ehrenreich (2013)³⁰ demonstra que os psicólogos positivos passam a inserir-se com maior vigor no mundo corporativo. Eles passam rapidamente a “listar os benefícios finais da felicidade, na forma de trabalhadores mais entusiasmados e produtivos” (p. 171). Ehrenreich (2013) exemplifica que o maior responsável e pioneiro da psicologia positiva, Martin Seligman, atuou como consultor numa cadeia de lojas para noivas, além das empresas não identificadas da *Fortune 500*, incentivando e disseminando exercícios para aperfeiçoar ainda mais o otimismo dos funcionários. Nesse caso, há uma estrutura emocional demandada pela psicologia positiva expressa num gerenciamento de si visando produzir “boas emoções”. São essas emoções positivas, encarnadas pela ideia de autorrealização, que supostamente garantiriam o sucesso profissional do trabalhador(a). Noutras palavras, seguindo o diagnóstico de Eva Illouz e Yaara Alaluf:

³⁰ A respectiva autora traz contribuições cruciais para essa monografia, pois problematiza a indústria da motivação, que inclui *coaching* e os livros de autoajuda, destacando os fatores sociais e históricos que explicam sua ascensão.

O papel desempenhado pela psicologia na construção do trabalhador moderno ilumina algumas das maneiras pelas quais o *capitalismo emocional* reformou a noção de racionalidade. Ao compreender as emoções positivas, a felicidade e a resiliência, ao mesmo tempo como leitmotiv da ação humana como condição de um comportamento eficaz, autônomo e emocionalmente saudável, a psicologia positiva combinou o ideal afetivo de expressão de si moderno com a exigência utilitarista de *self-control* como via racional para alcançar seus fins (Illouz e Alaluf, 2020, p. 97).

Provoca-se, desse modo, transformações no mundo do trabalho, uma vez que não apenas rompe com o ideal tecnocrata capitalista despersonalizado, como também introduz critérios emocionais para classificar os trabalhadores em mais ou menos produtivos (Illouz, 2011). Em sua monografia sobre a teoria social das emoções illouziana, a socióloga brasileira Isabela Monti (2019) localiza, precisamente, o processo pelo qual a dinâmica do âmbito do labor, concomitantemente, após a crise do regime de acumulação fordista, é inundada por emoções e afetos. Em outras palavras, se, num primeiro momento, é notável que a racionalização taylorista do trabalho é atravessada por uma cosmovisão burocrática, rígida e previsível das tarefas projetadas no funcionário(a), não entrando em cena a questão da personalidade dos trabalhadores(as); num segundo momento ocorre o oposto, pois “a absorção da psicologia pelo mundo do trabalho foi o que inverteu essa dinâmica” (Illouz e Cabanas, 2022, p. 44). Corroborar-se, portanto, que o sujeito pressuposto por essas proposições do saber *psi* é um indivíduo psicologizado. Por esse motivo, nessa monografia optamos por refletir sobre a presença das emoções no cerne das transformações capitalistas, parafraseando Albuquerque (2015), em conjunto para elaborar diferentes níveis de análises da presente discussão.

Não sem razão, os diferentes níveis de análises foram estruturados, inicialmente pela apresentação dos pressupostos fundamentais da teorização dos(as) autores(as) Lima (2013), Reis (2022) e Sorj (2000) sobre as modificações na área da sociologia do trabalho face aos novos desdobramentos sociais, econômicos e culturais do capitalismo. Mobilizamos a obra sociológica de Arlie Hochschild (2003) como exemplo desses novos desdobramentos, cumprindo o objetivo de demonstrar, preliminarmente, as emoções imbricadas com o mundo do *labor*. Logo em seguida apresentamos sumariamente os conceitos de mercadoria emocional e capitalismo emocional de Eva Illouz, que foi mediado por um diálogo com Richard Sennett, Barbara Ehrenreich.³¹ O propósito disso foi caracterizar as condições históricas que tornam as

³¹ Apesar de Sennett (2014) e Ehrenreich (2013) partirem de premissas diferentes da análise empreendida por Illouz, compreendemos que o autor e autora diagnosticaram, de maneira precisa e densa, aspectos distintos do

emoções parte do processo laboral. Em síntese, a mobilização dos(as) respectivos(as) sociólogos(as), demonstrou como as interfaces entre os objetos (emoções e trabalho) da sociologia das emoções e do trabalho podem ocorrer e de que modo essa interface contribui para pensar a realidade capitalista neoliberal. Essa estrutura teórica possibilitou contextualizar socioculturalmente a narrativa empresarial de autoajuda de Flávio Augusto da Silva em um momento da história do capitalismo, no qual o trabalho modificou a cultura emocional: o *homo oeconomicus* cedeu espaço e incorporou o *homo sentimental* (Illouz, 2011; Gaiad, 2019; Monti, 2019).

3. CAPÍTULO II – CAPITALISMO EMOCIONAL E A NARRATIVA TERAPÊUTICA DE AUTOAJUDA: CONSIDERAÇÕES SOBRE A SOCIOLOGIA DAS EMOÇÕES EM EVA ILLOUZ

3.1 - Surgimento e consolidação da sociologia das emoções

Pensando na discussão promovida no tópico anterior, cujo objetivo, além de destacar a pertinência do diálogo entre a sociologia do trabalho e a sociologia das emoções para compreender a instrumentalização capitalista das emoções, consistiu em elucidar as condições sociais e históricas que tornaram as emoções fator importante para o mundo do trabalho - sendo, nesse sentido, um recurso, como disse Hochschild (2003), explorado e impulsionado de modo eficiente pelo capitalismo -, nesse tópico a questão fundamental, estruturante dessa pesquisa, é desdobrar e explorar o terreno propriamente dito das emoções orientado pelas coordenadas da sociologia das emoções. É importante, portanto, apresentar os pressupostos básicos da supracitada área. Nesse sentido, o sociólogo brasileiro Mauro Koury (2009), um dos principais nomes na consolidação da Sociologia e Antropologia das emoções no Brasil, explica que a partir da metade da década de 1970, a sociologia das emoções emerge nos Estados Unidos e na Inglaterra como um campo disciplinar distinto. Uma das razões que explicam isso relaciona-se com o “revigoramento de perspectivas teóricas novas que enfatizavam um processo analítico da subjetividade como fonte e forma de expressão e construção social” (*Ibid.*, p. 1). O ponto de

neoliberalismo, o qual é bastante útil para refletir dialogicamente com o Illouz (2011) o fenômeno do capitalismo emocional.

partida desse revigoramento encontrava eco em uma crítica as análises sociais de caráter mais estrutural, que secundarizavam os atores sociais e, por consequência, sua vida emocional.³²

Na análise de Koury (2009; 2014), com o progressivo fortalecimento de tal campo sociológico, há uma ampliação do debate no interior das ciências sociais que deixavam em aberto outras possibilidades epistemológicas de diálogos seja, por exemplo, com a psicanálise, psicologia, história, comunicação social, sobretudo, a antropologia das emoções, dentre outros. Tal diálogo, em certo sentido, ocorre pela própria natureza do objeto da sociologia das emoções, que está inserida no domínio da intersubjetividade. A sociologia das emoções parte do princípio de que o subjetivo movimenta o ator social, contudo “[...] não se restringe ao estritamente subjetivo, e sim, às formas relacionais que assumem as ações sociais quando direcionadas objetivamente para o outro” (*Ibid.*, p. 9). As emoções, nas palavras de Koury (*Ibid.*), “são sentimentos dirigidos diretamente aos outros e causados pela interação com os outros, em um contexto social e cultural determinados”. Isso revisita uma das maiores controvérsias, de natureza teórico-epistemológica, que atravessam o interior da sociologia das emoções; materializado no embate entre as análises positivistas e antipositivistas.

Os(as) autores(as) que investigam as emoções numa chave de leitura que confere maior relevância aos aspectos biológicos tendem a orientar-se por uma perspectiva teórico-metodológica positivista, ênfase para predominância da dimensão quantitativa; os autores, por sua vez, que destacam, com maior afinco, as dimensões socioculturais e o modo como os atores sociais atribuem sentido “a suas experiências emocionais, se preocupam mais com uma abordagem qualitativa que os permite sobressair à esfera emocional, como uma construção social, fazendo críticas, e olhando com reserva, para as análises de cunho positivista” (*Ibid.*, p. 46). Em razão disso, por mais que a categoria emoção possa ser lida como a energia afetiva produzida, direcionada e circulada com o outro, ela carrega consigo um debate teórico-metodológico complexo. Podemos visualizar tal complexidade na polêmica das emoções serem universais ou particulares (Torres, 2009; Le Breton, 2009; Illouz, 2011; Hochschild, 2003). É discutido até que ponto os fatores sociais realmente influenciam e constituem a dimensão emocional, noutras palavras:

A preocupação teórico-metodológica que norteia os debates desde os primeiros indícios e sinais formadores da sociologia das emoções diz respeito, assim, aos fatores sociais que influenciam a esfera

³² Conforme Koury, as categorias do *self* passaram a receber maior atenção, visto que com esse revigoramento de perspectivas teóricas cada vez mais houve um “estabelecimento de canais entre as dimensões micro e macrosociológicas e a necessidade de entender os fenômenos emocionais como fenômenos sociológicos” (2009, p. 1).

emocional, como se conformam e até onde vai essa influência. A consideração, a compreensão e a definição da situação dos atores sociais imersos em uma sociabilidade e cultura emocional particular, desde então, parecem fazer parte, cada vez com mais vigor compreensivo, da análise sociológica (Koury, 2009, p. 84).

Nesse ínterim, Koury (2009) também sustenta que, em alguma medida, os clássicos da sociologia não prescindiram de incorporar, direta ou indiretamente, a questão das emoções em suas reflexões, visto que consideravam a dimensão emocional como uma espécie de alicerce societário tácito. Conforme o mencionado sociólogo, em um contexto social, ali no final do século XIX, marcado pela emergência e consolidação do sistema capitalista, destaque para o surgimento do individualismo moderno, Émile Durkheim, Karl Marx e Max Weber analisaram, a partir de distintos enfoques teórico-metodológicos, o significado social desses processos sociais da nascente modernidade (Koury, 2009; Illouz, 2011). Por exemplo, para Durkheim, as emoções são produtos da realidade social. É na sua obra *O suicídio* (2000), por exemplo, que se percebe algumas referências ao universo emocional (Koury, 2009). Com relação ao teórico social Karl Marx, a temática das emoções aparece sendo determinada, mesmo que de forma tímida, pelas classes sociais. Assim, “na análise marxista, as classes sociais fundam e caracterizam o indivíduo e suas emoções” (Koury, 2009, p. 16).

Em Weber, por outro lado, é possível notar como sua teoria da ação social constitui um modo de investigação central para análise da sociologia das emoções, pois a perspectiva weberiana contribui para problematizar o caráter social dos sentimentos (Koury, 2009). Os conteúdos afetivos seriam responsáveis por determinar e ser uma das balizas das formas de sociabilidade emergentes. Mediante a troca entre os indivíduos na interação construir-se-ia “[...] uma espécie de jogo que ordena, provoca e, ao mesmo tempo, redireciona a unificação proposta por um social nas tensões entre a ambivalência dos estados afetivos internos e da estabilidade das formas institucionalizadas em que se move uma relação” (*Ibid.*, p. 26). É notório que, em alguma medida, os clássicos da sociologia possuem papel importante na construção das investigações sobre as emoções (Illouz, 2011). Dessa feita, é importante questionar, sintetiza Koury, “como e partir de quais filtros, esta disciplina beberia das fontes clássicas, e quais os elementos sínteses que a fariam herdeira do conjunto da tradição sociológica geral” (*Ibid.*, p. 46).

Na análise de Koury (2009), uma dessas fontes trata-se da escola francesa de sociologia, destaque para a sociologia de origem durkheimiana, o qual é bastante devedora das contribuições de Mauss cuja preocupação residiu na discussão envolvendo o conceito de reciprocidade perceptível na clássica análise sobre o dom, no trabalho intitulado “Ensaio sobre

a dádiva”. Koury (2009) explica que com as teorizações sociológicas de Marcel Mauss, entra em cena a possibilidade de uma imaginação sociológica francesa marcada pela análise do simbólico. A influência de Mauss possibilita a construção de conceitos como inconsciente coletivo e *habitus* (*Ibid*). Disso depreende-se que, por exemplo, “uma carga emocional vivida por outro sujeito, acessaria, no interior de um indivíduo qualquer, um conjunto de informações inconscientes nele inculcadas pela socialização, fornecendo dados e argumentos de como agir frente a determinadas situações” (*Ibid.*, p. 51). Seguindo os passos de Durkheim, Mauss coloca em relevo o fato de as emoções serem construções sociais mediatizadas pela tradição social.³³

Por fim, outra fonte cujo impacto não pode ser subestimado, embasando-se nas reflexões de Koury (2009), concerne a sociologia americana, em específico, ao interacionismo simbólico. O autor sublinha que essa corrente sociológica se tornou uma possibilidade analítica central para o desenvolvimento da sociologia das emoções, além disso é pensada como método e modelo que viabiliza a compreensão da relação microssocial, numa interação emotiva entre indivíduos. Alguns autores exploram o campo da micropolítica das emoções “expandindo a noção de gerenciamento das emoções, tanto de indivíduo por ele mesmo, quanto na interação com os outros” (*Ibid.*, p. 52).³⁴ Mediante isso, Koury (2009) salienta que tal escola estruturou-se a partir da influência de Simmel, ênfase especial para a escola de Chicago, onde George Mead foi um dos grandes nomes, sobretudo ao trazer para o cerne da teoria sociológica o conceito de intersubjetividade simmeliano (*Ibid*).³⁵ Esse foco maior na intersubjetividade é possível em razão do fortalecimento de uma segunda geração de interacionistas simbólicos e o desdobramento de uma linha de pesquisa sobre sociologia do conhecimento calcada na fenomenologia de Schutz (*Ibid*).

Para além dessas considerações mais gerais a respeito da sociologia das emoções, cabe mencionar que no contexto brasileiro, a sociologia das emoções possui uma vida recente, uma vez que sua expansão ocorre na década de 90 do século passado (Koury, 2009). Do mesmo modo que os clássicos da sociologia possuem uma teorização, embora carente de substancialidade, ocorre algo semelhante com alguns clássicos brasileiros renomados das ciências sociais. A título de exemplo, “os estudos de Gilberto Freyre (1966, 1990, 1990a) com o ensaio inovador sobre a cultura e as relações sociais durante o processo de colonização,

³³ Por esse motivo, Koury afirma que “a sociologia de origem durkheimiana, deste modo, tem influenciado em muitos sentidos a análise de vários autores no interior da sociologia das emoções. [...] Em certo sentido, a sociologia das emoções pode ser considerada, enquanto, campo disciplinar, herdeira dessa tradição” (2009, p. 49).

³⁴ Hochschild (2003), por exemplo, trabalha com o modelo goffmaniano de análise, que possibilita pensar uma espécie de “ideal emocional” no qual os sujeitos devem orientar sua ação.

³⁵ Isso explica o porquê de o foco ser “a análise do indivíduo e suas interações mais imediatas, em contraponto à emergência e ao domínio do estrutural-funcionalismo no Estados Unidos” (Koury, 2009, p. 54).

passando por Paulo Prado (1929), até Sergio Buarque de Holanda (1994), com sua teoria do homem cordial” (*Ibid.*, p. 67). A razão para esses autores serem mencionados é simples: Koury (2009) demonstra que, em certa medida, o âmbito das emoções, bem como da intersubjetividade foram elementos centrais para a construção de bases compreensivas que explicassem o caráter *sui generis* do Brasil. Apesar do âmbito emocional ser importante, sua pertinência analítica para as ciências sociais daquele momento não possibilitava ser utilizada como objeto de pesquisa próprio. Assim, “de uma forma equivalente aos clássicos das ciências sociais, a cultura emocional era trabalhada de forma abstrata e se encontrava subsumida nas análises estruturais sobre a sociedade brasileira” (*Ibid.*, p. 67).

Contudo, haveria uma mudança a partir dos anos 1970 a partir das reflexões de Roberto DaMatta, no qual é conferida uma atenção especial a questão das emoções. Isso aparece, de acordo com Koury, nas discussões sobre o Brasil cuja hipótese desenvolvida consiste em localizar “onde os sentimentos e suas formas de expressão no social perpassam a constituição do público e do privado brasileiro” (Koury, 2006, p. 68). Suas análises concentram-se, grosso modo, na análise dos rituais e do cotidiano, mobilizando as categorias indivíduo e pessoa para compreender a especificidade da sociabilidade brasileira. Segundo Koury (2009), é relevante considerar também que não apenas as reflexões de DaMatta foram cruciais na consolidação e desdobramento da sociologia das emoções no Brasil. Na perspectiva de Koury (2009), Gilberto Velho, por exemplo, apesar de partilhar e divergir dos pressupostos de DaMatta, discute o surgimento do indivíduo psicológico no contexto brasileiro urbano. Problematisa, assim, os modos de vida e os comportamentos urbanos, enfatizando, o *modus operandi* individualista dos projetos de vida (Koury, 2009). Gilberto Velho elabora não apenas uma análise rica e complexa a respeito das formas objetivas e subjetivas presente na reflexão sociológica, como também “sobre a problemática das emoções e da cultura emocional urbana na contemporaneidade brasileira” (Koury, 2009, p. 70). Suas contribuições relacionam-se com o desenvolvimento de “temáticas sobre o ser no mundo, das ideologias individualistas, das alianças, das diferenças individuais, da questão geracional, da problemática da família, da psicologização das sociedades urbanas contemporâneas” (Koury, 2009, p. 71).

Além desses autores, Koury (2009) menciona também o antropólogo Luiz Fernando Dias Duarte que contribuiu substancialmente na reflexão sobre as formas de subjetividade e da cultura enquanto elemento central para compreender a emergência do indivíduo. Em seus anseios acadêmicos, pesquisou a questão das emoções “[...] através das categorias de religiosidade (1987), de agressividade verbal (1981), de vergonha (1987), de saúde mental e do sofrimento psíquico, através da categoria do nervoso (1986), entre os trabalhadores urbanos”

(Koury, 2009, p. 72). Ele tem atualmente pesquisado o sofrimento social nas classes populares e médias do Brasil urbano, além da questão do corpo e da sexualidade (Koury, 2009). De certo modo, na perspectiva de Koury (2009), Roberto DaMatta e Gilberto Velho são importantes na constituição do campo sociológico das emoções justamente por movimentar quadros teóricos responsáveis por articular um modo de apreensão da subjetividade sem perder de vista a objetividade que a subjaz.³⁶

3. 2 - A sociologia das emoções em Eva Illouz

Com base na apresentação ao nível internacional e nacional dessa recente disciplina sociológica, podemos nesse momento desenvolver com o devido rigor, sistematicamente, os principais argumentos basilares da *sociologia das emoções em Illouz* (Gaiad, 2019). A filósofa María Tocino Rivas (2023), que, recentemente, organiza um conjunto de investigações sobre o pensamento illouziano, afirma que Illouz está inserida em uma tradição da sociologia das emoções nomeada de interacionismo simbólico - no qual autores como Arlie R. Hochschild, Theodore D. Kemper, Thomas J. Scheff ou Peggy A. Thoits pertencem – cujo pressuposto básico é que “[...] as emoções são construídas por modelos culturais e pelo significado que adquirem nos diferentes contextos em que ocorrem as relações intersubjetivas” (Tocino Rivas, 2023, p. 34, tradução nossa).³⁷ De acordo com a filósofa, Illouz mobiliza um conjunto de referenciais heterogêneos, expresso no seu alinhamento teórico e epistemológico, por exemplo, com os autores Max Weber, Karl Marx, Theodor Adorno, Max Horkheimer, Michel Foucault e Pierre Bourdieu.³⁸ Além dos autores citados, esse último influenciou de maneira significativa na construção das categorias conceituais, por exemplo, “capital emocional”, “habitus emocional”, “dominação emocional” e “capitalismo emocional” (Tocino Rivas, 2023).

Dentre essas categorias conceituais, nossa atenção se concentrará na ideia de capitalismo emocional, pois essa categoria, em especial, será responsável por fornecer o suporte teórico necessário para compreender como a lógica neoliberal mediante o discurso empreendedor de autoajuda, advogado por Flávio Augusto da Silva, resulta numa formação

³⁶ Razão pela qual, os autores supracitados possibilitam a constituição de um “[...] suporte interpretativo ao pensamento recente e estruturador de uma sociologia das emoções no Brasil” (Koury, 2009, p. 72).

³⁷ No original: “[...] las emociones se encuentran atravesadas por patrones culturales y por el significado que adquieren en los diferentes contextos en que se producen las relaciones intersubjetivas”.

³⁸ Eva Illouz, desse modo, procura não se limitar a uma única perspectiva teórica. Em suas palavras, “minha análise não é marxista, nem weberiana, na medida em que não pressuponho que a economia e os afetos possam (ou devam) ser separados uns dos outros” (2011, p. 12).

discursiva específica que articula o domínio emocional. O ponto de partida que serve de esteio para entender o cerne da reflexão crítica sobre o capitalismo emocional consiste em questionar como as emoções, apesar da hiperracionalização do sujeito, não apenas se converteram num ingrediente central da racionalidade neoliberal, como também passou a ser comercializada. Com base nessa problematização, Illouz desnaturaliza e despsicologiza uma série de categorias da cultura moderna postas, frequentemente, como atributos emocionais suprahistóricos e individuais, como, por exemplo, o amor, intimidade, felicidade, autenticidade, além do discurso psicológico e moral da autoajuda.

Tal despsicologização, em primeiro lugar, ocorre por intermédio de uma hipótese sociológica mais robusta, no qual Illouz (2018) explica que a dinâmica consumista do capitalismo no final do século XIX e, sobretudo, na segunda metade do século XX, transformou, majoritariamente, as emoções em mercadorias. Para compreender satisfatoriamente isso, é importante sublinhar que o capitalismo tem sido, paulatinamente, definido, imaterialmente, devido ao intenso incremento do conhecimento científico e da tecnologia de ponta em larga escala, além do *boom* no setor de serviços (Illouz, 2018). Ocorre, nesse contexto, o surgimento de mercadorias informacionais/cognitivas, em que “o valor acrescentado, majoritariamente, deriva de aspectos imateriais (estéticos/simbólicos), isto é, das fases de P&D, *design* e branding/anúncio, e não da fase de manufatura” (Illouz, 2018., p. 13 tradução nossa).³⁹ Essa acumulação imaterial, que recebe o nome de capitalismo cognitivo, também reconfigura aquilo que “[...] o trabalhador vende (a sua atenção e processamento cognitivos em vez do seu corpo e puro dispêndio); o processo de produção (signos e conhecimento ao invés de bens tangíveis); as relações de trabalho (horizontais ao invés de verticais)” (*Ibid.*, p. 11, tradução nossa).⁴⁰

Em seu ver, a subjetividade dos trabalhadores é moldada por ideais de autonomia e autorrealização emocional, pois o capitalismo neoliberal inaugura um conjunto de práticas que flexibiliza, reifica e corrói a subjetividade emocional (Illouz e Cabanas, 2022; Sennett, 2014). A máxima neoliberal “seja empresário de si mesmo”, sinaliza sem lenço, nem aceno de adeus a parcial obsolescência do trabalhador calculista e previsível típico do capitalismo industrial. É nesse cenário que “a ênfase crescente no trabalho emocional em ambientes econômicos, a objetificação das emoções através de sistemas de conhecimento – pavimentam o processo de

³⁹ No original: “[...] most added value derives from the non-material (aesthetic/symbolic) components, i.e., the R&D, design, and branding/advertisement stages, rather than the manufacturing stage”.

⁴⁰ No original: “[...] redescribes what the worker is selling (her cognitive attention and processing rather than her body and sheer strength); the process of production (signs and knowledge rather than commodities); labor relations (horizontal rather than vertical)”.

produção de mercadorias emocionais” (Illouz, 2018, p. 16, tradução nossa).⁴¹ Diante desse processo histórico de transformação da produção capitalista, as emoções são introduzidas e exploradas pelos setores importantes da economia contemporânea como, por exemplo, o setor de serviços. Sem a categoria mercadoria emocional, sintetizada através do conceito de *emoditie*, não é possível compreender adequadamente o apelo constante da lógica neoliberal a uma racionalidade emocional conformada ao imperativo consumista mercadológico.

Tal imperativo consumista assume um contorno diferente na economia contemporânea, uma vez que o consumo não pode apenas ser compreendido como um ato de apropriação do valor de uso da mercadoria (Marx, 2016), pois o consumo, sobretudo a partir da década de 1920, na verdade, é amplamente incorporado no interior de um sistema cultural, que produz não apenas a mercadoria a ser consumida, como também o consumidor (Illouz, 2018). Conforme Illouz (2015), o mercado não manipula desejos pré-existentes, na verdade, o próprio consumidor é “moldado” e tem suas inclinações subjetivas coproduzida pela mercadoria. A socióloga exemplifica isso, destacando o papel crucial das premissas sistematizadas pela psicanálise freudiana a respeito do domínio inconsciente na formação e avanço da ciência do *marketing*. Ao operacionalizar o saber psicanalítico, a ciência do *marketing* fortalece e dissemina o discurso de que as mercadorias devem instilar e criar experiências emocionais (Illouz, 2015). Por esse motivo, o valor da mercadoria não é somente o tempo socialmente necessário de trabalho objetivado, é também a dimensão estética, simbólica e emocional. Embora a análise disso por meio do consumismo permita observar outras camadas das transformações culturais capitalistas no território subjetivo e emocional, ela furta-se a encarar uma característica essencial da dinâmica capitalista, a saber, sua capacidade de produzir emoções enquanto mercadorias (Illouz, 2018).

O conceito de *emodities* cumpre o papel de resolver a questão de como ideais acerca da vida emocional e a mercadorização desta ocorre imbricadamente (Illouz, 2018). Permitindo, apresentar, o processo pelo qual o individualismo contemporâneo é orquestrado através da racionalidade emocional. É desdobrado, segundo Eva Illouz (2018), um fio comum responsável por costurar teoricamente, de maneira relacional, pessoas, mercadorias, racionalidade e sistemas de conhecimento atravessados, dialeticamente, pelas instâncias da cultura e da economia capitalista. A partir da *sociologia das emoções em Illouz* (Gaiad, 2019), é possível analisar o neoliberalismo, e seu discurso empreendedor subjacente, enquanto dimensão

⁴¹ No original: “the increasing emphasis on emotional labor in economic environments, the objectification of emotions through knowledge systems, all of these form the background of the process of the production of emotional commodities”.

permeada de afetos. Essa dimensão permeada de afetos constitui o capitalismo emocional em duas chaves de leitura, a primeira, analisa a emocionalização da conduta econômica, materializado na introdução das técnicas psicológicas no ambiente de trabalho. Enquanto a segunda chave permite observar a racionalização da vida emocional referente a intelectualização dos laços íntimos realizada pelo discurso terapêutico (Illouz e Alaluf, 2020). Sendo assim, nosso interesse nesse trabalho repousa, de maneira predominante, sobre a primeira chave de leitura illouziana.

Ademais, as supracitadas chaves de leitura parte da relação estabelecida entre os temas da indústria cultural, economia capitalista e os sentimentos (Miskolci, 2016). Esse triângulo temático funciona como uma espécie de infraestrutura da lógica neoliberal, uma vez que com a desregulação desenfreada da lógica utilitarista e econômica nos mais variados âmbitos do social, “as experiências pessoais e emotivas deixam de ser ordenadas politicamente através das relações entre os diversos grupos, e até mesmo o fluxo de emoções e sentimentos passa a ser determinado pela potência das forças econômicas” (Monti, 2019, p. 16). Essa determinação pelas forças econômicas pode ser vista, por exemplo, no investimento do Estado norte-americano sobre as questões relativas à saúde psicossocial da população. Isso resultou na criação do Instituto de Saúde Mental em 1946. Conforme Illouz (2011, p. 85), “enquanto, em 1950, o orçamento do órgão era de 8,7 milhões de dólares, em 1967 ele atingiu 315 milhões, o que sugere que a saúde e os serviços psicológicos eram considerados de valor e aplicação universais”. A autora salienta que “esse crescimento espetacular ligou-se ao fato de que o Estado usou mais e mais a terapia em muitos dos serviços que oferecia, como a assistência social, os programas de reabilitação dos presídios, a educação e os tribunais.” (Illouz, 2011, p. 86). A psicologia experimental clínica, ciências econômicas, literatura de autoajuda e a psicologia positiva, aparecem como uma das forças motrizes do processo de economicização das emoções e de codificação dos sentimentos e afetos desferidos por uma nova forma de racionalização (Monti, 2019). Tal economicização e racionalização pode ser entendida com base em três fenômenos, “(I) exploração das emoções para aumentar a eficácia dos processos de trabalho nas empresas capitalistas; (II) a invasão da lógica de mercado nas práticas da intimidade; (III) a mobilização e a manipulação ativa e consciente das emoções na cultura dos consumidores” (Illouz e Alaluf, 2020, p. 75)

A teorização sobre o capitalismo emocional apreende esse tríplice fenômeno ao passo que demonstra os modos “[...] pelos quais a economia capitalista e as emoções acabaram se entrecruzando e canalizando a subjetividade tanto nas estruturas organizacionais das empresas quanto no mercado do consumo, antes de reintroduzi-las nos seios das relações pessoais” (*Ibid.*,

p. 75). Sendo assim, em maior ou menor medida, problematizaremos o primeiro fenômeno constitutivo do capitalismo emocional, que também tem por materialidade o discurso da autoajuda. Tocino Rivas (2023) explica que, embora o conceito de capitalismo emocional não apareça explicitamente nas obras de Eva Illouz, tacitamente esse conceito é operacionalizado com base na descrição tanto da emocionalização do comportamento econômico, quanto da “racionalização da vida emocional, bem como do estilo emocional terapêutico, que conecta ambos os fenômenos, é um elemento de continuidade que está presente transversalmente no conjunto dos escritos de Illouz” (Tocino Rivas, 2023a, p. 437, tradução nossa).⁴² Esse elemento de continuidade constitui os *insights* de Eva Illouz inscritos na obra “O amor nos tempos do capitalismo” (2011), os quais possibilitaram apreender como a crescente mobilização e protagonização de uma linguagem terapêutica de autoajuda tornaram as emoções um recurso ideológico fundamental do discurso neoliberal.

Illouz (2011) ilustra que o retumbante sucesso do discurso psicológico e de autoajuda tem por marco as conferências na Universidade de Clark realizadas por Sigmund Freud. Nessa conferência proferida em 1909, o assim denominado pai da psicanálise demonstra para um público de leigos a maneira pela qual as determinações inconscientes influenciam as ações dos sujeitos; a importância da sexualidade em nossa constituição psíquica e o papel da família enquanto esfera que, apesar de ser responsável pela formação da nossa psique, é também uma das principais fontes da patologia. As ideias apresentadas por Freud em suas conferências foram disseminadas e popularizadas, dominando, o cenário cultural norte-americano durante todo o século XX (Illouz, 2011). Esse cenário de hegemonia da psicanálise freudiana na cultura norte-americana, que propiciou a manifestação de diversas correntes da psicologia – humanismo, psicologia do Ego, etc. - formularam, na análise de Illouz “um novo estilo afetivo, o estilo afetivo terapêutico, que dominou o cenário cultural norte-americano durante todo o século XX.” (Illouz, 2011, p. 13).

Illouz (2011) compreende que por “estilo afetivo terapêutico” entendem-se os modos científicos, interativos e linguísticos que a cultura do século XX desenvolve com o intuito de produzir uma tecnologia de gerenciamento das emoções. O respectivo estilo afetivo é parte constitutiva do capitalismo emocional, tendo em vista, a partir de um léxico terapêutico, prescrever uma administração economicista das próprias emoções, tornando-se uma característica, portanto, definidora do *ethos* terapêutico do neoliberalismo (Tocino Rivas,

⁴² No original: “[...] racionalización de la vida emocional, así como del estilo emocional terapéutico que conecta ambos fenómenos, es un elemento de continuidad que está presente de manera transversal en el conjunto de los escritos illouzianos”.

2023b). Esse *ethos* terapêutico pode ser caracterizado por um modo de racionalização da vida emocional impulsionado pela psicologia e o discurso de autoajuda, em que as emoções são pensadas como objetos a serem mensurados, controlados e administrados (Illouz, 2011). Esse gerenciamento, salienta Illouz (2011), é sustentado, inclusive, pela criação de uma nova imaginação interpessoal, em que o *self* é incitado a instrumentalizar suas relações afetivas em termos utilitaristas. Em suma, o legado freudiano materializou-se, para além de um saber clínico, na reconfiguração das relações culturais da contemporaneidade. A autora demonstra que tal reconfiguração pode ser apreendida em duas instâncias. A primeira reconfiguração incide sobre o papel da família na constituição da identidade do sujeito. Logo, a família passa a ser lida como “[...] tendo um papel ainda mais crucial para a constituição de novas narrativas da identidade, por estar na própria origem do eu e por ser aquilo de que ele precisava se libertar” (Illouz, 2011, p. 13).

A segunda instância, por sua vez, diz respeito ao domínio do *self* posto enquanto um objeto, no qual é exigido um trabalho sobre as emoções (Hochschild, 2003) sobre si a fim de alcançar uma personalidade mais autêntica. Noutras palavras, esse suposto “eu autêntico” requer um gerenciamento emocional mais profundo que, por vezes, conforme notamos na análise dos livros de Flávio Augusto da Silva, alude a descoberta de uma espécie de “autêntico *self* empreendedor”. Para Illouz (2011), a popularização dessas ideias encontra ressonância no dito contexto norte-americano mediante a indústria de aconselhamento entrelaçado com os discursos da psicologia; elas são responsáveis por construir uma espécie de cultura terapêutica.⁴³ Um exemplo disso é a literatura de aconselhamento que reúne uma série de exigências. Dentre elas, a) a necessidade de uma linguagem nomológica, sendo afirmações de caráter normativo; b) o discurso deve estar revestido de neutralidade para atingir um público

⁴³ Embora Illouz encontre os principais contornos da emergência, bem como dos seus impactos, disso na cultura norte-americana do século XXI, isso não significa dizer que tal reverberação ocorra somente no contexto norte-americano. Estudos tendo por base as contribuições analíticas da mencionada socióloga, tem assinalado como isso estrutura-se na realidade brasileira. Incluindo, nesse sentido, pesquisas em torno da questão do amor na era dos aplicativos de relacionamento, que, em certo sentido, lucram com seus usuários, no qual isso tem sido analisado sociologicamente em termos de um crescente mercado afetivo (M. C., & Moura, P. J. C. 2017; Ampudia de Haro, 2022; Adelman, 2011; Jardim, 2019). Apesar da análise de Illouz não incluir outros contextos sociais, isso não significa dizer que tal dinâmica tenha sido ausente na realidade brasileira. Conforme Castellano, "no Brasil, onde o contato de grande parte da população com técnicas tradicionais de terapia ainda é limitado, a cultura terapêutica também se expande de forma admirável, principalmente através do conhecimento difundido em uma grande variedade de artigos culturais, tais como programas de televisão, de rádio, filmes, seriados, revistas - das voltadas às donas de casa às que possuem os homens de negócio como público alvo - e, principalmente, através da enorme indústria da autoajuda, que além dos livros também conta com um arsenal cada vez mais elaborado de produtos audiovisuais, palestras, workshops, cursos, vivências, imersões, dinâmicas de grupo etc." (2014, p. 83).

maior; c) o porta-voz do discurso necessita ter autoridade e credibilidade para assim ser reconhecido como fonte legítima (Illouz, 2011; Hochschild, 2003).

Para além desses fatores mencionados, o exitoso sucesso dessa literatura coincide na produção de um vocabulário para o *self* construída e transmitida “sob a forma de conselhos, advertências e receitas do que fazer” (Illouz, 2011). A reformulação do *self* em termos da linguagem terapêutica e emocional disseminada pela literatura de aconselhamento irá encontrar amparo nas ciências psicológicas, responsável em larga medida por reconfigurar a imaginação empresarial (Illouz e Alaluf, 2020). Isso ocorre por volta de 1920, onde psicólogos clínicos, inspirados pelas assertivas freudianas, introduziram técnicas emocionais e terapêuticas no âmbito de trabalho. O objetivo era sanar problemáticas envolvendo conflitos trabalhistas, baixa cooperatividade e remediar a baixa adesão dos empregados(as) ao ritmo ideal de produtividade exigido pela empresa (Illouz, 2011). Progressivamente, em síntese, a linguagem terapêutica, que carrega em seu interior uma psicologização das relações sociais, ocupa a posição de traduzir os conflitos entre empregados e empregadores enquanto conflitos emocionais (Illouz, 2011).

A insatisfação do funcionário deixa de passar pelo crivo da desigualdade objetiva do Capital e Trabalho, porque é reposicionada como uma contradição do *self*, ou seja, os problemas oriundos das opressivas condições de trabalho são transmutados em questões intrapsíquicas não resolvidas. Em vista disso, Illouz e Alaluf (2020) demonstram que um dos grandes nomes responsáveis por operar e proliferar a linguagem terapêutica no mundo do trabalho foi o psicólogo Elton Mayo. É a partir dos famosos experimentos de *Hawthorne*, conduzido por Mayo, de 1924 a 1927, que nasce uma nova compreensão, sem precedentes históricos, preocupada com “[...] as transações afetivas em si, visto que sua principal descoberta foi que **a produtividade aumentava quando as relações de trabalho continham atenção e cuidado para com os sentimentos dos trabalhadores.**” (Illouz, 2011, p. 16, grifo nosso). Ao perceber o nexos entre produtividade e a dimensão emocional, Eva Illouz elucida que Mayo elabora um método de intervenção nos conflitos trabalhistas, revelada em sua atuação na *General Electric*.⁴⁴ Uma das explicações de cunho histórico que permite entender a incorporação do léxico terapêutico é que, nas palavras de Tocino Rivas:

Tal incorporação do discurso terapêutico no local de trabalho ocorreu num contexto de expansão da força de trabalho após, afirma Illouz, a “idade de ouro do capitalismo” (1880-1920), que demandou o surgimento de uma nova classe profissional, os

⁴⁴ Esse método, geralmente, é estruturado na forma de entrevistas, saturada de pressupostos terapêuticos. Illouz exemplifica isso mencionando um caso envolvendo operárias, no qual Mayo supostamente desvenda a antipatia entre uma operária e seu supervisor durante uma entrevista cuja conclusão da resolução do conflito residia “[...] na fantasia de uma semelhança entre ele e um padrasto detestado” (Illouz, 2011, p. 13).

managers, que foram responsáveis por intensificar o gerenciamento e o controle sobre os trabalhadores (Alonso e Fernández Rodríguez 2013). Conforme a autora (2007, pp. 32ss; 2009b, pp. 113ss; 2010b, pp. 112ss), os psicólogos muniram as empresas de um léxico que permitiu dar sentido aos problemas de produtividade do sistema taylorista, que dizem respeito a apatia e alienação que os trabalhadores experienciavam em razão dos novos processos de racionalização e burocratização do trabalho (Tocino Rivas, 2023a, p. 432, tradução nossa).⁴⁵

Conforme a economia norte-americana se transformava, em escala crescente, numa economia de serviços, “um discurso científico que versava primordialmente sobre pessoas, interações e sentimentos era o candidato natural para moldar a identidade no trabalho” (Illouz, 2011, p. 18), visto que a “[...] cultura terapêutica do século XX foi aos poucos desgastando e redefinindo essas fronteiras, ao tornar a vida afetiva central para o trabalho” (*Ibid.*, p. 18). Ademais, tal centralidade da afetividade no trabalho propiciou a emergência de um novo estilo afetivo, pois o discurso psicológico forneceu um sentido às contradições neoliberais do local de trabalho. Isso acontece a partir da formulação de uma nova forma de sociabilidade e afetividade com base em “dois temas culturais fundamentais – o da “igualdade” e o da “cooperação” —, porque as relações se forjavam entre pessoas tidas como iguais, e o objetivo dessas relações era cooperar para tornar o trabalho mais eficiente” (Illouz, 2011).

É fundamental sublinhar que, na perspectiva da Illouz, de modo geral, o discurso terapêutico instilou “[...] a nova convicção de que a personalidade do indivíduo, independentemente do status social, era a chave do sucesso social e administrativo” (2011 p. 19). Conseqüentemente, o êxito ou fracasso do sujeito apoia-se, primordialmente, nas competências afetivas e interpessoais desenvolvidas ao decorrer da sua trajetória. Não é mais sobre as desigualdades sociais quanto a raça, classe e gênero, é sobre como o sujeito lida e compreende emocionalmente o outro e a si mesmo. Com o impulso da literatura de aconselhamento sobre a administração empresarial, o indivíduo é instigado a transformar isso na capacidade de se ver de fora para dentro desenvolvendo assim uma espécie de personalidade reflexiva (Illouz, 2011; 2010). Noutras palavras, o sujeito é instruído a modular suas ações e sentimentos em sua interação com o outro a partir da comunicação. Por isso, a comunicação

⁴⁵ No original: “Esta incorporación del discurso terapéutico a los espacios laborales tuvo lugar en un contexto de expansión del volumen de las plantillas tras lo que Illouz denomina la “edad de oro del capitalismo” (1880-1920), que exigió la aparición de una nueva clase profesional, a saber, los gerentes o *mánagers*, llamados a reforzar el control de la dirección sobre los empleados (Alonso y Fernández Rodríguez 2013). De acuerdo con la autora (2007, pp. 32ss; 2009b, pp. 113ss; 2010b, pp. 112ss), los psicólogos ofrecieron en las empresas un léxico que permitió dar sentido a los problemas de productividad que atravesaba el sistema taylorista, derivados esencialmente de la apatía y la alienación que acusaban los trabajadores como consecuencia de los nuevos procesos de racionalización y burocratización laboral”.

passa a ser uma ferramenta indispensável nesse mencionado contexto sócio-histórico neoliberal.

Não basta apenas externalizar os incômodos decorrentes da dinâmica empresarial, é necessário racionalizar e projetar os sentimentos em uma forma de comunicação orientada por preceitos psicológicos - presente, por exemplo, na indústria da literatura de aconselhamento. A supracitada comunicação é definida como uma “tecnologia de manejo do eu que se apoia largamente na linguagem e na administração adequada dos sentimentos, mas para instaurar uma coordenação inter e intra-afetiva” (2011, p. 20). Um dos imperativos desse modelo de comunicação afirma que um bom administrador necessita se (auto)avaliar “objetivamente”. Uma das razões que explica a adoção de técnicas comunicativas para manejar o próprio *self* e as relações pessoais que o circundam relaciona-se com a demanda permanente de flexibilidade que “[...] tiveram o efeito de sobrecarregar o eu de incertezas e de fazer dele o único responsável por lidar com a insegurança e as tensões do local de trabalho contemporâneo” (Illouz, 2011, p. 21).

Tal capacidade de instilar coordenação e reconhecimento a partir da comunicação encontra maiores desdobramentos na segunda conferência da Eva Illouz. Essa conferência é de suma importância para esse capítulo e tópico, uma vez que a análise acerca de como o discurso terapêutico impactou determinado imaginário social, produzindo um estilo afetivo, tem suas raízes numa faceta da indústria da literatura de aconselhamento, em especial, marcada pela narrativa de autoajuda. Contudo, a autora chama nossa atenção não para uma observação que considera a narrativa da autoajuda dissociada do credo terapêutico, sobretudo o psicanalítico, mas pela intersecção dos respectivos discursos. Em razão disso, “o ethos da autoajuda e a psicologia, o sofrimento psíquico - sob a forma de uma narrativa no qual o eu foi ferido - tornou-se agora uma característica da identidade compartilhada por proletários e gente abastada” (Illouz, 2011, p. 32). Por isso, o movimento realizado por Illouz consiste em demonstrar como isso se estrutura, salientando que uma das consequências desse entrelaçamento é, na verdade, a emergência de uma narrativa de sofrimento psíquico. Essa narrativa expressa um discurso sobre o eu calcado no sofrimento, na aflição e angústia, os quais são tornados elementos nodais da constituição identitária do sujeito.

Isso é ilustrado pela socióloga mediante uma apresentação sumária da clássica narrativa de autoajuda. Em primeiro lugar, a narrativa de autoajuda remonta a obra de Samuel Smiles intitulada *Self-Help*. Na compreensão de Illouz (2011), essa obra de Smiles preocupava-se em fornecer uma série de aconselhamentos a partir de diversas biografias de homens bem-sucedidos. A obra acabou tendo imensa popularidade. As ideias propagadas, resumidamente,

versavam sobre a perspectiva vitoriana de responsabilidade individual. É perante essa premissa de responsabilidade individual que Smiles prescrevia que “a capacidade de autoajuda era o poder de cada um alcançar suas realizações por si” (Illouz, 2011, p. 31). Diante desse horizonte sociohistórico, no fim do século XIX e início do século XX, outra narrativa que obtém bastante notabilidade, é o discurso *psi*, especialmente em razão da considerável popularização do pensamento freudiano. Nesse sentido, inicialmente, Eva Illouz frisa que o discurso psicanalítico se opunha aos pressupostos defendidos por Smiles. O principal motivo para tal antagonismo resulta do ceticismo psicanalítico face às ideias de autocontrole, força de vontade e coragem moral defendida por Smiles (Illouz, 2011).

O ceticismo da psicanálise justifica-se por compreender que nossas ações e sentimentos estruturam-se numa teia de causalidades inconscientes; geralmente, acessível, em partes, mediante ao longo trabalho de análise das transferências, dos sonhos e das repressões de conteúdos psíquicos recalcados (Freud, 2014). Em contraposição a Smiles, Sigmund Freud (2014) analisa que o núcleo dos conflitos vivenciados pelo sujeito reside em um circuito pulsional e afetivo, libidinalmente dinamizado à revelia de um suposto controle pleno e consciente do indivíduo (Illouz, 2011). Nesse sentido, o sofrimento psíquico deixa de ser um apêndice, tornando-se aspecto central da vida subjetiva. A linha fronteira que separa o normal do patológico é menos clara do que se suponha; afinal de contas, em maior ou menor grau, “somos todos neuróticos”. Sendo o inconsciente uma realidade psicossocial transversal, o sofrimento psíquico é, então, compreendido como destino social, no qual nenhuma classe social é exceção (Illouz, 2011).

Ao trazer o sofrimento neurótico à tona na forma de um sintoma comum a todas as classes, Illouz (2011) observa que a oposição entre a psicanálise e os pressupostos defendidos por Smiles foi solapada por uma das inversões mais irônicas: “na cultura de autoajuda que varreu a sociedade dos Estados Unidos, o espírito de autoaprimoramento de Smiles e as ideias de inspiração freudiana entrelaçaram-se a tal ponto que são praticamente indistinguíveis” (Illouz, 2011, p. 32). O legado freudiano e o espírito de autoajuda contemporâneo “tornaram os indivíduos senhores de suas próprias casas, mesmo quando - ou, talvez, especialmente quando - elas estão em chamas” (*Ibid.*, p. 35). Esse entrelaçamento explica-se, primeiro, a partir das modificações e distanciamento da teoria psicológica com relação ao determinismo do inconsciente freudiano. Eva Illouz (2011) explica que Alfred Adler, Erich Fromm, Karen Horney e Albert Ellis preconizavam pensar o *self* enquanto instância que possui o poder de moldar o próprio destino. O cerne não é mais as distintas modalidades de neuroses surgidas, grosso modo, de conflitos libidinais recalcados e precariamente elaborados, mas sim o

desenvolvimento pessoal centrado no Ego. Assim, o segundo momento apresenta-se face ao fato do antagonismo ceder lugar ao entrelaçamento das premissas freudianas com os pressupostos da autoajuda mencionado anteriormente (Illouz, 2011). A consequência imediata disso é que “a narrativa de autoajuda não apenas se entrelaça estreitamente com a narrativa de falhas psíquicas e do sofrimento, como também, a rigor, é acionada por ela” (Illouz, 2011, p. 35).

Como nas narrativas religiosas, tudo na narrativa terapêutica tem um sentido e um objetivo ocultos. Do mesmo modo que os sofrimentos humanos são explicados pela pressuposição de um plano divino oculto, na narrativa terapêutica as escolhas que parecem prejudiciais para nós, atendem a alguma necessidade e objetivos ocultos. É nesse ponto que as narrativas de autoajuda e do sofrimento se ligam, pois, se desejamos secretamente o nosso sofrimento, o eu pode ser diretamente responsabilizado por aliviá-lo. (Illouz, 2011, p. 35)

Noutras palavras, é importante atentar-se que se tudo na narrativa terapêutica tem um sentido e um objetivo oculto, então um dos flancos desse discurso é fundamentalmente um processo intenso de racionalização, em que “o espírito terapêutico promove uma abordagem metódica da vida emocional, contrariamente a uma vida emocional intensa ou substancial” (Illouz, 2010, p. 137, tradução nossa).⁴⁶ Portanto, a antiga narrativa de autoajuda aproxima-se, com maior intimidade, da narrativa terapêutica. Se, de um lado, foi destacado o enlaçamento entre o legado freudiano – que, posteriormente, a teoria psicológica se distanciou – com a narrativa de autoajuda, por outro, Illouz (2011) afirma que que isso é propulsionado pelo movimento humanista, em especial, pelos psicólogos Carl Rogers e Abraham Maslow, que instaura uma modificação profunda na concepção em torno do *self*. É a partir de Maslow que a categoria de autorrealização passa a desempenhar um papel crucial nessa narrativa terapêutica imbricada com a autoajuda (Illouz, 2011).

Sua perspectiva torna-se crucial e bem-sucedida através da hipótese de que o medo do sucesso impede o sujeito de autorrealizar-se. O forte êxito dessa perspectiva também é determinado pela sua inserção nas concepções culturais sobre o *self* cuja ressonância encontra eco no arcabouço liberal, no qual o desenvolvimento pessoal não é apenas um objetivo, como também um direito (Illouz, 2011). Essa imbricação converte a dimensão do sofrimento psíquico, portanto, em um dos elementos centrais da constituição do discurso de

⁴⁶ No original: “El espíritu terapéutico promueve un enfoque procedimental para la propia vida emocional, en tanto opuesto a una vida emocional espesa o sustantiva”.

autorrealização, porque “a própria narrativa terapêutica da autorrealização só pode funcionar identificando a complicação da história [...] ela faz o sujeito compreender sua vida como disfunção generalizada, justamente para superá-la” (Illouz, 2011, p. 37). A leitura de Illouz (2011) elucida que, embora a cultura terapêutica de autoajuda seja um aspecto corriqueiro de nossa experiência social, ela é também uma dimensão da cultura, acentuadamente, introjetada, que estrutura, de certo modo, a percepção do eu, incluindo, a autobiografia.

3. 3 – As metamorfoses do discurso da autoajuda e a nova razão do mundo

Com a *sociologia das emoções em Eva Illouz* (Gaiad, 2019) foi possível enfatizarmos o papel do capitalismo emocional na constituição e fortalecimento do discurso *psi*. Nesse sentido, observa-se que a narrativa de autoajuda, por meio da ciência psíquica, desempenhou papel fundamental no interior da coprodução capitalista de mercadorias emocionais. Existe uma espécie de reconfiguração e fusão intensa da emocionalidade com a racionalidade econômica. Isso é possível a partir da consolidação do regime de produção neoliberal, que incute um conjunto de mecanismos objetivos e subjetivos a fim de intensificar seu processo ideológico de dominação. A definição de neoliberalismo mobilizada nessa monografia é devedora, majoritariamente, das reflexões do livro “a nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal” (2016), no qual o filósofo Pierre Dardot e o sociólogo Christian Laval observaram que o neoliberalismo apesar de, comumente, ser compreendido na dimensão objetiva da economia, materializado, por exemplo, na política de austeridade fiscal, além da diminuição da intervenção do Estado na economia, enraíza-se também numa transformação da subjetividade do sujeito.

Conforme os autores, o neoliberalismo opera sob a égide de um governo empresarial, em que a sociedade é vista como um conjunto de empresas que, na atual conjuntura, demanda “uma nova norma subjetiva, que não é mais exatamente aquela do sujeito produtivo das sociedades industriais” (2016, p. 321). A partir disso, é designada a emergência de um novo sujeito flexível, adaptável e fluido às necessidades de manutenção e expansão do domínio neoliberal. Tal emergência de um novo sujeito pode ser verificada, principalmente, a partir da dissertação “Trabalho contemporâneo: a produção do sujeito neoliberal através das conferências TEDx” do sociólogo sergipano Sidcley Santana (2022). O autor explica, com base em Dardot e Laval (2016), que as teorizações sobre a sociedade de mercado, presentes, por exemplo, na literatura de gestão empresarial, contribuíram para a construção de uma nova subjetividade. Essa nova subjetividade, caracterizada pela internalização de um modelo

empresarial de existência, forjou um novo trabalhador durante o passar das décadas (Santana, 2022). Mediante a análise de diversas palestras, que compõe o evento TED *Talks* independente, o referido sociólogo preocupou-se em analisar “discursos que sintonizassem com perspectivas relacionadas ao mundo do trabalho” (2022, p. 107). A partir da transcrição de trechos de alguns palestrantes, elucida-se a relação do trabalho com as emoções, com seus significados íntimos e, por fim, uma apreensão do trabalho enquanto compromisso e conexão. O autor identifica que as palestras realizadas nos eventos TED não podem ser pensadas apressadamente como dimensão desprovida da racionalidade neoliberal, pois, na verdade, os eventos TED são “espaços de divulgação de um discurso centrado numa forma de viver nessa época, um discurso que lida com o “agir, pensar e sentir” neoliberal, onde os sujeitos adquirem conhecimento necessário para encarar essa “corrida”” (2022, p. 120).

Razão pela qual, a construção desse sujeito repousa sobre as técnicas de governamentalidade empresarial cuja consequência é moldar uma forma de realização pessoal atrelada a empresa que mobiliza valores como, por exemplo, felicidade, autorrealização e empoderamento. Em seu artigo “governamentalidade empresarial e saberes ADM”, a autora Susane Souza, afirma que tal conceito foucaultiano de governamentalidade “é profícuo, na medida em que sinaliza como as técnicas voltadas ao governo de si mesmo são inseparáveis dos mecanismos de poder” (2013, p. 402). Ela analisa o livro “Séries Profissões” (2006), cuja finalidade é orientar vestibulandos na escolha de uma determinada carreira. A obra é pautada por instruções e prescrições comportamentais como, por exemplo, que o indivíduo seja menos tímido para obter maior sucesso, devendo ter uma inteligência emocional para prosperar no trabalho em equipe. É por isso que, conforme Souza, “nesse contexto, para a maioria populacional, salvação seria não ser descartado do mercado de trabalho, seria governar a si mesmo em meio à governamentalidade atual, de modo a manter-se empregável.” (2013, p. 404). Sendo que, nesse viés, a presente dinâmica é conformada numa espécie de racionalidade utilitária cujo destino é tornar as múltiplas esferas da vida economicamente rentável. Se é assim, essa tendência de converter a própria subjetividade num espaço de valorização do valor é compreendido por Dardot e Laval (2016) como *a nova razão do mundo*.

Essa nova razão do mundo inscreve-se de maneira singular nos diferentes contextos socioeconômicos, motivo pelo qual ao apresentar a compreensão da noção de neoliberalismo dos respectivos autores, é importante para essa pesquisa compreender como isso percorre a realidade brasileira. Em vista disso, cabe elucidar que, no contexto brasileiro, os sociólogos Jacob Carlos Lima e Roberto Veras de Oliveira (2021), compreende que o neoliberalismo se constitui como um discurso justificador do trabalho informal e precário. Em razão do

crescimento exorbitante no tocante ao desemprego na década de 1990, foi implementada uma agenda neoliberal, responsável por realizar uma espécie de mistificação das desigualdades acentuadas pelo Capital a partir da ideia-força de empreendedorismo. Por essa razão, é ressaltado “persistentemente que o tema do desemprego era uma questão da esfera do individual, e não do social, cabendo ao trabalhador superá-lo através da qualificação profissional e da sua capacidade de iniciativa” (Lima e Oliveira, 2021, p. 911). Essa responsabilização do trabalhador(a), tendo em vista sua transformação em empreendedores, foi fortalecida, por exemplo, pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE). Lima e Oliveira (2021) analisam que:

Por meio de lobby do SEBRAE e efeitos de sua atuação, assim como por influência de agências internacionais e outros aliados do projeto empreendedorista, várias medidas se seguiram no campo das políticas públicas com o propósito de promover e regulamentar o “empreendedorismo” no país. Com a Lei n. 9317, de 1996, no rastro da criação do programa de redução de tributos para micro e pequenas empresas, denominado *Simplex* (“Sistema Integrado de Pagamento de Imposto e Contribuições das Microempresas e das Empresas de Pequeno Porte”), e, em 1999, do estatuto das microempresas e empresas de pequeno porte, nesse mesmo ano, foi lançado o programa “Brasil Empreendedor” pelo governo Fernando Henrique Cardoso, cuja execução foi destinada ao SEBRAE (Melo, 2008). (Lima; Oliveira, 2021, p. 912)

É nessa seara que o neoliberalismo infiltra-se, capilarmente, na realidade brasileira sob os signos da inovação, criatividade, resiliência e flexibilidade, em que se projeta discursivamente um trabalhador(a) não mais preocupado em possuir um emprego de longo prazo regulado juridicamente pela Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) e politicamente pelos sindicatos, pois o trabalhador(a) é pensado a partir da “[...] demonstração pública da disposição e competências para práticas econômicas em constante mudança – isto é, sempre como empresário de si.” (Silva, 2002, p. 105). É posto para o trabalhador(a) se pensar como empresário de si com base numa injunção que impõe o (auto)aperfeiçoamento a fim de produzir o comportamento mais eficaz possível para suportar as mudanças impostas pelo mercado, visto que “a racionalidade neoliberal impele o eu a agir sobre si mesmo para fortalecer-se e, assim, sobreviver na competição” (Dardot; Laval, 2016, p. 331).

Em consonância com isso, a mencionada racionalidade neoliberal, que requer do trabalhador(a) um *labor* interior constante, traz consigo um leque de técnicas subjetivas exposto, por exemplo, na literatura de autoajuda; compreendida como uma mercadoria do capitalismo emocional (Illouz, 2011). Com o objetivo de apreender a maneira como a literatura de autoajuda, parte constituinte da atual indústria de aconselhamento descrito por Illouz (2011), torna-se um dos núcleos do individualismo contemporâneo, é necessário discorrer sobre as

condições sócio-históricas que pavimentaram sua emergência. Segundo o sociólogo brasileiro Angelo Marcos Bosco (2001), a literatura de autoajuda tem por ponto de partida a publicação do livro *Self-Help* do autor Samuel Smiles (1859). Neste livro, o autor propunha um conjunto de exortações morais, baseados na formação do caráter, cuja contribuição resultaria na construção de um trabalhador virtuoso.

Em outras palavras, Smiles tinha por preocupação ilustrar que “o sucesso pessoal não é medido pela acumulação material, nem pelo acesso ao consumo, e, sim, pelo cultivo dos traços de um bom caráter. O trabalho é uma prática indispensável para a construção desse caráter” (Bosco, 2001, p. 5). Bosco (2001) salienta que o trabalhador é nesse contexto redirecionado para pensar a si enquanto um objeto a ser conformado pela moralidade justa e correta, tendo em vista que sua condição econômica deplorável seria suplantada a partir do cultivo de determinadas virtudes morais. Nas palavras de Francisco Rüdiger (1996, p. 33), “*self-help* significava, essencialmente, força de vontade aplicada ao cultivo dos bons hábitos. O conceito chave não era realização ou prazer, mas caráter”. É, por essa razão, que “o homem como sujeito que vive para satisfazer suas necessidades, **o homem do desejo descoberto pelo pensamento psicológico moderno, é uma figura estranha a essa doutrina de autoajuda**” (Rüdiger, 1996, p. 44, grifo nosso). Rüdiger também pontua, na análise da socióloga Elaine Leite (2019), que Smiles evidencia a noção do *self-help man*⁴⁷, que baseada na ética puritana, “possibilitava a mobilidade social e o êxito pessoal” (Leite, 2019, p. 919). Isso pode ser percebido, em maior profundidade, mediante a teorização de Max Weber (2004) a respeito das condições subjetivas de surgimento do capitalismo, em que a ética protestante propunha que o trabalhador deveria veicular um ideal ascético sobre sua conduta moral a fim de obter sucesso em seus empreendimentos em contraposição a um ideal hedonista de vida.

Contudo, a autora Barbara Ehrenreich sugere que o espírito calvinista também “poderia ser descrito como um sistema de depressão socialmente imposto” (2013, p. 88), uma vez que um dos elementos que definem o calvinismo é a imposição constante de um autoexame sobre os pensamentos e sentimentos pecaminosos do indivíduo. Nas suas palavras, “qualquer outra coisa – como o ócio ou a busca de prazer – que não fosse trabalho do tipo laborioso ou espiritual era um pecado desprezível” (Ehrenreich, 2013, p. 89). Em sua análise, as manifestações de emoção eram compreendidas negativamente pelo modo calvinista de vida. Assim, “a América daqueles tempos não era o único lugar a tremer com o que Max Weber chamou de “frio enregelante” do puritanismo calvinista” (Ehrenreich, 2013, p. 92). Motivo pelo

⁴⁷ Essa noção pode ser compreendida como o sujeito, nas palavras de Leite (2019, p. 918), “que tem por objetivo também reconstruir os valores morais da sociedade”.

qual, é importante não perder de vista que os escritos do autor Benjamin Franklin, analisados por Weber (2004), foram fundamentais para o impulsionamento e o desenvolvimento da literatura de autoajuda norte-americana (Leite, 2019). Na ótica de Leite, é nesse horizonte que:

vale retomar as análises de Max Weber (1991, 2001) sobre os escritos de Benjamin Franklin, que buscam dar conta do surgimento de uma nova ética religiosa em consonância com o desenvolvimento de uma nova ética econômica, apontada especificamente nos EUA. Na obra de Weber (2001), Franklin é considerado um representante da ética do trabalho e dos negócios, característica representativa do “espírito” capitalista, que é, segundo Weber (2001), formado pelo protestantismo ascético. (2019, p. 919)

Nessa linha de raciocínio, o sistema capitalista de produção, de acordo com Rüdiger (1996), incita o indivíduo a conceber-se enquanto um agente livre e racional dotado de direitos individuais que o possibilita transcender os papéis sóciomorais fixos típicos da pré-modernidade. Com o aprofundamento da expansão do capitalismo, os elementos pré-modernos presentes na concepção moral de Smiles projetados sobre a atividade laboral sofre um golpe profundo. Essa projeção se desvanece com a expansão da dinâmica capitalista, que submete e solapa tal concepção moral instaurando práticas e concepções em torno da acumulação de lucro (Rüdiger, 1996). Se, por um lado, com base na obra “A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo” de Max Weber (2004), notamos uma certa influência da ética protestante e puritana no contexto do capitalismo industrial vivenciado por Smiles, em que suas ideias foram fundamentais para o nascimento do fenômeno da autoajuda; por outro lado, é com um movimento estadunidense denominado Novo Pensamento que o discurso da autoajuda vingou consideravelmente. Tratava-se de um fenômeno cultural da classe média cujo objetivo era difundir, programaticamente, “os segredos do sucesso, da saúde mental e da realização pessoal entre a população, ensinando como fazer da relação consigo mesmo (o *self*) o campo de aplicação prática de um conjunto de técnicas subjetivantes, baseadas no suposto poder da mente” (Rüdiger, 1996, p. 73). Conforme Barbara Ehrenreich, foi com o encontro de Mary Baker Eddy, filha de um fazendeiro calvinista, e Quivi, preocupada com questões de ordem metafísica, na década de 1860 que:

[...] deslanchou o fenômeno cultural que agora conhecemos como “pensamento positivo. Como tendência intelectual, **esse novo modo de pensar pós-calvinista era chamado, bastante genericamente, de “o movimento Novo Pensamento”**. Ele se inspirava em muitas fontes – transcendentalismo de Waldo Emerson, correntes místicas europeias como a derivada de Swedenborg, até mesmo uma pitada de hinduísmo – **e parecia quase projetado para ser uma reprovação daquele calvinismo** com o qual muitos de seus adeptos haviam sido aterrorizados quando crianças (Ehrenreich, 2013, p. 93, grifos nossos).

Rüdiger (1996) afirma que a difusão dessas ideias basilares do Novo Pensamento tinha por base ainda, de certo modo, um pressuposto médico-religioso que cede lugar, com as modificações socioeconômicas do século XIX, a uma busca por sucesso, popularidade e status, tendo em vista que “a conjuntura não podia ser mais propícia, levando-se em conta que o sucesso passara ser o verdadeiro motivo de culto social com o progresso verificado na economia capitalista durante o século XIX” (Rüdiger, 1996, 77). Tal movimento possui por característica um forte apelo ao mentalismo ou a nova psicologia que ao invés de uma exortação moral, coloca em destaque o cultivo dos bons hábitos mentais, além de uma racionalização interior (Rüdiger, 1996, 77). Portanto, no cenário vitoriano vivido por Smiles ao contexto do Novo Pensamento no século XIX, observa-se uma redefinição prática de autoajuda cuja preocupação capital reside no culto da personalidade e do sucesso, uma vez que:

Nas décadas finais do séc. XIX, o sucesso começou a se tornar matéria de verdadeiro culto por camadas cada vez maiores da população. O capitalismo estava entrando em um novo padrão de acumulação, ensejando o desejo generalizado de subir na vida e uma nova onda de mobilidade social. A preocupação com a formação do caráter, assim como aquela com a formação cultural da personalidade, fosse burguesa ou popular, foi dando lugar ao cuidado sensível com a segurança, a saúde, o conforto e o bem-estar. (Rüdiger, 1996, p. 91).

Partindo da leitura de Bosco (2001), é sobretudo com os autores americanos Carnegie, Peale e Hill que esse discurso centrado na personalidade do indivíduo e no pensamento positivo enquanto alavanca para uma bem-sucedida ascensão social é tornando o centro de gravidade mais sólido da narrativa da autoajuda. Surge, então, nesse sentido, um novo *ethos* da personalidade, em que “a personalidade vendável, percebida, por exemplo, em Carnegie, é também o resultado da expansão das classes de administradores profissionais (*professional-managerial classes*) no capitalismo monopolista e burocrático do século XX. (Bosco, 2001, p. 14). Em face desse cenário, conforme adverte Rüdiger, na década de 20, o movimento Novo Pensamento perde sua força. Entretanto, isso não implica descartar os efeitos gerados sobre, por exemplo, os autores americanos, pois, “a procura de sucesso, de poder e paz de espírito através da prática da auto-ajuda estava solidamente enraizada na mentalidade de diversas camadas da população no país e no mundo” (Rüdiger, 1996, p. 109).

Perante isso, principalmente a partir das décadas de 1970 e 1990, a literatura de autoajuda passa a ganhar outro contorno que se refere a incorporação da racionalidade terapêutica, tendo em vista que o retumbante sucesso do mercado envolvendo saúde mental e o crescimento exponencial da psiquiatria e psicologia cuja forte institucionalização tem,

inicialmente, por ponto de ignição a psicanálise (Gaiad, 2019; Illouz, 2010). Como foi argumentando no tópico anterior, Eva Illouz foi uma dessas autoras que “observou o movimento norte-americano de redução do psiquismo a forças biológicas e sociais e sua primeira expressão: o mundo do trabalho” (Gaiad, 2019, p. 44). Isso é explicado face ao esgotamento do taylorismo, que concebia o trabalhador como mera engrenagem do sistema produtivo. Desse modo, a narrativa de autoajuda, impulsionado pelos saberes terapêuticos, fornece um vocabulário para o *self*, que encontra respaldo a partir do discurso científico sobre a saúde mental em voga no contexto norte-americano (Illouz, 2010). Em concordância com as análises de Eva Illouz, a literatura de autoajuda que, na contemporaneidade, é constituída por um *ethos* terapêutico, pode ser apreendida pelo vocabulário psicológico e emocional disseminado na sociedade moderna, que “foi ao encontro dos sentimentos de instabilidade e insegurança gerados pelas crises cíclicas do capitalismo e pelo grande mal-estar durante a recessão da década de 20, consolidando-se enquanto novo ‘estilo de pensamento’ (Illouz, 2011)” (Gaiad, 2019, p. 44).

A economia neoliberal intensifica o mal-estar e a sensação de insegurança, visto que num cenário de subcontratações, desemprego estrutural e relações de trabalho, marcadas pela precarização, a vida emocional do trabalhador(a), como bem pontuou Sennett (2014), é posto em deriva. Tal vida emocional posta à deriva pode ser compreendida, por exemplo, a partir daquilo que Safatle (2021) nomeou de sofrimento de flexibilização. O filósofo brasileiro explica que a gramática de sofrimento é perpassada por patologias da insuficiência perante a exigência neoliberal de alto desempenho, inscritos no mundo do trabalho, que “mascara a possibilidade de compreensão das relações profundas entre sofrimento social e psíquico” (Safatle, 2021, p. 187). Em uma entrevista realizada pelo portal *Deutsche Welle* (DW)⁴⁸ em 2021, o renomado psicanalista brasileiro Christian Dunker sustenta que a depressão, por exemplo, é um dos sintomas sociais mais predominantes na realidade brasileira, na qual segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), a doença afeta 5,8% da população, sendo um índice superior à média mundial (de 4,4%). Dunker (2021) defende que um dos fatores responsáveis por provocar o agravamento desse transtorno é expresso pelo modo como:

As transformações da vida laboral aconteceram no Brasil de dez anos para cá, interrompendo um ciclo de alta mobilidade social — com muitas pessoas passando da pobreza para a classe média, ou da condição de miseráveis para a condição de pobres. [Essa ascensão] projetou uma perspectiva de continuidade de crescimento, o que não se revelou”. A ideia de criar novos horizontes e, depois, vê-los decepcionados concorre para a experiência da depressão. (Dunker, 2021)

⁴⁸ **INSTITUTO DE PSICOLOGIA DA USP.** Depressão é sofrimento compatível com o neoliberalismo. **Instituto de Psicologia da USP**, 2024. Disponível em: <https://www.ip.usp.br/site/noticia/depressao-e-sofrimento-compativel-com-o-neoliberalismo>. Acesso em: 10 out. 2024.

O autor demonstra que *a depressão é sofrimento compatível com o neoliberalismo*, portanto. Entendemos que essas assertivas do mencionado psicanalista dialogam em diversos níveis com as reflexões sociológicas de Igor Reis (2022) sobre o trabalho e a trajetória de vida dos motoristas de aplicativos de viagens entrevistados, que citamos no primeiro tópico desse capítulo, porque em sua tese é possível notar que alguns dos entrevistados relatam um quadro depressivo ou ansiogênico causado pela quebra de expectativas de uma possível ascensão social em um contexto de trabalho flexibilizado, sem garantias sociais. Ricardo Antunes e Luci Praun (2015), nesse sentido, argumentam que um dos efeitos do neoliberalismo sobre o trabalhador brasileiro reside não apenas na alta incidência de acidentes de trabalho em contextos de terceirizações e precarizações, como também de adoecimentos psíquicos vinculados ao âmbito laboral. Os autores afirmam que a nova divisão internacional do trabalho, oriundos da produção neoliberal, produziu novas dinâmicas de acidentes no trabalho, além das doenças profissionais. Tal divisão e suas consequências no tocante ao sofrimento psíquico pode ser compreendido da seguinte forma:

Por um lado, os trabalhadores pertencentes ao núcleo que atua com maquinário mais avançado, dotado de maior tecnologia, encontram-se cada vez mais expostos à flexibilização e à intensificação do ritmo de suas atividades, expressas não somente pela cadência imposta pela robotização do processo produtivo, mas, sobretudo, pela instituição de práticas pautadas pela multifuncionalidade, polivalência, times de trabalho interdependentes, além da submissão a uma série de mecanismos de gestão pautados na pressão psicológica voltada para o aumento da produtividade. Por outro, outra parcela da classe trabalhadora, numericamente superior, passa a experienciar, cada vez mais, diferentes modalidades de vínculos e condições de trabalho que se viabilizam a partir de ambientes de trabalho que articulam menor desenvolvimento tecnológico a jornadas mais extensas, maior insegurança e vulnerabilidade. (Antunes e Praun, 2015, p. 411)

Sendo assim, tendo em vista que, na sociedade brasileira, a agenda neoliberal tem seu nascimento a partir da década de 1990, podemos observar que, face às problemáticas e consequências para a saúde emocional do trabalhador oriundas do capitalismo flexível supracitadas, o discurso da empregabilidade e do sujeito empreendedor foram elencados como panaceia para os dilemas relacionados ao cenário de aumento da informalidade, precarização das relações de trabalho e suas ressonâncias na subjetividade dos trabalhadores (Lima; Oliveira, 2021; Lima, 2013; Colbari, 2007). Não por acaso, ocorre nesse horizonte sócio-histórico uma expansão substancial da autoajuda no Brasil, com especial ênfase para a autoajuda direcionada para o mundo dos negócios, no início da década de 1987. Noutras palavras, “nos anos 90 - ‘com o confisco’ de Collor de Melo - e estabilizou-se com o ‘Plano Real’. Em 94, 107 títulos

venderam 410 mil livros. Em 96, foram lançados 268 títulos e vendidos 1,4 milhão de exemplares. (Maestri, 2003, p. 3 *apud* Turmina, 2010, p. 31).

Esse crescimento da autoajuda circunscrita ao âmbito empresarial e dos negócios é uma das forças discursivas e persuasivas que contribui (re)produzindo, na análise de Turmina (2010), a (con)formação de um trabalhador de novo tipo. Nesse sentido, “a autoajuda ensina “jeitos de ser” no trabalho para que o indivíduo “aprenda a ser” um trabalhador de novo tipo, exigência da nova reordenação do capitalismo em tempos de reestruturação produtiva” (*Ibid.*, p. 45). A partir de um consentimento para lastrear a hegemonia, Turmina (2010) demonstra que o discurso da autoajuda funciona como uma espécie de mascaramento do conflito entre capital e trabalho, pois, na medida que a lógica neoliberal se expande, “a autoajuda presta-se à dupla tarefa de fornecer bálsamo de esperanças e mascarar as contradições do sistema capitalista” (*Ibid.*, p. 208). Em suas palavras:

Após a crise de 1970, a reestruturação das indústrias, do Estado, no contexto de mundialização do capital, e a implantação das políticas neoliberais impactam os mercados e as relações de trabalho, formando as bases de um novo bloco histórico. A partir da década de 1990, a autoajuda refloresce e o discurso dos autores atuais visa configurar um trabalhador de novo tipo solicitado pela nova gestão do trabalho, administração flexível, também calcado nos casos exemplares, nas biografias de empresários de sucesso, homens que reorganizaram empresas consideradas em crise. (Turmina, 2010, p. 44).

Flávio Augusto da Silva, por exemplo, é um desses casos exemplares cuja biografia é mobilizada como um argumento cabal de que o empreendedorismo é a chave para a ascensão socioeconômica brasileira. Em uma de suas colunas na revista Forbes,⁴⁹ Silva questiona-se: “Por que as pessoas não se libertam da vida limitada que têm atreladas a um salário mínimo? Por que elas não vendem um produto?”, e prossegue, afirmando: “na época eu nem sabia o que era empreendedorismo, mas sentia que existia algo de errado no mundo, ou pelo menos no mundo que me cercava”. Com base em Sennett (2014), é possível entender que o discurso de Silva é uma contraposição a velha ética do trabalho em prol de um *ethos* empreendedor marcado por ideias de flexibilidade e liberdade. Por essa razão, em concordância com a leitura de Dardot e Laval (2016, p. 332), “pode-se dizer que o primeiro mandamento da ética do empreendedor é “ajuda-te a ti mesmo” e que, nesse sentido, ela é a ética do self-help [autoajuda]”. É em vista disso que a socióloga e antropóloga Martelli, afirma que “tanto a literatura de auto-ajuda

⁴⁹ **FORBES BRASIL.** Vou te contar uma coisa. **Forbes Brasil**, 2022. Disponível em: <https://forbes.com.br/coluna/2022/04/flavio-augusto-da-silva-vou-te-contar-uma-coisa/>. Acesso em: 28 ago. 2024.

invadiu o meio organizacional como o mundo dos negócios se apropriou de um modo de pensar típico dos discursos de auto-ajuda” (2006, p. 155).

Na sua obra “autoajuda e gestão de negócios: uma parceria de sucesso”, que é uma das leituras fundamentais para pensar o objeto dessa pesquisa, Martelli (2006) analisa a autoajuda não apenas enquanto um discurso confinado aos livros e manuais, pelo contrário, sua análise destaca que “os sistemas de autoajuda se transformaram em fenômenos que tem a dizer sobre um tipo de homem, um modo de ver a natureza, a sociedade, um modo de pensar as relações entre os homens” (Martelli, 2006, p. 184). O entendimento da autora nos possibilita vislumbrar a autoajuda, portanto, como um fenômeno amplo que congrega os múltiplos domínios da existência social materializado numa larga variedade de temáticas sejam esta amorosa, profissional, espiritual e psicológica. A supracitada materialização numa larga variedade de temáticas traduz e elucida como tal literatura é responsável por construir “um conjunto de significações que invadem e penetram as esferas da vida” (Martelli, 2006, p. 190). Martelli desenvolve essa premissa a luz de um recorte e delimitação de seu objeto relacionado ao meio organizacional contemporâneo. Esse recorte é explorado, investigativamente, a partir das teorias organizacionais e da realização de algumas entrevistas no âmbito organizacional, no qual é demonstrado que a autoajuda, sobretudo, de caráter empresarial, aparece desempenhando uma função terapêutica.

Essa função terapêutica revela, conforme Martelli (2010), uma necessidade de pensar a racionalidade de um modo distinto da perspectiva proposta pelo sociólogo Max Weber (2004), porque, em seu ver, o contexto atual, no qual a autoajuda está inserida compreende um processo de “reencantamento do mundo”, no qual outras formas de racionalidade *abrem espaços para o saber professado pelos gurus de autoajuda* (Martelli, 2010). A autora prossegue explicando, com base nas reflexões do pensador Sergio Rouanet, que esse “reencantamento do mundo” se estrutura ao passo que “ao lado de dados estatísticos, de conhecimentos legitimados pelas ciências, tais manuais invocam os deuses, falam de fé, de sorte, de energia positiva, da força da mente e temem a revolta das forças da natureza e das energias negativas do mundo” (Martelli, 2010, p. 203). É por meio disso também que é possível compreender a função terapêutica da autoajuda como uma resposta a uma tendência específica de nosso tempo, referente ao mal-estar da modernidade tardia expressa, em particular, no sofrimento organizacional (Martelli, 2006). O sofrimento organizacional desenvolve-se, sobretudo, em decorrência do contexto sócio-histórico, em que os laços coletivos são corroídos e substituídos por um forte individualismo, visto que “os medos, ansiedades e angústias contemporâneos são para serem sofridos em solidão” (Bauman, 2001, p. 170). É no interior dessa instabilidade contemporânea

e da privatização dos laços emocionais, endossado pela nova razão do mundo, que a autoajuda empresarial se apresenta como uma espécie de panaceia e encarna, conseqüentemente, “o espírito da época atual, a saber, *tudo é business e todo business é show business*: o processo de espetacularização da vida - o parece ser - num universo em que tudo é negócio, é alimentado pelo imaginário da auto-ajuda” (Martelli, 2006, p. 19).

A autora constata que diversas empresas visitadas em sua pesquisa “repetem padrões de pensamento afins àqueles professados pela literatura de auto-ajuda” (Martelli, 2006, p. 17). Uma das implicações centrais dessa constatação da socióloga Martelli para nosso trabalho incide numa problemática relacionada ao fato de que, por exemplo, o discurso empreendedor presente na narrativa de Flávio Augusto não é manifestadamente de autoajuda, não é (auto)caracterizado dessa maneira. Apesar disso, a pesquisa realizada por Martelli (2006) possibilitam-nos insistir em apreender sua narrativa enquanto autoajuda mediante uma categorização conceitual fundamental que repousa na diferença entre autoajuda manifesta e autoajuda latente. Em primeiro lugar, é necessário destacar que nem mesmo, conforme Martelli, existe um consenso sobre os autores e títulos que podem ser lidos como autoajuda.

Por essa razão, a autora explica que se compreendermos a autoajuda como um fenômeno amplo, que articula definições sociais sobre o indivíduo e a sociedade, é possível afirmar que diversos autores, embora não admitindo que suas obras sejam de autoajuda, “[...] estão sob os efeitos desse fenômeno da autoajuda, porque com ele compartilham ideias, conceitos e significações e, sobretudo, porque, em consonância com ele, assumem um tom profético” (Martelli, 2006, pp. 184-185). É perante esse contexto que podemos definir as obras não rotuladas de autoajuda enquanto outra modalidade de autoajuda, a saber, a autoajuda latente. Autoajuda latente pode ser definida como sendo, afirma Martelli (2006, p. 189), “textos que contam com maior sofisticação na linguagem, trazem fórmulas, paradigmas, proposições mais complexas e elaboradas, são mais discretos na persuasão e usam tom profético e imperativo com recato e pudor”.

No caso da autoajuda latente, esse tom profético consiste em haver, de maneira tácita, uma ideia de que existe uma verdade a ser dita, uma espécie de revelação que daria cabo de explicar e solucionar quaisquer problemas, a diferença é que isso está revestido com um aparente rigor e maior elaboração científica. De maneira oposta, a autoajuda manifesta, como a expressão sugere, são os autores(as) que se autointitulam, soma-se a isso também outros aspectos como, por exemplo, I) abuso de recursos gráficos, letras em cores diferentes; II) os títulos dos capítulos são construídos em formas de conselho; III) abuso de mecanismos de convencimento, recorrendo geralmente a exemplos de sucesso e a argumentos de autoridade

(Martelli, 2006). Ao analisar o conteúdo discursivo dos livros de empreendedorismo de Flávio Augusto da Silva, notamos diversos elementos neoliberais mesclados com a narrativa terapêutica, bem como um apelo ao gerenciamento das emoções, teorizado por Eva Illouz e Arlie Hochschild.

4. CAPÍTULO III – CAPITALISMO EMOCIONAL E O DISCURSO EMPREENDEDOR DE AUTOAJUDA: UMA ANÁLISE DOS LIVROS DE FLÁVIO AUGUSTO DA SILVA

Diante das discussões teóricas estabelecidas ao decorrer do primeiro capítulo, no qual nossa preocupação crucial foi explicitar os fatores econômicos e socioculturais que explicam a emergência da exploração capitalista das emoções apreendida mediante o conceito de capitalismo emocional e trabalho emocional, frisando o modo como o discurso de autoajuda coaduna-se com essa dinâmica, nessa segunda parte da pesquisa direcionamos nossa preocupação para analisar as relações entre capitalismo emocional e autoajuda empresarial, frisando como o neoliberalismo desloca o campo das emoções para o registro de um gerenciamento empresarial. Com base na estratégia metodológica de estudo de caso, em que Flávio Augusto da Silva foi eleito como caso a ser investigado, analisamos o modo como seu discurso expressa uma espécie de discurso neoliberal de autoajuda sobre as emoções (Dardot e Laval, 2016; Cunha Rossi, 2022; Turmina, 2010; Illouz, 2011). Para tal, dividimos o capítulo em três partes conforme as respectivas fontes de informação, a saber, “Ponto de inflexão: uma decisão muda tudo” (2019), “Geração de Valor: compartilhando inspiração” (2015), “Geração de valor 3: é só o começo” (2016). Em cada tópico, discutimos, por diferentes ângulos, a maneira pela qual o discurso empreendedor de autoajuda do empresário brasileiro Flávio Augusto da Silva traduz o capitalismo emocional em suas particularidades no contexto brasileiro.

A análise dessas obras fundamentou-se no procedimento metodológico da análise foucaultiana do discurso, o qual possibilitou entender os enunciados em cada uma de suas obras como parte de uma produção discursiva neoliberal. Essa produção discursiva neoliberal foi explicitada com base nas categorias do pensamento Illouzlano. Nesse sentido, realizamos um diálogo contínuo com outros autores e autoras, em especial, com Dardot e Laval (2016) e Cláudia Turmina (2010). A categoria sociológica capitalismo emocional permite-nos vislumbrar, de forma geral, a literatura de aconselhamento em suas sutilezas discursivas menos perceptíveis. Insistimos em enfatizar que ao colocarmos outra lente analítica da literatura de

autoajuda, operamos com a premissa, defendida por Camila Figueiredo (2018), que Flávio Augusto da Silva ressignifica a literatura da autoajuda na contemporaneidade, no qual essa ressignificação aparece sob o espectro da “autoajuda empreendedora”. Esse estudo de caso permite que nossa preocupação seja de outra ordem na medida em que pesquisamos como a autoajuda empreendedora implica cravar um discurso neoliberal que se vale do controle da emoção através das técnicas de aconselhamentos e instruções.

4. 1 - “Não sou filósofo, teórico nem escritor de autoajuda, sou um empresário”: a narrativa terapêutica autobiográfica de Flávio Augusto da Silva

O título desse tópico foi posto com o intuito de ilustrar, baseando-se em Martelli (2006), que mesmo diante da rejeição do autor, sua obra não escapa dessa classificação. Embora se recusando a admitir que suas obras sejam de autoajuda, o conjunto de relatos extraídos nessa obra, como mencionado no primeiro capítulo dessa pesquisa, “[...] estão sob os efeitos desse fenômeno da autoajuda, porque com ele compartilham ideias, conceitos e significações e, sobretudo, porque, em consonância com ele, assumem um tom profético” (Martelli, 2006, pp. 184-185). Tendo isso em vista, convém, inicialmente, apresentarmos alguns dados a respeito do supracitado empresário. Flávio Augusto da Silva nasceu no bairro Jabbour, que está localizado na periferia do Rio de Janeiro, onde construiu uma parte significativa da sua trajetória trabalhando como vendedor de cursos de inglês. Com o passar dos anos, o empresário brasileiro se tornou, popularmente, conhecido por ser proprietário de uma das maiores Escola de Idiomas do país: a rede de escolas de inglês *Wise Up*, possuindo cerca de 455 escolas.⁵⁰ Flávio Augusto da Silva foi bastante mencionado em 2013 não apenas por se tornar sócio do time americano de futebol Orlando City, mas também por investir na construção do maior estádio de futebol da América. No que diz respeito ao mundo dos negócios, Flávio Augusto da Silva é uma das maiores referências, possuindo um patrimônio bilionário.

Esses fatos demonstram, relativamente, a pertinência que o citado empresário possui na disseminação do empreendedorismo. No geral, as redes sociais, além da plataforma da escola *online* de negócios “meusuccesso.com”, fazem parte de um projeto denominado Geração de Valor, criado em 2011. Esse projeto tem por finalidade difundir, com intensidade gradativa, o empreendedorismo, ambicionando influenciar a formação de uma suposta nova geração de

⁵⁰ **ÉPOCA NEGÓCIOS.** Flávio Augusto e Carlos Wizard criam holding de educação e compram mais uma escola de inglês. **Época Negócios**, 2017. Disponível em: <https://epocanegocios.globo.com/Empresa/noticia/2017/06/flavio-augusto-e-carlos-wizard-criam-holding-de-educacao-e-compram-mais-uma-escola-de-ingles.html>. Acesso em: 23 out. 2024.

empresários no Brasil. Essa pretensão é vista, sobretudo, em sua trilogia de livros denominada Geração de Valor, a saber, “Geração de Valor: compartilhando inspiração” (2015), “Geração de Valor 2: plantando sonhos, colhendo conquistas” (2015) e Geração de valor 3: é só o começo” (2016), que sintetiza as principais ideias do seu projeto Geração de Valor. O supracitado empresário prossegue ampliando sua atuação no campo dos negócios desenvolvendo paralelamente projetos em torno do “empreendedorismo social”.⁵¹ No ano de 2017, foi divulgado que Flávio Augusto da Silva, em parceria com Carlos Wizard, fundador da Escola de Inglês *Wizard*, compraram a rede de ensino *Number One*. Essas aquisições resultaram na construção de um *holding* em educação denominado *Wiser Educação* cujo propósito, além do ensino de inglês, é elaborar um *ecossistema de educação voltado à empregabilidade*.⁵² O citado *holding* engloba a *Number One*, *You Move* e *Wise Up*. Outrossim, a aquisição mais recente do *holding Wiser Educação* foi a escola de negócios *Conquer Business School*.⁵³

Com essas informações em vista, analisamos a obra autobiográfica “Ponto de inflexão: uma decisão muda tudo” (2019) do referido empresário, que é desenvolvida em 10 capítulos. Sendo que os 10 capítulos em sua própria forma, é a expressão e cristalização do *ethos* de autoajuda terapêutico (Illouz, 2011), pois cada tópico, na verdade, são pontos de inflexão em sua jornada empreendedora. Nesse sentido, a obra, em resumo, consiste em uma seleção dos principais eventos e estratégias que, na concepção de Silva (2019), foram decisivas para se tornar um empreendedor de sucesso. O autor também se preocupa em deixar após a conclusão de cada capítulo um conjunto de perguntas cujo objetivo é fazer com que o leitor identifique seus pontos de inflexão. Nesse ínterim, é interessante pontuar que por “ponto de inflexão” compreendem-se os momentos da construção de sua trajetória, no qual há uma modificação, comumente, radical de valores, atitudes emocionais e ações que naquele momento eram os responsáveis por reger sua conduta. Repetidamente, o autor demanda do leitor o desenvolvimento de uma postura que vise corrigir maus hábitos que, na maioria das vezes, nos coloca na posição de agentes passivos da transformação, onde perdemos o controle e, por consequência ficamos sujeitos a viver em piloto automático. Na pretensão de prescrever um

⁵¹ Tal “empreendedorismo social” é um outro nome possível para as atividades realizadas no projeto “Geração de Valor”, que se trata da produção de conteúdos como, por exemplo, livros para difundir a importância de se construir um modo de vida em torno do empreendedorismo.

⁵² **NEOFEED**. Flávio Augusto da Silva do grupo Wiser prepara uma nova expansão. **Neofeed**, 2024. Disponível em: <https://neofeed.com.br/negocios/flavio-augusto-da-silva-do-grupo-wiser-prepara-uma-nova-expansao/>. Acesso em: 21 out. 2024.

⁵³ **INFOMONEY**. Flávio Augusto da Wise Up compra escola de negócios Conquer. **InfoMoney**, 2024. Disponível em: <https://www.infomoney.com.br/business/flavio-augusto-da-wise-up-compra-escola-de-negocios-conquer/>. Acesso em: 23 out. 2024.

conjunto de referências que norteiem os potenciais empreendedores, Silva (2019) elabora uma narrativa biográfica, no qual:

Cada etapa, cada degrau e cada fase serão dissecados a fim de ajudá-lo a identificar circunstâncias similares que acontecem ou que ainda acontecerão em sua vida. De fato, identificarmos esses momentos, **olhando em perspectiva para o passado**, é muito simples do que percebemos quando eles aparecem, ao vivo e em cores, bem à nossa frente, durante o *reality show* da existência. (*Ibid.*, p. 12, grifo nosso)

É importante demarcarmos esse momento inicial, visto que o autor mobiliza o discurso a respeito da sua jornada empreendedora e o transforma em uma espécie de técnica de manejo, o qual possibilitaria auxiliar na identificação desses momentos de inflexão, aparentemente, responsáveis por potencializar a possibilidade de êxito na aventura empreendedora (Ehrenberg, 2010). Ressaltar concisamente tal aspecto cumpre o intento de abriremos o caminho para compreender isso como um modo de manifestação da narrativa terapêutica. Ao demonstrar os contornos que definem a narrativa de autoajuda terapêutica, a sociologia illouziana permite ler o fato dessa estrutura discursiva requerer a identificação de um problema, nesse caso, “viver no piloto automático”, além do empresário estabelecer conexões causais do passado, os convertendo em exemplos para o leitor. Não sem motivo, a narrativa terapêutica é escrita de trás para a frente que “só pode funcionar identificando a complicação da história - aquilo que me impede de ser feliz, íntima, bem-sucedida – e entendendo-a em referência a um acontecimento do passado” (Illouz, 2011, p. 78). Essa narrativa de vida interiorizada e terapêutica consiste, grosso modo, na institucionalização de uma forma de expressar e estruturar o *self* por intermédio de um vocábulo psicologizado prenhe de inúmeras formas de racionalização projetados sobre a esfera afetiva (Figueiredo, 2018). Illouz (2011) permite elaboramos uma compreensão bastante profícua ao discutir a facilidade com que essa narrativa terapêutica se inscreve na autobiografia de Silva (2019), originando, conforme a autora, uma “autobiografia terapêutica”. Nessa narrativa em particular, afirma Illouz (2011, p. 78), “a identidade é descoberta e expressa na experiência do sofrimento e na compreensão dos sentimentos que se adquire ao contar a história”. Isso também pode ser explicado mediante o fato de que, nas palavras de Camila Figueiredo:

Devido à flexibilização do trabalho (Sennett, 2007), os sujeitos, perante tais transformações, entram em conflito em relação à produção de suas narrativas de vida, e parece que a salvação para este homem neoliberal é a busca por uma narrativa de vida interiorizada e terapêutica (Illouz, 2011). (Figueiredo, 2018, p. 106)

Vejamos isso mais de perto, no primeiro ponto de inflexão intitulado “o clique da autoconfiança”, Silva (2019) narra os conflitos objetivos e subjetivos vivenciados em sua adolescência. O empresário relata os impasses socioeconômicos impostos sendo um indivíduo de classe média baixa, que viveu na periferia do Rio de Janeiro cujo entorno era cercado de favelas por todos os lados. Esses impasses irão possuir maior materialidade quando ele decidir prestar um concurso superconcorrido para entrar no Colégio Naval; seu objetivo era seguir a carreira de Oficial da Marinha. Contudo, o ponto de partida social era desigual e desvantajoso, pois seus concorrentes, oriundos de classes sociais mais abastadas, poderiam se dar ao luxo de acessar os melhores cursos. Apenas obteve real êxito em ser aprovado no concurso na terceira tentativa. Em seu ver, nesse momento, é possível notar um ponto de inflexão. Prestar concurso pela terceira vez implicava se inscrever em um curso preparatório novamente e, por consequência, abdicar de cursar o ano letivo do ensino médio. Ao supostamente abraçar esse ponto de inflexão sem temer as consequências dessa escolha, o autor afirma ter conseguido entrar no Colégio Naval.

Todavia, ele enfrenta problemas, porque não consegue adaptar-se ao mundo burocrático, hierarquizado e previsível da instituição militar. No final, mesmo eximindo-se de um posicionamento ativo, que demandaria verbalizar sua insatisfação e desejo de não permanecer naquela realidade, Silva (2019) narra ter sido expulso da Marinha. Diante desse fato, o autor entende que o mencionado acontecimento foi fundamental para pavimentar positivamente sua autoconfiança, apesar de contraditoriamente demonstrar o fato dessa experiência frustrada ser a razão de sua autoconfiança ter sido tolhida parcialmente. Podemos compreender esse movimento de retorno ao passado em sua trajetória, conforme Illouz (2011), enquanto duas características capitais da narrativa de autoajuda, a saber, a narrativa da memória e da lembrança do sofrimento. Um exemplo ilustrativo disso encontra-se na recapitulação e esquematização do conteúdo desse primeiro ponto de inflexão:

Eu falo sobre um episódio de minha vida que contribuiu para a construção de minha autoconfiança, quando me deparei com um fracasso e, por fim, reconquistei o respeito de pessoas com quem me importava, os meus pais. [...] Além disso, depois de aprovado, ao ver a tristeza e o arrependimento de meus amigos, que desistiram em vez de perseverar junto comigo, me deu a certeza de que dedicação extrema e perseverança foram ingredientes para o meu sucesso [...]. **Essa experiência talhou minha autoconfiança e deixou marcas profundas em meu eu, que estiveram presentes em cada Ponto de Inflexão que eu viveria nos anos seguintes.** (Silva, 2019, p. 35, grifo nosso)

Em concordância com o diagnóstico de Eva Illouz (2011), percebe-se que nessa forma de autobiografia o que está em jogo é organizar a (auto)percepção sobre o *self* conjugando um

escrutínio acerca dos afetos e emoções cuja pretensão é desbloquear os conteúdos emocionais mal elaborados. Na história de Flavio Augusto da Silva, observamos que a menção à sua origem social e econômica é um elemento *sine qua non* desde que sirva para potencializar uma narrativa de sofrimento que reposicione seu *self* como o único responsável por superar ou fracassar diante dos pontos de inflexão. Identificamos, nesse sentido, um traço caricato das narrativas autobiográficas de nosso tempo, em que, de acordo com Illouz (2011, p. 79), “se as narrativas autobiográficas do século XIX costumavam ser interessantes por conterem um enredo de ‘pobretão a milionário’, as autobiografias contemporâneas assumem um caráter oposto: concernem à agonia psíquica, mesmo em meio à fama e à fortuna”.

Essa assertiva da socióloga Eva Illouz é corroborada ao decorrer de todo o livro de Silva (2019), visto que os pontos de inflexão presentes em cada capítulo de sua jornada empreendedora explicitam o fato de não ser fundamentalmente “o sucesso que move a história, mas, antes, exatamente a possibilidade de que o eu possa se desestruturar em meio ao sucesso mundano.” (Illouz, 2011, p. 79). Inevitavelmente, isso é perceptível em sua narrativa mais adiante, no qual Silva entende sua expulsão do Colégio Naval enquanto uma abertura para novas oportunidades. Razão pela qual, o autor, nessa espécie de hiato, isto é, entre a expulsão do Colégio Naval e o nascimento de um novo campo de expectativas, afirma ter decidido prestar vestibular com o propósito de cursar Ciências da Computação na Universidade Federal Fluminense. Mencionar o respectivo hiato é importante nesse momento para o presente tópico, uma vez que, parafraseando Eva Illouz (2011), a narrativa empreendedora de natureza terapêutica, citado inicialmente, é tratada com maior substancialidade quando o autor afirma ter não apenas se apaixonado por uma mulher chamada Luciana, como também passou a se relacionar amorosamente.

O autor ressalta que os encontros com Luciana despertaram e intensificaram sua necessidade de ser independente financeiramente. Além da pretensão de ganhar dinheiro para ter mais encontros, almejava conseguir casar-se. Esse novo cenário que se desenhava em sua vida serviu de motivação para procurar um trabalho. Ele relata candidatar-se em um processo seletivo para um emprego no setor de vendas. Realiza a entrevista, comparece a três dias de palestras e treinamentos, aguarda alguns dias pelo resultado e, finalmente, confirma que foi selecionado para a vaga de trabalho de vendas de cursos de inglês. Para essa monografia é indispensável citar esses fatos, pois podemos capturar nas linhas de argumentação, que compõe tal narrativa terapêutica autobiográfica (Illouz, 2011; Figueiredo, 2018), o modo pelo qual o discurso do empreendedorismo é articulado e conjurada nos territórios dos sentimentos e

emoções. Acompanhamos o desdobramento disso com base no relato a seguir de sua experiência nesses três dias de treinamentos:

Pessoalmente, não gosto muito dessas afirmações exageradas e muitas vezes usadas de forma leviana, mas, verdade seja dita: **aquilo mexeu comigo de forma profunda**, desafiou meus referenciais e me apresentou um novo mundo. [...] **ao ver a atuação da gerente, que conduzia as palestras do processo seletivo, eu me deparei mais uma vez com minhas limitações, pois fiquei impressionado com a forma como ela falava, com sua segurança** e com a maneira que ela dominava uma plateia de pessoas impacientes, ansiosas e, muitas delas, descontentes com a vida, pois estavam desempregadas e tensas com o processo. (Silva, 2019, p. 40, grifos nossos)

A descrição de Silva (2019) permite elucubrar que seu contato com o empreendedorismo é perpassado por uma experiência, não nomeada, assimilada na forma de uma gramática emocional, que permite enunciar o seguinte discurso “aquilo mexeu comigo de forma profunda”. Embora essa afirmação possa sugerir um certo obscurantismo, é necessário deslocar nossa atenção da insuficiente e aparente descrição enigmática do autor sobre sua experiência, compreendendo que a *raison d'être* dessa descrição resulta do fato dessa cultura terapêutica da autoajuda ser “[...] também um esquema cultural profundamente internalizado, que organiza a percepção do eu e dos outros, a autobiografia e a interação interpessoal” (Illouz, 2011, p. 76). Nesse sentido, Illouz possibilita analisar a “vida interior” na contramão de qualquer psicologismo, aquilo responsável por afetar Silva (2019), de maneira profunda, não significa ser um aspecto descolado do discurso neoliberal. Mediante as lentes da *sociologia das emoções em Eva Illouz* (Gaiad, 2019), consideramos que o discurso empreendedor, na verdade, é ainda operacionalizado, pois os afetos, articulados, tacitamente, em tal narrativa, não são pré-sociais, nem pré-culturais, são, com efeito, “[...] aspectos profundamente internalizados e não reflexivos da ação, não por não conterem cultura e sociedade suficientes, mas por conterem um excesso delas.” (Illouz, 2011, p. 14).

Nesse diapasão, frustrando qualquer conclusão psicologista sugerida pela impressão inicial, analisamos, portanto, que o reducionismo psicológico contido na supracitada afirmação é fruto do excesso de governamentalidade neoliberal (Foucault, 2008) mediado por um léxico terapêutico (Illouz, 2010). Para além disso, outro destaque que merece ser feito no relato acima é a constatação de Silva (2019) ao confrontar-se “mais uma vez com minhas limitações, pois fiquei impressionado com a forma como ela falava, com sua segurança” (Silva, 2019, p. 40). Essa menção a suas limitações é dimensão transversal ao decorrer de sua autobiografia, em que, mesmo tendo fundado seu negócio em torno de uma vasta rede de escolas de inglês denominada *WiseUp*, além de ter se tornado um dos empresários bilionários mais influentes do Brasil, o autor insiste em demonstrar estar aquém. Nas suas palavras: “ainda não cheguei a lugar algum.

Simplesmente, eu continuo indo. Indo para onde? Na direção de um eterno recomeço. Parece contraditório, eu sei, mas para mim faz muito sentido” (Silva, 2019, p. 156). Esse discurso ilustra adequadamente que um dos pontos nodais dessa narrativa de autoajuda terapêutica expressa-se na compreensão de que o *self* deve ser direcionado para um autoaprimoramento indefinido. Noutras palavras, a dimensão do sofrimento decorrente de alguns limites particulares do indivíduo é lida autobiograficamente como um “eu que nunca está propriamente ‘pronto’” (Illouz, 2011). A materialidade desse autoaprimoramento do self deságua na (auto)justificativa do autor diante de um trabalho precarizado como vendedor, sem garantias trabalhistas:

Eu não sabia, mas estava sendo treinado dentro de um ambiente empreendedor, sem garantias, e onde eu tinha que investir, embora não seja recomendado e esteja longe das práticas que adoto hoje em minhas empresas, que funcionam dentro das leis brasileiras, **tenho grande orgulho por nunca ter uma carteira assinada**, ganhado décimo terceiro e recebido FGTS. **Isso me inseriu, mesmo sem eu saber, no ambiente empreendedor** que, mais tarde, significaria mais uma forte mudança em minha vida (Silva, 2019, p. 40, grifos nossos)

Apesar de sua tentativa em validar seu discurso, confinando-o abstratamente à sua experiência particular, a narrativa de Silva (2019) inescapavelmente entra em contradição com as circunstâncias sociais e econômicas objetivas da realidade brasileira face ao desemprego e a precarização, especialmente entre a camada mais jovem da população brasileira. De acordo com a socióloga sergipana Denise Rosa (2022), o estreitamento de oportunidades de trabalho inscritos em um horizonte de satisfação profissional é um dos principais vetores responsáveis por gerar frustrações para os jovens. Em suas palavras, “muitos deles têm saído das escolas e universidades para entrar numa existência precária durante anos, tornando-os ainda mais frustrados, porque veem que, nas gerações dos seus pais, havia a possibilidade de ocupação em empregos estáveis (*Ibid.*, 264). Em consonância com isso, o discurso também possui elementos que exemplificam o neoliberalismo (re)produzindo-se na forma de um discurso justificador do trabalho informal e precário, visto haver ”uma positividade da informalidade, não mais tida como resultado do baixo desenvolvimento econômico e social e da pobreza, mas como uma possibilidade efetiva de dinamização do desenvolvimento” (Oliveira e Lima, 2021, p. 914).

No entanto, a despeito dos fatos mencionados, através dessa narrativa de autoajuda empresarial, Silva (2019) explora continuamente seus pontos de inflexão, especialmente no que concerne as razões explicativas de seu êxito. Ele afirma que, encarando com afinco e motivação aquele trabalho de vendedor, *nascia ali um futuro empresário*, haja vista que “foi exatamente nesse momento que, ainda sem saber, estava sendo formado todo o alicerce que serviria para o

nascimento da WiseUp” (Silva, 2019, p. 43). Nesse contexto, o leitor é direcionado para um conjunto de fatos que permeiam a trajetória do mencionado autor. De acordo com seu relato, o empresário passa a galgar altos cargos na empresa ao decorrer do tempo – naquele momento o autor afirma está ocupando a posição de diretor comercial na empresa. Tendo em vista o acúmulo de dinheiro recompensado pelo seu recorde de vendas e supostas habilidades de empreender exímias, ele decide “pensar fora da caixa” em direção à tentativa de abrir seu próprio negócio, o qual consistiu na abertura de uma série de escolas de inglês ao redor do Brasil. Em síntese, “naquele que era o melhor momento financeiro de minha carreira, eu vivia o meu maior dilema” (*Ibid.*, p. 60).

Diante desse drama, quais eram minhas alternativas? [...] Ficar mais um ano para juntar dinheiro, em minha análise, representaria um risco muito maior, pelo fato de, nessa hipótese, deteriorar minha liderança por liderar sem convicção, não acreditando mais no produto e na empresa. **Liderança de verdade não praticada por atores ou empreendedores de palco, mas sim por quem tem uma atuação legítima, somente vivida por aqueles que estão no campo de batalha real e ao vivo do mundo dos negócios.** Em meio a cadáveres espalhados pelo chão das mais de oitenta por cento de empresas que quebram antes de completar o seu quinto ano de existência, escolhi não esperar. Aquele era o momento. O *timing* perfeito para eu criar um novo Ponto de Inflexão (Silva, 2019, p. 63, grifo nosso)

Percebe-se que o modo como Silva (2019) justifica o contexto de sua decisão em sair da empresa prescinde de qualquer referência, majoritariamente, marcada por uma ação racionalizada orientada para um planejamento de longo prazo. A sua preocupação capital incide na perda de credibilidade face a uma liderança sem convicção, acompanhada de uma confiança apequenada na dinâmica da empresa. Notamos, desse modo, que o conceito de liderança mencionado pressupõe um ambiente organizacional, no qual exista uma espécie de ética da comunicação como um pilar da empresa (Illouz, 2011). A ideia de comunicação possui um sentido social e cultural nesse contexto alinhado ao capitalismo emocional na medida em que consiste numa “tecnologia de manejo do eu que se apoia largamente na linguagem e na administração adequada dos sentimentos, mas com o objetivo de instaurar uma coordenação inter e intra-afetiva” (*Ibid.*, p. 20).

Essa administração adequada dos sentimentos cuja pretensão relaciona-se com a instauração de uma coordenação inter e intra-afetiva materializa-se na maneira como o autor preocupa-se em não despertar uma antipatia e descrédito perante os funcionários. A tecnologia de manejo do eu torna-se bem-sucedida, por um lado, impedindo que a percepção emocional dos funcionários sobre sua liderança seja ruim. Por outro lado, também é bem-sucedida, porque intra-afetivamente Silva (2019) obtém um *timing* perfeito responsável por o colocar em uma situação favorável aos seus interesses. Considerando o estudo da antropóloga Carla Martelli

(2006), observamos, com e para além desse trecho extraído da sua autobiografia, uma frequente questão entre o *ser* e o *parecer ser*. Isso explica-se pelo fato de ser demasiadamente comum, nas palavras de Martelli (2006), “encontrar nas leituras de auto-ajuda a noção de que o primeiro passo é saber o que o indivíduo realmente quer, o que ele é de fato” (Martelli, 2006, p. 214). Nesse sentido, a autora prossegue com sua análise indicando que “há todo um esforço, como já procurei demonstrar, para que o indivíduo recupere seu mais íntimo eu, para que ouça seu coração e passe a viver respeitando aquilo que se é” (*Ibid.*, 215).

Mesmo diante da construção de um discurso, como foi mencionado, “de trás para frente”, o qual confere uma fluidez e, ao mesmo tempo, lembra a estrutura discursiva dos saberes *psis*, essa tentativa de “recuperar seu mais íntimo eu” é um dos fios axiais responsáveis por enlaçar completamente a narrativa autobiográfica do referido autor. Trata-se de uma característica invariável, aparecendo de vários modos ao decorrer da obra. Tal tentativa pode ser exemplificada com base no fato de que o autor compreende os pontos de inflexão enquanto decisões que o auxiliaram não somente a descobrir o “eu íntimo”, como também alude a uma espécie de processo de descoberta de um “autêntico eu empreendedor”. Em suas palavras, “EU NÃO SABIA, mas o mosquito do empreendedorismo já tinha me picado” (Silva, 2019, p. 42). É de suma relevância destrinchar isso, uma vez que um dos traços do capitalismo emocional envolve tornar a personalidade, especificamente, a subjetividade emocional do sujeito enquanto a chave para o suposto sucesso (Illouz, 2018). Ao tornar a subjetividade emocional a chave para o sucesso, há uma obstrução de qualquer compreensão acerca das desigualdades sociais constituintes da sociedade brasileira, no qual, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), entre 2020 e 2021, “o contingente abaixo da linha de pobreza cresceu 22,7% (ou mais 11,6 milhões de pessoas) e o das pessoas na extrema pobreza aumentou 48,2% (ou mais 5,8 milhões)”.⁵⁴

Em razão dessa denegação mistificadora da realidade desigual do Brasil, o deslocamento operacionalizado das questões sociais para sua própria personalidade é um elemento central para o discurso terapêutico da autoajuda, pois, na medida que Silva (2019) considera a credibilidade, acompanhada de uma adesão subjetiva a sua liderança, dimensão indispensável, é possível notar que sua narrativa autobiográfica adere “a nova convicção de que a personalidade do indivíduo, independentemente do status social, era a chave do sucesso social e administrativo.” (Illouz, 2011, p. 33). Isso é patente em diversos momentos na obra de Silva,

⁵⁴ **IBGE**. Em 2021, pobreza tem aumento recorde e atinge 62,5 milhões de pessoas, maior nível desde 2012. **Agência de Notícias**, 16 mar. 2022. Disponível em: Em 2021, pobreza tem aumento recorde e atinge 62,5 milhões de pessoas, maior nível desde 2012 | Agência de Notícias (ibge.gov.br). Acesso em 8 set 2024.

retratando, baseando-se na assertiva de Dardot e Laval, que “a gestão neoliberal da empresa, interiorizando a coerção de mercado, introduz a incerteza e a brutalidade da competição e faz os sujeitos assumi-las como um fracasso pessoal, uma vergonha, uma desvalorização” (2016, p. 363).

A dimensão da vergonha e, principalmente, culpa, aparece em um dos pontos de inflexão, no qual ao fundar sua própria rede de escolas por meio de empréstimos, somado a formação de parcerias com alguns investidores, Silva (2019) experienciou um período de vacas gordas em seu empreendimento, marcado por um retorno lucrativo positivo e exorbitante. Contudo, esse período de vacas gordas estava com os dias contados; ele narra que observou a presença de um déficit gritante nas operações econômicas da empresa, percebendo estar “com todas as contas estouradas e sem caixa” (2019, p. 70). Com o objetivo de equacionar o fluxo de caixa, uma intensa angústia ante ao fato dele necessitar demitir alguns funcionários se tornou uma realidade imponente. Esse momento apresentado, sumariamente, pelo autor, possibilita levantarmos uma dimensão chave da relação entre capitalismo emocional e o discurso de autoajuda empreendedora, a saber, o fato de que o discurso neoliberal do empreendedorismo é carregado de critérios e classificações emocionais, como bem pontuou Eva Illouz (2010). No entanto, além de ferramentas de classificações e critérios sobre as emoções, em diálogo com Dardot e Laval (2016), Eva Illouz e Edgar Cabanas (2022), ao acompanharmos a narrativa do empresário brasileiro, é difícil não notar que em seu discurso de autoajuda, o empreendedorismo aparece como uma forma de existência social e emocional, em que para ser um empreendedor bem-sucedido é necessário saber “empreender as emoções certas”.⁵⁵

Lembro-me bem de meu sentimento antes de entrar na reunião que já estava marcada desde a primeira hora da manhã. Ao longo do dia, já sabendo o que faria depois do almoço, passei várias vezes, no escritório, pelas pessoas que seriam mandadas embora. Elas tinham um olhar desarmado, sem imaginar o que estava prestes a acontecer. **Meia hora antes, eu pensei: “Eu faço cagada na empresa e eles têm que ser demitidos? Que culpa eles têm?”**. Meu instinto era de recuar e, de repente, me dei conta de que o que estava sentindo era exatamente o que senti quando estava prestes a matar o gafanhoto. Eu me lembrei do olhar da Luciana segurando no meu braço e dizendo: “Faça o que tem que fazer.”. Então, eu executei as quatro demissões com uma enorme dor no coração, mas aliviado, porque não recuei e fiz o que deveria ser feito. “Agora, eu tinha que dizer para todo mundo que estava devolvendo porque precisávamos equacionar o nosso fluxo de caixa. **Tive que pisar nesse gafanhoto também. O gafanhoto do orgulho. Deu tão certo que a construtora nos isentou da multa contratual.** (Silva, 2019, p. 74, grifos nossos)

Em seguida, prossegue sustentando tal discurso afirmando que as demissões ocorreram em razão de sua arrogância e acomodação, sugerindo que os respectivos sentimentos são

⁵⁵ Utilizamos a frase “empreender as emoções certas” como um recurso didático e metafórico para ilustrar, de outro modo, o conceito de “capital afetivo” formulado por Eva Illouz (2011), adequando-a também à natureza da análise presente nesse tópico sobre a racionalidade neoliberal (Dardot e Laval, 2016).

inadequados e prejudiciais para uma excelente liderança e gerenciamento da empresa. Em seu ver, essas emoções o aproximaram do perfil de um burocrata e, em contrapartida, o distanciaram “da essência que tinha para liderar a empresa” (Silva, 2019, p. 76). É perceptível o quanto tal narrativa empreendedora, inserida em um universo autobiográfico, condensada nos respectivos excertos supracitados, apropriam-se da dimensão emocional descaracterizando-a enquanto produção social e solidária, haja vista que em toda sua narrativa, o discurso empreendedor de Silva (2019) localiza a expressão das emoções numa perspectiva individual, resumindo-a às suas capacidades de geri-las para não afetar negativamente os negócios. Não por acaso, Illouz e Cabanas (2022) descreveram essa tendência como uma individualização utilitarista operacionalizada sobre as emoções. As emoções são compreendidas como objetos e propriedades do indivíduo que devem ser maximizadas, portanto.

Sublinhamos também que essa tendência presente na narrativa de autoajuda empreendedora, bem como a compreensão de que as emoções são objetos ou propriedades a serem maximizados, manifesta-se com maior concretude ao passo que o autor, reconhecendo e superando seu orgulho, medo e comodismo, permite, finalmente, surgir outros pontos positivos de inflexão; colocando, assim sua empresa novamente nos eixos. Essa dinâmica responde ao processo pelo qual o “capitalismo afetivo realinhou as culturas dos sentimentos, tornando emocional o eu econômico e fazendo os afetos se atrelarem mais estreitamente à ação instrumental.” (Illouz, 2011, p. 40). É necessário enfatizar a emocionalização do eu econômico, incluindo a instrumentalização das emoções identificada por Eva Illouz (2018). Não por acaso, o empresário narra que após superar o orgulho, manter-se com uma liderança admirável na empresa, sua rede de escolas passa a ter um sucesso retumbante.

Desse modo, nos últimos capítulos, o empresário ressalta que em razão do enorme sucesso de sua empresa, uma onda de assédios por parte de uma série de fundos e bancos nacionais e internacionais começa a se tornar frequente. Destacamos, nesse ínterim, o momento que o autor decide vender 30% da empresa *WiseUp* por 700 milhões para um grande fundo americano em 2010 (Silva, 2019). É narrado pelo autor que nesse processo de negociação houve uma segunda etapa, realizada ao final de 2011, onde os respectivos investidores o convidam a comparecer em Nova Iorque para realizar uma apresentação para cinquenta diretores e conselheiros. Flávio Augusto da Silva recebe algumas orientações do executivo brasileiro, que naquele contexto administrava o fundo na América Latina, o propósito era montar um *script* formal de apresentação adequado ao evento. Nessa última parte do seu relato biográfico, foi interessante observamos não haver apenas a descrição objetiva dos acontecimentos, mas também e, preponderantemente, uma ressignificação do presente através de lembrança de

outros pontos de inflexão. Reatualizando, portanto, a narrativa de sofrimento e o *ethos* da autoajuda (Illouz, 2011). Assim, ao decorrer da apresentação, Silva (2019) relata abandonar o *script* formal e técnico transmitido pelo executivo brasileiro, realizando uma apresentação de sua vivência psicoemocional como cerne do sucesso empresarial:

Olhei para o executivo brasileiro, que me assessorou na apresentação e me deu todas as recomendações, e lhe disse: “Fernando, desculpe-me, mas resolvi mudar a minha apresentação” [...]. Resolvi compartilhar com os banqueiros o *insight* que eu tinha tido na sala de espera, olhando pela janela, enquanto esperava pelo início da conferência. **Comecei falando de minhas origens, do ônibus lotado, aliás, perguntei a eles se já haviam pegado um ônibus com mais de cem pessoas dentro.** Viajamos na realidade de milhões de brasileiros que acordam todos os dias com o grande desafio de se locomover. Isso para eles é no mínimo incompreensível, pois como um governo poderia permitir que isso acontecesse? Como um governo poderia agir com tanto descaso e falta de planejamento? **Quando contei sobre a transposição das imagens refletidas no vidro (Nova Iorque e ônibus cheio), percebi alguns olhos brilhando e outros emocionados** (Silva, 2019, p. 104, grifos nossos)

Esse relato é, especialmente, importante, pois ao recapitular esse fato, Silva (2019) não articula jargões da economia para apresentar diante de uma plateia de investidores o quanto seu negócio é rentável. Como viemos discutindo ao decorrer desse tópico, os elementos selecionados nessa palestra rearticulam a estrutura da narrativa terapêutica de autoajuda. Os valores do empreendedorismo são transmitidos por meio da emocionalização de sua experiência (Cunha Rossi, 2022). O capitalismo flexível, como bem salientou Sennett (2014, 146), “parece excluir que façamos uma narrativa constante de nossos labores e, portanto, uma carreira”. Razão pela qual, sua constante referência ao empreendedorismo inscrito na esfera emocional pode ser lida enquanto “instrumentos muito eficazes para estabelecer a coerência e a continuidade do eu e para construir um relato capaz de abarcar várias etapas dos ciclos de vida.” (Illouz, 2011, p. 81). Condensamos também algumas contradições produzidas por essa maneira de olhar a trajetória e, sobretudo projetá-la na realidade brasileira, constituindo, assim, solo fértil para a mistificação neoliberal desta. Por essa razão, a escolha de um livro autobiográfico foi uma fonte de evidência indispensável para esse trabalho, visto que um dos objetivos é identificar e explicar a presença, por exemplo, de uma narrativa autobiográfica terapêutica no interior da autoajuda empreendedora com base na teoria crítica das emoções de Eva Illouz.

4. 2 - “Empreendedores que ainda não saíram do armário”: a (con)formação emocional de um trabalhador de novo tipo

Diante da exposição da narrativa autobiográfica terapêutica de natureza empreendedora, foi possível estabelecer e demonstrar os principais pilares que sustentam tal discurso, a saber, a narrativa de autoajuda e a narrativa de sofrimento. Embora a presente discussão ainda conserve algumas premissas do tópico anterior, o distinto propósito nesse caso é rearticular o domínio da narrativa da autoajuda em torno da análise do neoliberalismo, e seu discurso empreendedor subjacente, enquanto dimensão permeada por afetos. Noutras palavras, mencionamos no primeiro capítulo desta monografia que o capitalismo emocional pode ser apreendido em duas chaves de leitura, a primeira versa sobre a emocionalização da conduta econômica, materializado, por exemplo, na introdução das técnicas psicológicas no ambiente de trabalho (Illouz, 2011). Por seu turno, a outra chave de leitura permite problematizar o modo como a intimidade é cada vez mais esvaziada pelo utilitarismo econômico. Nesse viés, iremos nos concentrar na primeira chave de leitura, verificando, dessa maneira, a emocionalização da conduta econômica sob o prisma da autoajuda empreendedora, tema abordado ao longo deste segundo tópico.

Objetivamos desenvolver com maior afinco a premissa segundo o qual a autoajuda empreendedora não apenas requer a disseminação de valores neoliberais, o qual contribui, nas palavras de Turmina (2010). para “a (con)formação de um trabalhador de novo tipo”, como também demanda protocolos emocionais alinhado a cosmovisão empreendedora. Parafraseando a expressão da mencionada autora, identificamos que o empresário sustenta um discurso acerca do empreendedorismo através das emoções, que demanda também um discurso de (con)formação emocional. Em vista disso, o segundo manual de aconselhamento destrinchado foi o livro “Geração de Valor: Compartilhando inspiração” (2015). Essa obra analisada, em resumo, reúne um conjunto de imagens e textos que dissertam sobre o empreendedorismo. A principal premissa do livro é que o empreendedorismo não é apenas uma forma de libertar-se, conforme Silva (2015), de um suposto modelo empreguista, mas também um caminho possível de realização pessoal. Em vez de capítulos, encontramos uma sequência de textos organizadas de maneira assistemática. Essa organização assistemática é estruturada por um estilo de escrita dinâmico e interativo, no qual Silva convida o leitor a escrever suas aspirações e *insights*, obtidos ao longo da leitura, nas partes do livro que contém uma espécie de bloco de anotações. A principal pretensão, segundo o autor, é romper com o senso comum, apresentando as principais qualidades comportamentais que o sujeito deve galgar para possuir uma mentalidade empreendedora vitoriosa. A obra também obteve enorme impacto social, em que foi constatado

que “no primeiro dia de vendas, a publicação vendeu mais que a média dos livros mais vendidos de negócios ao longo de uma semana.”⁵⁶

Flávio Augusto da Silva (2015) demarca que seu único compromisso com esse livro é levar o leitor “a questionar padrões, rever comportamentos e encorajá-lo a tirar seus projetos do papel” (Silva, 2015, p. 9) e prossegue advertindo: “desde que você começou a ler esta obra, me tornei seu colaborador e também passei a fazer parte da sua história - e me sinto extremamente privilegiado por isso” (*Ibid*). Na página seguinte, o autor aconselha que “quando chegar ao fim deste livro, volte ao começo e releia, na página ao lado, o que escreveu sobre sua causa, seus valores e interesses e seu projeto de vida” (Silva, 2015, p. 10). É fundamental ressaltar esses trechos iniciais para ilustrar, preliminarmente, que o sentido invariável e estruturante de cada frase, charge, imagem e texto encontrados em sua obra tem como foco primordial servir de motivação para o leitor refletir sobre o empreendedorismo enquanto modo de acessar uma suposta vida livre e autorrealizada emocionalmente. Nesse sentido, é importante observar que o supracitado compromisso em torno de questionar padrões pré-estabelecidos de condutas e o intento em influenciar o leitor a construir um projeto de vida é concretizado mediante o seu conhecimento adquirido no universo empresarial. Nas suas palavras:

Suas emoções, seu senso de urgência, a forma como organiza suas prioridades e a garra que imprime em suas ações determinam se você entra para fazer acontecer ou apenas para seguir o fluxo da boiada, sem compromisso, de forma indolente e inconsequente, sem assumir o rumo de sua vida e sendo conduzido aleatoriamente pela correnteza que leva uma grande multidão à estagnação. (Silva, 2015, p. 77)

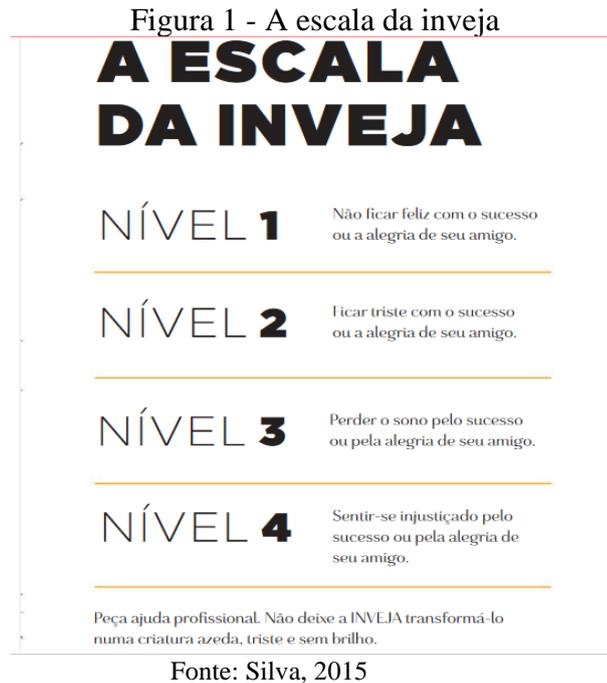
É por meio desse conhecimento adquirido, transmitido na forma de recomendações, críticas e aconselhamentos, conforme exemplificado pelos trechos citados, que podemos notar um discurso que se encaminha para a construção de um *ethos* emocional, regido pelo empreendedorismo (Cunha Rossi, 2022). Em outras palavras, Flávio Augusto da Silva, em primeiro lugar, enumera o que impede os indivíduos de tornarem-se empreendedores, argumentando que o fator determinante para o rebaixamento socioeconômico cada vez maior da classe trabalhadora não é a desigualdade estrutural da realidade brasileira, mas fundamentalmente o sentimento de medo. Ele atribui a esse sentimento uma condição de causa que impede o sujeito de se desprender de um suposto trabalho monótono amparado pela Consolidação das Leis do Trabalho (CLT). Nesse momento, é notável como tal narrativa pode ser compreendida à luz dos pressupostos de Dardot e Laval referente ao neoliberalismo, no qual

⁵⁶ **ADMINISTRADORES.** Livro “Geração de Valor” bate recorde de pré-venda. Disponível em: <https://www.administradores.com.br/noticias/livro-geracao-de-valor-bate-recorde-de-pre-venda>. Acesso em: 11 out. 2024.

“o que está em jogo é nada mais nada menos que a *forma de nossa existência*, isto é, a forma como somos levados a nos comportar, a nos relacionar com os outros e nós mesmos” (2016, p. 16)

Nessa linha de raciocínio, o empresário prossegue demonstrando que um dos motivos mais frequentes para o indivíduo não ter o seu próprio negócio relacionam-se, em resumo, com a) medo do desconhecido; b) desconhecer o sentimento de realização que um empreendedor possui; c) internalizar a ideia de que não tem vocação para ser o patrão de si mesmo; d) ter um medo de perder que frustra o desejo de ganhar (Silva, 2015). Conforme o autor, “ao assumirmos **o controle das emoções** e do roteiro de nossos sonhos, produzindo acordados através de nossa imaginação, permanecemos inabaláveis para seguir adiante” (Silva, 2015, p. 205, grifo nosso). Destacamos, principalmente, duas questões contidas no discurso de autoajuda empreendedor de Silva (2015), o primeiro é a maneira como a racionalidade do empreendedorismo realiza seus propósitos no campo das emoções. Noutros termos, o capitalismo emocional insurge-se, nas palavras de Mayka Castellano, “pela importância dada às emoções não apenas no âmbito das relações interpessoais, mas também nas manifestações midiáticas, no funcionamento das instituições, no mercado de trabalho” (2014, p. 83). Por meio da individualização de base emocional (Illouz e Cabanas, 2022), é perceptível que o fator afetivo é mobilizado, mistificadamente, no interior do empreendedorismo para obnubilar o foco das causas sociológicas e econômicas que explicam a precariedade do mercado de trabalho brasileiro.

Mediante isso, a segunda questão relaciona-se com o fato dessa narrativa de autoajuda empreendedora, conforme observamos, determinar que alguns sentimentos são mais essenciais para a atividade empreendedora. O discurso empreendedor é circulado com base na adoção de certas atitudes emocionais cujo determinante para o sucesso ou fracasso depende da falta ou presença de emoções específicas. A autora Castellano frisa que “há sentimentos que são valorizados, tolerados ou condenados dentro de uma sociedade, diferentes projetos também serão legitimados a partir do uso que fazem de tais emoções” (2014, p. 60). Exemplificamos isso com base nas considerações feitas por Silva (2015) a respeito da inveja. Na sua leitura, tal experiência afetiva é concebida como um sentimento reprovável, além de ser um impeditivo para o desenvolvimento de uma vida empreendedora (Silva, 2015). Utilizando-se de recursos gráficos, o autor elabora uma espécie de escala da inveja (Figura 1) responsável por aferir o nível de periculosidade emocional desse sentimento:



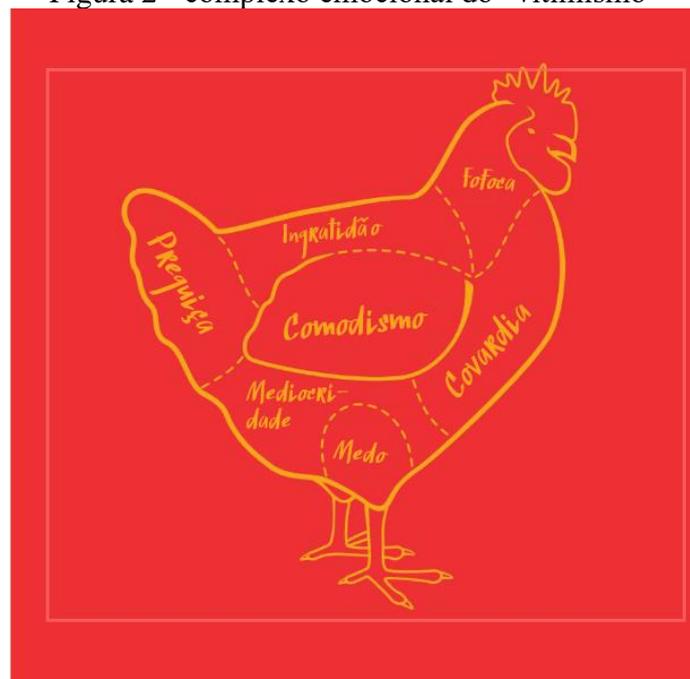
É importante mencionar que a metáfora utilizada para elucidar os processos emocionais subjacentes ao “invejoso” é percebida por meio de um esquema terapêutico (Illouz, 2010), em que o predomínio desse sentimento indicaria, sintomaticamente, a possível existência de um eu disfuncional e patológico que inviabilizaria a possibilidade de tornar-se um empreendedor bem-sucedido. Isso é verificado na seguinte frase logo abaixo da figura 1 “**peça ajuda profissional**. Não deixe a INVEJA transformá-lo numa criatura azeda, triste e sem brilho” (Silva, 2015, p. 31, grifo nosso). Nesse contexto, convém mencionar a crítica sociológica realizada por Illouz (2011) face ao estabelecimento de uma espécie de norma entre uma conduta emocional das pessoas autorrealizadas, portanto, saudáveis e, por outro lado, das pessoas que se encontram em um sentido oposto, que supostamente necessitariam de um acompanhamento psicológico.

À luz do discurso empreendedor presente na autoajuda, as emoções são ressignificadas enquanto entidades descoladas dos contextos sociais, culturais e econômicos que, mobilizando o entendimento do sociólogo Mauro Koury, “agenciam, permitem ou ponderam, desta maneira, determinadas emoções, ao mesmo tempo em que negam, restringem ou impõe interditos a outras” (2009, p. 9). Essa permissão ou interdição de algumas emoções é notada, sobretudo, na comparação recorrente sobre quais sentimentos são moralmente úteis ou não para a composição e aumento do capital psicológico (Cabanas; Illouz, 2022) do empreendedor. Afinal de contas, *se empreendedorismo é para todos*, a diferença residiria na resiliência, coragem, tolerância e intuição que alguns desenvolveriam mais que outros. De acordo com a narrativa de autoajuda

empreendedora de Silva (2015), aqueles que não conseguem realizar um adequado “trabalho sobre as emoções” (Hochschild, 2003) podem estar sob efeito do “vitimismo” ou “negativismo”, no qual “a vida de quem criou o hábito de dar desculpas para todos os seus fracassos e deficiências **é um círculo vicioso dramático e melancólico, repleto de inveja e de vitimismo**” (Silva, 2015, p. 68, grifo nosso).

Nesse contexto, ao sinalizar que empreender é uma forma de viver que poucos indivíduos estão dispostos a abraçar, Silva (2015) identifica que a maioria dos trabalhadores prefere uma existência acuada e submissa ao modelo empreguista convencional castrador de qualquer satisfação emocional particular. Os indivíduos presos a esse modelo empreguista, então, seguem, nas suas palavras, “[...] presas à boiada e entorpecidas pela ilusão de estabilidade, mergulhadas em referenciais muito aquém do desejável e, por isso, continuam sem sair do lugar” (Silva, 2015, p. 109). Razão pela qual, o autor cita que empreender, na verdade, não é uma atividade destinada a todos, mas destinada a uma minoria corajosa, ou seja, aos dispostos a trabalharem duro e com paixão (Silva, 2015). Em um diálogo com o leitor, o autor, redireciona e determina qual o público-alvo de seus aconselhamentos, demonstrando que seu propósito é atingir uma pequena minoria mais corajosa e inconformada com esse modelo empreguista. Novamente, o empresário tipifica um suposto complexo emocional dos que abdicaram do empreendedorismo mediante a seguinte figura:

Figura 2 - complexo emocional do “vitimismo”



Fonte: Silva, 2015

A respectiva figura é uma condensação de um conjunto de sentimentos mencionados sob a forma sancionadora de reprovação moral como, por exemplo, a intolerância, autopiedade, rancor e covardia. É importante salientar, que sob essa forma abstraída das variáveis sociais, o discurso sobre as emoções é revestido de uma suposta neutralidade política. O que é abstraído dessa narrativa de autoajuda empreendedora é o fato de a sociedade capitalista (re)produzir uma multiplicidade de sofrimentos (Safatle, 2021). O processo de moralização dos sentimentos presentes nos adjetivos “comodismo”, “preguiça” e “medo”, acionados pela racionalidade neoliberal, mistificam a situação socioemocional dos brasileiros na medida em que, conforme o estudo epidemiológico observacional sobre os transtornos mentais relacionados ao trabalho, “visualiza-se na década de 2011 a 2020 o crescimento de transtornos mentais em resposta ao excesso de trabalho, sobrecarga cognitiva e emocional e cobranças para resolução de tarefas laborais a níveis exacerbados.” (Filho *et al.* 2023, p. 15). Por seu turno, mediante a análise de Dardot e Laval (2016), isso explica o quanto o discurso neoliberal endossa uma narrativa em torno da internalização dessa dinâmica socioemocional como o resultado de um fracasso pessoal.

Os dados apontados pelo estudo epidemiológico em consonância com a interpretação fornecida por Dardot e Laval (2016), permite identificarmos que tal narrativa de autoajuda empreendedora não apenas conforma as emoções no interior de uma lógica moral utilitarista, como também naturaliza e, em diversos momentos de seu discurso, de modo intensificado, ao entender as emoções enquanto um subproduto direto da atividade do cérebro (Silva, 2015). Esse fracasso pessoal aliado ao sentimento de vergonha por não seguir essa regra arbitrária de sentimentos (Hochschild, 2003) é um dos meios de naturalização da sociabilidade neoliberal, no qual seus efeitos danosos são compreendidos por Silva (2015) como efeito de uma mentalidade medíocre. Nesse ínterim, seu discurso reacende a chama historicamente presente do individualismo na literatura de autoajuda (Rüdiger, 1996), ao defender que “a transformação vem de dentro para fora” (Silva, 2015). Notamos que o apelo a uma transformação produzida pelos atributos emocionais internos do sujeito expressa uma das faces do processo de neoliberalização, em que “a fonte de eficácia está no indivíduo: ela não pode mais vir de uma autoridade externa. É necessário fazer um trabalho intrapsíquico para procurar uma motivação profunda” (Dardot; Laval, 2016, p. 345). A alusão a esse trabalho intrapsíquico é articulada por Silva (2015), nesse sentido, na forma de um “intraempreendedorismo”:

Liderar pensando apenas nos próprios interesses é impossível. O máximo que se consegue com isso é chefiar. A liderança é exercida mediante os interesses dos

liderados. Essa é a principal matéria-prima da liderança. Ou seja, **liderando é possível criar um ambiente de intraempreendedorismo**, onde cada um luta para alcançar os próprios objetivos e o resultado final será, por consequência, o sucesso do projeto e do líder” (2015, p. 80, grifo nosso)

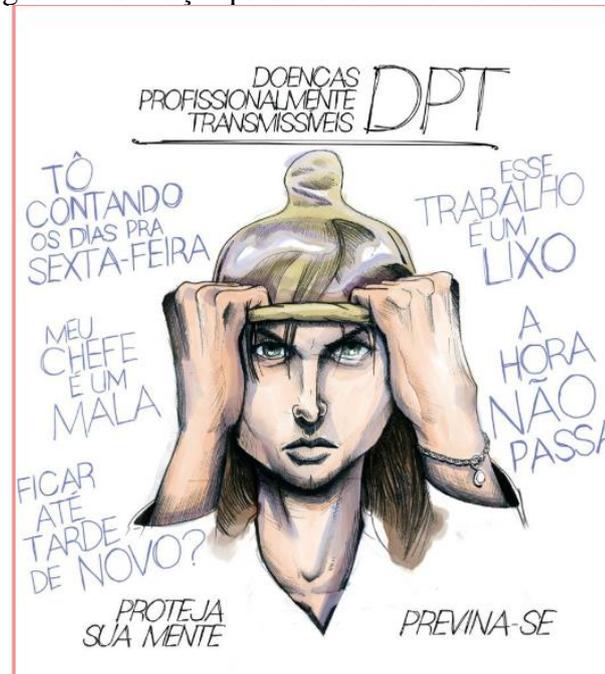
Com base nesse trecho podemos destrinchar analiticamente o fato de que esse discurso de autoajuda se sintoniza via prisma ideológico com a dimensão econômica da reestruturação produtiva, marcada, precisamente, pela produção flexível, em que na década de 1990 “[...] alteram-se não somente a base técnica de produção como também as exigências de formação do trabalhador” (Turmina, 2010, p. 25). Ainda prosseguindo com as análises de Turmina (2010) sobre o papel da autoajuda empresarial nas relações de trabalho, podemos apreender que o respectivo discurso veicula, portanto, uma desqualificação dos vínculos estáveis das relações de trabalho, transfigurando o espaço empresarial como uma espécie de *lócus* democrático, onde os trabalhadores, individualizadamente, podem empresariar suas próprias aspirações cujo resultado, supostamente, afirma Silva (2015), seria o alcance de seus objetivos, somado ao sucesso do projeto e do líder. Outrossim, o “intraempreendedorismo” advogado pelo empresário brasileiro relaciona-se não apenas com certas formas de agir e pensar, mas também com determinadas maneiras de compreender o âmbito emocional orientado por ideias de proatividade e flexibilidade. Verificamos que, diante dessas ideias, a narrativa de Silva (2015) acompanha uma tendência da literatura de autoajuda empreendedora, em que, de acordo com a brilhante assertiva de Turmina manifesta-se:

Sob o argumento da busca de maior competitividade, **os empresários apresentam, como necessária, a construção de novos padrões de sociabilidade centrados nos valores e na lógica do mercado.** (RUMMERT, 2000, p. 100). [...] Portanto, exige-se um trabalhador de novo tipo capaz de incorporar novos valores, condição fundamental de inserção e permanência no mercado de trabalho. **Na difusão dos valores necessários à formação desse trabalhador, inclui-se, como um dos veículos disseminadores, o discurso de autoajuda cuja ação pedagógica dá-se fora e dentro do âmbito escolar ao criar nos trabalhadores novos hábitos** e atitudes, comportamentos que repercutirão nas relações de trabalho. (Silva, 2010, p. 215, grifos nossos)

De acordo com a tese defendida por Turmina (2010), essa construção de novos padrões de sociabilidade centrado nos valores da lógica de mercado demonstra que “os autores desse gênero espalham receitas, induzem padrões de pensamento, inculcam modelos, visam construir novas regras de sociabilidade, de trabalho, induzem o indivíduo a incorporar novos valores” (Turmina, 2010, p. 28). Por esse motivo, ao pesquisarmos o modo pelo qual a autoajuda empreendedora impõe um discurso neoliberal sobre as emoções, notamos que o empreendedor-celebridade Flávio Augusto da Silva (Casaqui, 2016), unidade de análise desse estudo de caso, não apenas dissemina valores que respondem às exigências de um trabalhador de novo tipo,

como também necessita ressignificar aspectos emocionais na linguagem do empreendedorismo. Notamos que essa conformação do trabalho às exigências neoliberais apresentadas por Turmina (2010) por meio da análise da autoajuda empresarial, é também deslocada e constituída em um discurso que versa sobre a permissão ou interdição capitalista de determinadas emoções (Castellano, 2014). Assim, observa-se a maneira pela qual a narrativa de Silva (2015) sinaliza que sem a internalização desse discurso por parte do leitor,⁵⁷ o indivíduo fracassaria em sua tentativa de empreender. Conforme o autor, é importante conservar e sustentar tal “intraempreendedorismo“ mediante uma espécie de congelamento afetivo (Illouz, 2007).⁵⁸ Isso é representado através da figura 3:

Figura 3 - Doenças profissionalmente transmissíveis



Fonte: Silva, 2015

Essa figura é, especialmente, interessante para continuarmos problematizando o discurso neoliberal sobre as emoções que, primeiramente, é inscrita em uma narrativa responsável por dividir a categoria de “vencedores” e “perdedores” (Castellano, 2014). Com essa divisão instaura-se formas de hierarquizações afetivas, em que supostamente o êxito do

⁵⁷ Um excelente exemplo disso é seu constante apelo moral a um conjunto de sentimentos que remetem a coragem, paciência, ambição e felicidade.

⁵⁸ Essa expressão tem por ponto de partida a obra de Illouz (2011) “amor nos tempos do capitalismo”. Entretanto, adotamos o termo de uma tradução espanhola, a saber, “intimidades congeladas: las emociones en el capitalismo” (2007). Essa metáfora alude ao processo capitalista de coisificação das emoções cuja consequência é a perda de sua fluidez, imprevisibilidade e singularidade. Em razão disso, estaríamos diante de um congelamento, isto é, enrijecimento materializado na compreensão metódica, racionalizada e procedimental da vida emocional.

indivíduo empreendedor provém de sua mentalidade vitoriosa, criativa e flexível, que estariam pavimentados via capitalização da paciência, coragem, felicidade, resiliência e tolerância (Illouz, 2011). É de responsabilidade do próprio sujeito escapar dos sentimentos problemáticos amarrados em frases que gravitam em torno de insatisfações, vitimismo e negativismo. A narrativa empreendedora cumpre o papel em promover uma desassociação desses sentimentos com o imaginário empreendedor, buscando, ao mesmo tempo, conjugar as paixões mais adequadas ao produtivismo neoliberal (Castellano, 2014; Ehrenreich, 2013).

Não por acaso que na figura 3 constatamos exortações de teor médico como “previna-se”, “proteja sua mente”, na ótica do empresário, dos discursos e emoções da boiada dos trabalhadores reféns de um modelo empreguista. Insistindo em problematizar essa analogia biologizante, preliminarmente, percebemos que o sujeito pressuposto dessa imagem, que estaria prevenido e protegido, goza de uma posição de saúde emocional e normalidade legitimado pelos resultados positivos de sua atividade empreendedora. Afinal de contas, prossegue Silva (2015), embora, por exemplo, a inteligência emocional seja essencial, “o verdadeiro cartão de visita são seus RESULTADOS. O melhor é aprender com quem provou que tem know-how. Ou seja, com quem realmente sabe” (Silva, 2015, p. 93). Com base em Illouz (2011), avançamos sob o entendimento de que a linha divisória sugerida na respectiva figura entre os empreendedores e os trabalhadores, pertencentes aos modelos entreguistas tradicionais que, latentemente, guarda uma subdivisão entre os que possuem saúde emocional ou não, são “deduzidas de uma referência implícita ao modelo e ideal da “vida plenamente autorrealizada” e de uma comparação com esse modelo e ideal.” (Illouz, 2011, p. 70). Sugerindo, por isso, a presença de uma “conformação emocional” cuja manutenção e impulsionamento foi percebido na forma de um discurso naturalizante e hierárquico lançado sobre o campo afetivo. Embasando-se nas considerações de Dardot e Laval (2016), através dessa narrativa neoliberal de autoajuda compreendemos que a subjetividade, em seu núcleo emocional, é vista como parte fundamental da performance empresarial.

4. 3 - “Cuide do seu lado emocional e alcance o sucesso”: o discurso empreendedor dos sentimentos e emoções

Como argumentamos mediante Dardot e Laval, além da forte ênfase na *sociologia das emoções em Eva Illouz* (Gaiad, 2019), é fundamental desdobrarmos e aprofundarmos as análises realizadas ao decorrer de ambos os tópicos com o objetivo-mor de problematizar a construção de um discurso da autoajuda empreendedora sobre as emoções. Realizamos isso, evidenciando

duas dimensões da narrativa de Flávio Augusto da Silva, a primeira, a constituição de uma narrativa terapêutica circulada e transformada através de um discurso autobiográfico. No tocante a segunda dimensão problematizamos outra característica, transversal a narrativa da autoajuda empreendedora, relacionada a disseminação de “um trabalhador de novo tipo” (Turmina, 2010), isto é, flexível, proativo e desprovido de direitos trabalhistas. Por meio desse prisma, pudemos compreender o papel desempenhado pela autoajuda na adequação das emoções aos imperativos neoliberais mediante a (con)formação emocional desse trabalhador de novo tipo (Turmina, 2010; Illouz e Cabanas, 2022). Assim, a construção do discurso empreendedor de autoajuda a respeito de valores marcados, como já dito, pela proatividade, eficiência, individualismo e a empresariação das relações sociais são articuladas por um apelo às emoções (Cunha Rossi, 2022).

Esse apelo as emoções, como já demonstramos, tem seu contexto social e histórico na insurgência do capitalismo emocional. Embora a socióloga Eva Illouz defina a respectiva noção enquanto uma dinâmica global, nascido, em seu ver, entre 1920 e 1930, concordamos com Tocino Rivas (2023) a respeito de uma insuficiência teórica-empírica deste conceito. Noutras palavras, há um escasso aprofundamento do impacto da reestruturação produtiva, o qual suprimos, inicialmente, por meio da sociologia do trabalho (Lima, 2013). De acordo com Tocino Rivas (2023) “Illouz não complementa sua teoria do capitalismo emocional através de um estudo específico das modificações no sistema produtivo que ocorreram ao longo do século XX” (*Ibid.*, 115, tradução nossa).⁵⁹ Mesmo realizando menções ao decorrer do conjunto de suas obras, prossegue Tocino Rivas, “não constituem, em nenhum caso, teorizações destinadas a servir de referência às transformações descritas, que confere uma fundamentação empírico-econômico à sua sociologia das emoções.” (2023, p. 116, tradução nossa).⁶⁰

A relação entre capitalismo emocional e autoajuda empreendedora é verificada ao decorrer de seus discursos que compõe os livros analisados até o momento, definido por uma espécie de tentativa de “democratizar” o empreendedorismo para todos. A *sociologia das emoções em Eva Illouz* (Gaiad, 2019) permite ler que esse discurso de democratização do empreendedorismo de Flávio Augusto da Silva encontra eco na moderna premissa da autoajuda, no qual a personalidade e o sofrimento são transversais a todas as classes (Illouz, 2011). De modo geral, isso também corrobora uma tendência histórica do fenômeno da autoajuda na

⁵⁹ No original: “[...] Illouz no acompaña su teoría del capitalismo emocional del estudio específico de los cambios en el sistema productivo que han tenido lugar a lo largo del siglo xx”

⁶⁰ No original: “No constituyen, en ningún caso, teorizaciones desarrolladas que pretendan servir de correlato a las transformaciones que describe y que presten anclaje empírico-económico a su sociología de las emociones.”

década de 1970 e 1990 cuja característica central reside na incorporação de um *ethos* terapêutico (Rüdiger, 1996). Mediante a supracitada crítica da filósofa Tocino Rivas (2023), prosseguimos problematizando a autoajuda empreendedora enquanto aspecto que não prescinde de uma racionalidade neoliberal fincada no território das emoções. É nesse contexto que analisamos o terceiro livro de Silva (2016), intitulado “Geração de Valor 3: é só o começo”. Nesse livro, o autor aborda um conjunto de instruções e aconselhamentos sobre o empreendedorismo. Esse conjunto de instruções estrutura-se, em alguns momentos, semelhantemente à escrita ensaística. Não há, nesse sentido, uma sistematização em capítulos, pois, na verdade, o autor desdobra suas convicções na forma de uma constelação de discussões e provocações relacionadas ao empreendedorismo e a gestão de sentimentos.

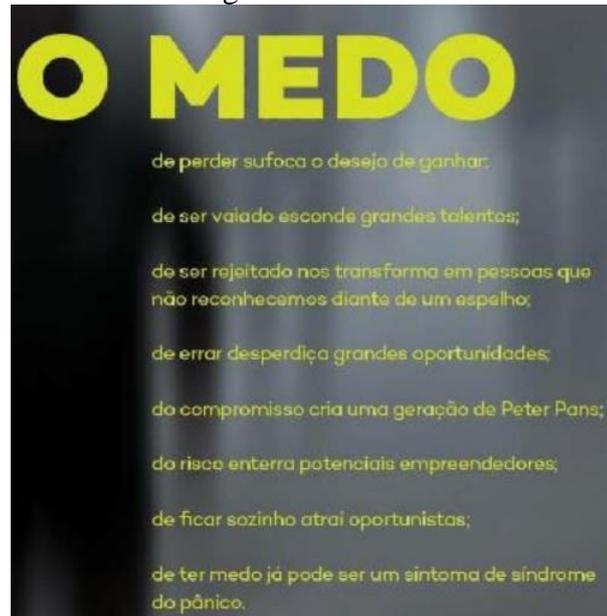
Podemos resumir a obra como uma tentativa de demonstrar os alcances e impasses do empreendedorismo na realidade brasileira com base em categorias emocionais e morais, marcadas por um constante apelo a metáforas econômicas. O livro é considerado um best-seller, sendo um dos livros de negócios mais vendidos. Conforme a *PublishNews*, portal especializado em notícias sobre o mercado editorial, no período de 2017, a lista de livros sobre negócios foi um dos poucos gêneros que apresentou um crescimento de 13%. O interessante nessa notícia é que, nessa categoria de livros, a obra “Geração de Valor 3: é só o começo” liderou a lista dos mais vendidos, com uma média de 1.632 exemplares vendidos.⁶¹

Feito esses apontamentos, o propósito nesse tópico é evidenciar uma terceira dimensão, o qual pavimenta, a relação entre autoajuda empreendedora e capitalismo emocional, a saber, a articulação de um discurso de gestão empreendedora das emoções e sentimentos (Dardot e Laval, 2016; Illouz e Cabanas, 2022; Safatle; Silva Júnior; Dunker, 2020). Com isso em vista, de início registramos um aspecto em comum com a obra “Geração de valor 2: plantando sonhos, colhendo conquistas” relacionado a quantidade considerável de imagens, além da alusão insistente em delimitar quais sentimentos são prejudiciais para o êxito na atividade empreendedora. Em um de seus aconselhamentos, ele recomenda um cuidado com o lado emocional enquanto prerrogativa para alcançar o sucesso. Nesse livro em específico a narrativa de cuidado emocional é dimensão transversal de seus aconselhamentos e truísmos. Considerando a falta de sistematização presente na obra, em que os respectivos aconselhamentos e truísmos assemelham-se a uma espécie de aforismas, no qual os enunciados aparecem na forma de ligeiros excertos expressos em instruções pontuais, percebemos que a

⁶¹ **PUBLICNEWS.** O bom negócio da lista de negócios. *Publishnews*, 13 jan. 2017. Disponível em: <https://www.publishnews.com.br/materias/2017/01/13/o-bom-negocio-da-lista-de-negocios>. Acesso em: 15 out. 2024.

esmagadora maioria dos excertos encaminhavam-se para uma forma eficaz de explorar emocionalmente a subjetividade através de uma gestão neoliberal dos sentimentos (Safatle; Silva Júnior; Dunker, 2020). Um exemplo interessante desse discurso neoliberal sobre as emoções é percebido na seguinte figura:

Figura 4 - O medo



Fonte: Silva, 2016

Essa figura permite entender o modo como o medo é ressignificado não mais enquanto um sentimento moral direcionado para o cumprimento de determinados deveres pré-estabelecidos socialmente. Há um distanciamento, portanto, das premissas de Samuel Smiles (1859) em torno de um “bom caráter”. Na contramão disso, o medo é ressignificado pela autoajuda empreendedora como um entrave e produtor de supostos “fracassados” (Castellano, 2014). O empreendedorismo, nesse sentido, aparece como um estilo emocional (Illouz e Alaluf, 2020) marcado pelo desprendimento e superação desse sentimento, o qual é responsável, como aparece na figura 4, por “enterrar potenciais empreendedores” (Silva, 2015). Percebemos que essa ressignificação desse sentimento, sendo eleito como aquilo que impediria o sujeito de tornar-se empreendedor, desliza a questão da precarização das relações de trabalho para o terreno do individualismo de base emocional (Illouz e Cabanas, 2022), como já apontamos.

Mobilizando as considerações sucintas de Dardot e Laval a respeito do capitalismo emocional, notamos que, em detrimento do medo e dos “sentimentos negativos” elencados pelo empresário brasileiro, “relações, sentimentos e afetos positivos são mobilizados em nome da eficácia” (2016, p. 365) que são instrumentalizados em face dessa economia neoliberal. Esses

sentimentos e afetos mobilizados em torno da eficácia empresarial são apresentados no discurso de autoajuda de Silva (2016) como entidades a serem gerenciadas e encerradas dentro de uma polaridade positiva ou negativa. Um exemplo pertinente disso é o modo como ele interroga o leitor mediante perguntas retóricas: “o que cansa mais: o estresse do crescimento ou o estresse da estagnação?” (Silva, 2016, p. 42). Esse simples questionamento retórico é uma versão em pequena escala das inúmeras analogias, que entrelaça o universo do trabalho e das emoções, feita pelo autor. O citado estresse do crescimento, o qual supostamente seria preferível pelo indivíduo que deseja alcançar o sucesso, faz alusão a um gerenciamento emocional que reposiciona o sujeito como diretamente responsável pela causa e consequência do seu estado emocional. Percebe-se que, novamente, se opera uma classificação hierárquica sobre quais emoções são mais valiosas para o incentivo à lógica empreendedora. Verificamos essas dimensões com mais clareza no seguinte trecho:

A vida é uma batalha diária, muitas vezes cansativa e desgastante. Em meio a esse turbilhão, **é nossa responsabilidade criarmos momentos felizes e agradáveis com as pessoas que amamos, dando muitas risadas com nossos amigos.** Porém, logo em seguida, devemos voltar para a batalha diária. Então, pare de se iludir pensando que a vida será uma tranquilidade. **A estabilidade não existe, e a calma é um sinal de estagnação, pois não leva a lugar algum e nos causa muitas frustrações.** (Silva, 2016, p. 42, grifos nossos)

Silva (2016) também sublinha que essa responsabilidade de criarmos momentos felizes e agradáveis depende de um manejo emocional, pois, em seu ver, o que está na raiz dos péssimos resultados da performance do empreendedor é a falta de um (auto)controle sobre as emoções. Em suas palavras, “o ansioso com suas próprias mãos prejudica seus resultados. Ao retomar o controle emocional, basta executar o que você sabe fazer e os resultados vão aparecer” (2016, p. 56). É importante observar que o discurso de autoajuda de Silva (2016) compreende, em especial, um dos efeitos da precarização capitalista das relações de trabalho: a dinâmica de instabilidade econômica como uma condição natural. Em diversos momentos, Silva (2016) concorda que a instabilidade é uma dinâmica ontológica da vida social, reforçando que o real problema seria os sujeitos terem sido supostamente condicionados pelo sistema político “para achar que a CLT lhe fornece alguma segurança e para pagar contribuições sindicais àquele pessoal bacana controlado pelos partidos políticos” (Silva, 2016, p. 74). Ele prossegue afirmando que esse apego a uma suposta ilusão de estabilidade deriva, portanto, de uma ausência de gerenciamento das emoções.

Motivo pelo qual, percebemos que essa dimensão do gerenciamento emocional se inscreve na narrativa de autoajuda empreendedora como uma forma de localizar e imprimir sobre o próprio eu as frustrações oriundas de uma existência social assediada pela lógica concorrencial e empresarial reatualizado por um cenário onde, conforme o sociólogo brasileiro Angelo Junior, “[...] o trabalhador passou a ser responsabilizado pelo seu próprio trabalho e pela produtividade, gerando um clima de instabilidade e insegurança” (2013, p. 103). Esse clima de instabilidade instaura, de acordo com Sennett (2014), uma vida emocional à deriva, pois os referenciais coletivos são diluídos em uma espécie de culto da performance (Ehrenbergh, 2010). Não sem razão, Silva (2016), desferindo uma série de críticas, entende as instâncias representativas da classe trabalhadora, a exemplo, do sindicato, incluindo as leis de proteção trabalhistas, como chagas do coletivismo pertencentes, em suas palavras, ao “fluxo da boiada” reféns do medo, covardia e ressentimento. Nesse contexto, como bem apontou Illouz e Cabanas, “[...] as emoções, atitudes e motivações positivas são alçadas a atributos psicológicos essenciais e até mesmo mais importantes ou fundamentais do que habilidades e qualificações técnicas” (2022, p. 148). Uma característica desse diagnóstico fornecido pelos autores encontra eco na seguinte afirmação de Silva:

No final do dia, sabemos que **nossas emoções são exímias sequestradoras**. Tornar-se refém delas é um dos maiores prejuízos que alguém que não quer passar a vida em branco pode fazer. Por outro lado, **quando calculamos de forma racional a relação entre custo e benefício para tomarmos a decisão de abandonar as armadilhas emocionais** que poderiam nos prender por anos, escolhemos um caminho mais inteligente, ainda que estejamos abrindo mão de algumas coisas. Em contrapartida, **ganhamos de presente um futuro leve, sem pesos e sem sentimentos negativos que também ficaram pra trás**. (Silva, 2016, p. 45, grifos nossos)

Esses atributos psicológicos essenciais, igualados ou lidos como mais importantes do que qualificações técnicas, são enaltecidos, consideravelmente, nesse trecho acima, uma vez que, em sua visão, o possível êxito do empreendedorismo aloja-se no interior de um cálculo racional entre custo e benefício, responsável por livrar o sujeito das armadilhas emocionais, que, nesse sentido, seriam “exímias sequestradoras” de um desempenho maior. É interessante, nesse sentido, pontuar que a realidade descrita por Hochschild (2003) a respeito da expropriação das emoções feita pelo capitalismo contemporâneo é bastante pertinente para analisarmos o respectivo trecho, pois percebe-se que tal realidade econômica se transforma em uma ordem discursiva (Foucault, 1999) de valores, condensados em uma narrativa empreendedora de

autoajuda, no qual as emoções são remodeladas pela racionalidade neoliberal do capitalismo emocional enquanto mercadorias emocionais (*emodities*) (Illouz, 2018). Como apontamos no primeiro capítulo, “o capitalismo encontrou uma utilidade para o gerenciamento das emoções, organizando e o impulsionando mais eficientemente” (Hochschild, 2003, p. 186, tradução nossa). Essa utilidade relacionada ao gerenciamento das emoções é constatada nesta pesquisa pela relevância que o domínio emocional tem, especificamente, na obra analisada. Além disso, o empresário brasileiro insiste em reforçar que está “cada dia mais convencido de que as competências emocionais são as que realmente fazem a diferença” (2016, p. 51), porque, em sua cosmovisão empresarial:

Depois de quase três décadas neste campo sangrento de batalha, não me restam dúvidas sobre o quanto **as competências emocionais fazem toda diferença entre o sucesso e o esquecimento, entre a realização e a frustração, assim como entre a prosperidade e a mediocridade**. Apesar de constatar essa realidade, vejo que muitos desconhecem a sua existência, **pois tratam o perfil emocional como algo abstrato e quase místico**. (*Ibid.*, p. 52, grifos nossos)

É possível notar, nesse caso, a demanda tácita, isto é, não conceitualizada, de uma inteligência emocional responsável por possibilitar a ascensão socioeconômica do sujeito empreendedor. Seu relato sobre a necessidade de competências emocionais, marcada por um modelo terapêutico, pressupõe, conforme Eva Illouz (2011), a articulação das emoções e afetos como, por exemplo, a coragem, esperança, humildade, felicidade e o sentimento de autorrealização, na esfera da economia enquanto elementos centrais para a construção de um campo afetivo, em que os respectivos discursos se mesclam com o propósito de “criar um campo de ação e de discurso com regras, objetos e fronteiras próprios (Illouz, 2011 p. 91). No discurso de Silva (2016) é possível notar que essas emoções são trabalhadas e moduladas por uma espécie de *cálculo existencial* (Reis, 2022), pois a dimensão emocional é avaliada de acordo com sua utilidade para o desenvolvimento de uma subjetividade empreendedora. Por esse motivo, a insatisfação de Silva (2016) provocada pelo fato de compreenderem o perfil emocional como algo místico e abstrato denota, em contrapartida, a existência de outra forma de apropriar-se das emoções mediado pelos critérios empresariais de produtividade e eficácia. Partindo das premissas illouzianas, o discurso empreendedor de autoajuda, portanto, concorda em objetificar e mensurar a vida afetiva como um objeto que necessita de manejo, controle e regulação.

Esse horizonte de objetificação e regulação das emoções também aparece sob a forma de um aconselhamento, no qual Silva (2016) afirma que um dos modos de ser um “bom gestor de seus sentimentos” consiste na capacidade do indivíduo mobilizar uma “esperança racional”.

Em suas palavras, “A ESPERANÇA RACIONAL evita tanto ilusões quanto desilusões. Use com moderação. A ESPERANÇA é um antidepressivo natural. Não saia de casa sem ela.” (*Ibid.*, p. 108). O empresário brasileiro infere que quando a esperança está em alta, o indivíduo lida com os problemas de maneira eficaz, por outro lado, quando esta encontra-se apequenada “até mesmo pequenos percalços passam a ser considerados insuportáveis” (*Ibid.*). Notamos, dessa maneira, que o discurso neoliberal sobre as emoções, presente na autoajuda empreendedora, também se caracteriza por aconselhamentos e instruções sob formas particulares de manejar as emoções. Esse manejo particular das emoções tem seu contorno mais nítido, principalmente, pelo fato de Silva (2016) sugerir que em uma situação de crise tal esperança pode ser explorada para aumentar a eficiência do sujeito. Segundo o empresário:

Quer roubar a alegria de uma população? Roube sua esperança. Sem acreditar em seu futuro, sobram apenas o medo, a insegurança e o estresse. Aliás, esse é um clássico cenário em que o medo definitivamente venceu a esperança. **Como resgatar sua esperança no meio do caos? Exercite o futuro e planeje a maneira como você quer chegar lá, dividindo o seu plano de ação em tarefas diárias.** Criar projetos alimenta sua esperança. Sejam projetos pessoais como ter um filho, casa ou preparar para participar de uma maratona, etc., sejam projetos profissionais que podem ocupar o seu tempo com o objetivo de conquistar um FUTURO melhor (Silva, 2016, p. 107, grifo nosso)

Preliminarmente, observamos, nesse sentido, que o trecho acima prescreve uma maneira de lidar e maximizar determinados estados emocionais, em que a esperança tem especial destaque nesse exemplo. Em segundo lugar, é possível identificar que tal gerenciamento emocional inscrito é pautada por intermédio da “criação de projetos pessoais” orientado por planejamentos diários. Embasando-se na discussão do primeiro capítulo dessa monografia, no qual mobilizamos Sennett (2014) para pensarmos as transformações do mundo do trabalho, percebemos que tal discurso de autoajuda expressa o novo *ethos* do trabalho cuja característica fundamental é a irrisória presença de uma noção de carreira típica da velha ética do trabalho. Um dos traços fundamentais desse novo *ethos* do trabalho sustenta-se face à crença de que a empresa é um espaço de autorrealização e amor ao trabalho. O neoliberalismo endossa, portanto, uma forma de racionalidade, no qual o trabalho e a esfera pessoal são condensados em uma narrativa de projetos de vida (Dardot; Laval, 2016; Illouz; Cabanas. 2022; Sennett, 2014).

Dessa maneira, parafraseando a autora Turmina (2010), a autoajuda empreendedora também “presta-se à dupla tarefa de fornecer bálsamo de esperanças e mascarar as contradições do sistema capitalista” (Turmina, 2010, p. 208). Considerando isso, identificamos, por fim, que as estratégias discursivas condensadas não apenas no conteúdo dos aconselhamentos, como também em sua forma, isto é, com relação à maneira como os aconselhamentos são organizados

em torno de imagens, além de espaços em brancos para o leitor elaborar e registrar sua experiência de leitura, possibilita demonstrar que tal narrativa de autoajuda empresarial se encaminha em direção à mobilização e ressignificação das emoções em consonância com o neoliberalismo (Cunha Rossi, 2022; Illouz e Cabanas, 2022; Illouz, 2010), que, por sua vez, expressa as novas formas de tecnologia política do Capital sobre o mundo do trabalho, resultando na formação de um discurso neoliberal sobre as emoções, que incorpora e é incorporada pela autoajuda.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em virtude dos fatos mencionados, por meio desta monografia foi possível compreender a relação entre capitalismo emocional e autoajuda empreendedora como elementos nodais da manutenção e sustentação da racionalidade neoliberal na realidade brasileira. Com isso, problematizamos a existência de um discurso neoliberal de autoajuda direcionado para o campo das emoções. Um dos pontos centrais dessa monografia consistiu em contribuir para analisar o fenômeno da autoajuda através da *sociologia das emoções em Eva Illouz* (Gaiad, 2019) imbricada com “outras sociologias do trabalho” (Lima, 2013), procurando não se restringir às temáticas mais comuns, a saber, o domínio do gênero, que é razoavelmente discutida por Eva Illouz e Arlie Hochschild. Além disso, inserir o debate da sociologia do trabalho, bem como do neoliberalismo sem perder de vista as particularidades do contexto brasileiro, permitiu suplantiar uma significativa insuficiência teórica, denunciada por Tocino Rivas (2023), relacionada aos impactos da reestruturação produtiva.

Sendo assim, no primeiro capítulo objetivamos desenvolver uma discussão teórica que articulasse um diálogo entre a sociologia das emoções e a sociologia do trabalho. Isso foi realizado a partir das contribuições da economia política das emoções de Arlie Hochschild (Koury, 2006) e a *sociologia das emoções em Eva Illouz* (Gaiad, 2019), sinalizando, de maneira concomitante, a necessidade de um diálogo com “outras sociologias do trabalho” (Lima, 2013). Mediante esse diálogo, foi possível notarmos que as transformações do mundo do trabalho dependeram também de um processo de emocionalização da conduta econômica intensificado pelo capitalismo emocional, no qual a narrativa de autoajuda desempenhou papel proeminente. Diante disso, o objeto dessa pesquisa, a saber, a autoajuda empreendedora, foi compreendida não apenas como um conjunto de truísmos simples e vulgares, mas como um dos modos de expressar valores culturais e sociais de uma determinada época (Rüdiger, 1996). Demonstramos, nesse sentido, que o discurso da autoajuda, desde sua gênese, nasce entrelaçado

com as transformações do mundo do trabalho. Compreender a autoajuda contemporânea enquanto uma forma de expressar as contradições do neoliberalismo sobre o universo do trabalho permitiu dar continuidade ao diálogo profícuo entre as respectivas áreas. Sendo assim, com base na teoria social crítica illouziana, analisamos que a relação entre capitalismo emocional e a autoajuda empreendedora implica a produção de um discurso neoliberal de autoajuda sobre as emoções.

Tendo isso em vista, no segundo capítulo, a metodologia de estudo de caso e o emprego da análise foucaultiana do discurso foi fundamental para explorarmos em profundidade os modos pelos quais o discurso do empresário influente Flávio Augusto da Silva veicula elementos do neoliberalismo calcado em uma apropriação e ressignificação das emoções à luz da narrativa de autoajuda do empreendedorismo. As obras selecionadas do supracitado empresário possibilitaram vislumbrar que a relação entre capitalismo emocional e a autoajuda empreendedora ocorre de maneira multifacetada. A razão disso encontra eco na demonstração de que (I) os elementos responsáveis por compor a narrativa de autoajuda empreendedora operacionalizam uma narrativa terapêutica e do sofrimento no interior da racionalidade empresarial. (II) Notamos uma segunda característica materializada em um certo enaltecimento ideológico do trabalho flexível (Sennett, 2014) através da ressignificação das emoções às ideias de proatividade e eficiência. Por fim, (III) identificamos um discurso das emoções e sentimentos adequados à lógica empreendedora, em que o referido empresário brasileiro postulava uma “boa gestão dos sentimentos” e um “intraempreendedorismo”, marcada por diversas hierarquizações afetivas. Face ao diálogo frutífero entre a *sociologia das emoções em Eva Illouz* (Gaiad, 2019) com a sociologia do trabalho realizado no primeiro capítulo e a, conseqüente, mobilização desse diálogo em torno do segundo capítulo, constatamos que as estratégias discursivas, condensado na forma de truísmos e aconselhamentos, presente nos livros selecionados, ilustram que a narrativa de autoajuda empresarial se encaminha em direção à construção de um *ethos* emocional calcado na racionalidade empresarial, que, em diferentes níveis analíticos, estão sintonizadas com as novas formas de tecnologia política do Capital sobre o trabalho.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADEMAN, Miriam. Por amor ou por dinheiro? Emoções, discursos, mercados. *Contemporânea*, n. 2, p. 117–138, jul.-dez. 2011. Disponível em: <https://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/43/25>. Acesso em: 9 jul. 2024.

ALBUQUERQUE, Rossana Marinho. **Conselhos afetivos em tempos de cultura terapêutica: analisando manuais de autoajuda e experiências das leitoras**. 2015. Tese (Doutorado em Sociologia) - São Carlos, 2015.

ALVES, Giovanni Antonio Pinto. A subjetividade às avessas: toyotismo e “captura” da subjetividade do trabalho pelo capital. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, v. 11, n. 2, p. 223–239, 2008. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1516-37172008000200007&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 3 jul. 2024.

AMPUDIA DE HARO, Fernando. Auto-ajuda e gestão do comportamento e das emoções. **VI Congresso Português de Sociologia, Lisboa**, n. 403, 2008, p. 1-10.

AMPUDIA DE HARO, Fernando. Crescer ou sentir? Os repertórios culturais do amor no reality-show “Casados à Primeira Vista”. **Sociologia, Problemas e Práticas**, n. 98, 2022, p. 71–89. Disponível em: <https://journals.openedition.org/spp/10047>. Acesso em: 15 jul. 2024.

ANTUNES, Ricardo; PRAUN, Lucia. Sofrimento psíquico no neoliberalismo e a dimensão política do diagnóstico em saúde mental. **Serviço Social & Sociedade**, São Paulo, n. 123, p. 407–427, jul./set. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0101-6628.030>. Acesso em: 10 out. 2024

ANDRADE, Érico. **Sobre Losers: fracasso, impotência e afetos no capitalismo contemporâneo**. Curitiba: Editora CRV, 2019.

ANDRADE, Daniel Pereira. **Uma história do poder emocional sobre o homem econômico**. 2011. Tese (Doutorado em Sociologia) – São Paulo, 2011.

BAUMAN, Zygmunt. **Medo líquido**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zavar, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BONELLI, Maria da Glória. Arlie Russell Hochschild e a sociologia das emoções. **Cadernos Pagu**, n. 21, p. 357–372, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/B6bYMqGqpzgvqkjy9JFgwyj/?lang=pt>. Acesso em: 20 jun 2024

BOSCO, Angelo Marcos. **Sucessos que não ocorrem por acaso: literaturas de autoajuda**. 2001. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Estadual de Campinas, 2001.

BONFIM, Mirele Cardoso do; GONDIM, Sônia Maria Guedes. **Trabalho emocional: demandas afetivas no exercício profissional**. Salvador: EDUFBA, 2010.

BRIEF, A. P.; WEISS, H. M. Organizational behavior: affect in the workplace. **Annual Review of Psychology**, n. 53, p. 279-307, 2002.

CABANAS, Edgar; ILLOUZ, Eva. **Happycracia: fabricando cidadãos felizes**. Tradução de Humberto do Amaral. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

CASAQUI, Vander. **A Inspiração como Forma Comunicacional do Capitalismo Cool**. In: XXXIX INTERCOM - Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2016, São Paulo. Anais do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - INTERCOM. São Paulo: INTERCOM / ECA-USP, 2016. v. 1. p. 1-15.

Cunha Rossi, T. (2022). As emoções na constituição de uma individualidade empreendedorista: contribuições possíveis a uma sociologia econômica da atualidade. **Política & Sociedade: Revista de Sociologia Política**. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/2175-7984.2022.e91271>. Acesso em: 10 mar. 2024.

CASTELLANO, Mayka. **Sobre vencedores e fracassados: a cultura da autoajuda e o imaginário do sucesso**. 2014. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2014.

COLBARI, Antônia de L. A retórica do empreendedorismo e a formação para o trabalho na sociedade brasileira. In: **SINAIS: Revista Eletrônica - Ciências Sociais**. Vitória: CCHN, UFES, Edição Especial de Lançamento, n. 01, v. 1, abr. 2007. p. 75–111. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/sinais/article/view/2681>. Acesso em: 13 abr. 2024.

DURKHEIM, Émile. **O suicídio: estudo de sociologia**. Tradução de Monica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. Tradução de Mariana Echalar. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

EHRENREICH, Barbara. **Sorria: como a promoção incansável do pensamento positivo enfraqueceu a América**. Tradução de Maria Lúcia de Oliveira. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2013.

EHRENBERG, Alain. **O culto da performance: da aventura empreendedora à depressão nervosa**. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2010.

FIGUEIREDO, Camila. **A Cibercultura e as narrativas de vida inspiracionais da cultura empreendedora: de pessoas comuns a celebridades**. In: XXXIX INTERCOM - Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2016, São Paulo. Anais do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (INTERCOM), 2016. v. 1

FIGUEIREDO, Camila. **Celebridades empreendedoras e narrativas inspiracionais - pacotes biopolíticos de Bel Pesce e Flávio Augusto da Silva (Geração de valor) no âmbito da comunicação e do consumo**. 2018. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - São Paulo, 2018.

FREUD, Sigmund. Obras completas, volume 13: **Conferências introdutórias à psicanálise**. Tradução de Sergio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

FOUCAULT, Michel. **O nascimento da biopolítica: curso dado no Collège de France (1978–1979)**. Tradução de Eduardo Brandão. 1. ed. São Paulo: Martin Fontes, 2008.

FERREIRA, Mauricio dos Santos; TRAVERSINI, Clarice Salette. A análise Foucaultiana do discurso como ferramenta metodológica de pesquisa. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 38, n. 1, p. 207–226, jan./mar. 2013. Disponível em: http://www.ufrgs.br/edu_realidade. Acesso em: 23 ago. 2024.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2002.

GAIAD, Maraisa Gardinali. **A sociologia das emoções em Eva Illouz: o fenômeno da literatura de autoajuda**. 2019. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual Paulista (UNESP), 2019.

HAN, Byung-Chul. **Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder**. Tradução de Maurício Liessen. São Paulo: Editora Âyiné, 2018.

HOCHSCHILD, Arlie Russell. The commercial spirit of intimate life and the abduction of feminism: signs from women's advice books. **Theory, Culture & Society**, v. 11, n. 2, p. 1-24, 1994. Disponível em: <http://journals.sagepub.com/doi/10.1177/026327694011002001>. Acesso em: 11 jul. 2024.

HOCHSCHILD, Arlie Russell. **The managed heart: commercialization of human feeling**. 20. ed. Berkeley: University of California Press, 2003.

ILLOUZ, Eva. **Amor nos tempos do capitalismo**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2011.

ILLOUZ, Eva. **Emotions as commodities: capitalism, consumption and authenticity**. Routledge, 2018.

ILLOUZ, Eva. Emotions, imagination and consumption: a new research agenda. **Journal of Consumer Culture**, v. 9, n. 3, p. 377–413, 2009. Disponível em: <http://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1469540509342053>. Acesso em: 1 jul. 2024.

ILLOUZ, Eva. **Intimidades congeladas: las emociones en el capitalismo**. 1. ed. Traduzido por Joaquín Ibarburu. Buenos Aires: Katz Editores, 2007.

ILLOUZ, Eva. **La salvación del alma moderna: terapia, emociones y la cultura de la autoayuda**. 1. ed. Traduzido por Santiago Llach. Buenos Aires: Katz Editores, 2010.

ILLOUZ, Eva; ALALUF, Yaara Benger. O capitalismo emocional. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Direção). **História das emoções: do final do século XIX até hoje**. Tradução de Maria Ferreira. 1. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2020. p. 73–105.

ILLOUZ, Eva; BENDER, Yaara. Emotions and Consumption. In: COOK, Daniel Thomas; RYAN, J. Michael (Eds.). **The Wiley Blackwell Encyclopedia of Consumption and Consumer Studies**. 1. ed. Malden: Wiley Blackwell, 2015. p. 1-6. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/9781118989463.wbeccs108>. Acesso em: 9 jul. 2024.

ILLOUZ, Eva. *The End of Love: a sociology of negative relations*. Nova York: Oxford University Press, 2019.

JARDIM, M. C., & MOURA, P. J. C. A construção social do mercado de dispositivos de redes sociais: a contribuição da sociologia econômica para os aplicativos de afeto. **Revista TOMO**, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.21669/tomo.v0i0.6712>. Acesso em: 21 jul. 2024.

JARDIM, Maria Chaves. Para além da fórmula do amor: amor romântico como elemento central na construção do mercado do afeto via aplicativos. **Política & Sociedade**, Florianópolis, v. 18, n. 43, p. 46–76, set.-dez. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/2175-7984.2019.v18n43p46>. Acesso em: 15 jul. 2024.

JUNIOR, Angelo Martins. Mobilidade, consumo e trabalho: trabalhadores brasileiros em Londres. In: LIMA, Jacob Carlos (Organizador). **Outras sociologias do trabalho: flexibilidades, emoções e mobilidades**. São Carlos: EduFSCar, 2013, p. 101–131.

KHEL, Maria Rita. **O tempo e o cão: a atualidade das depressões**. São Paulo: Boitempo, 2009.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. **Emoções, Sociedade e Cultura: a categoria de análise emoções como objeto de investigação na sociologia**. Curitiba: Editora CRV, 2009.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Pela consolidação da sociologia e da antropologia das emoções no Brasil. **Sociedade e Estado**, v. 29, n. 3, p. 841–866, set.-dez. 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-69922014000300009>. Acesso em: 12 fev. 2024.

KURZ, Robert. **A crise do valor de troca**. 1. ed. Tradução de André Villar Gomez e Marcos Barreira. Rio de Janeiro: Consequência, 2017.

LE BRETON, David. **As paixões ordinárias: antropologia das emoções**. Petrópolis: Vozes, 2009.

LEITE, Elaine da Silveira. **Reconversão de habitus: o advento do ideário de investimento no Brasil**. 2012. Tese (Doutorado em Sociologia) - São Carlos: UFSCar, 2012.

LEITE, Elaine Silveira. **Autoajuda financeira: governamentalidade neoliberal e a produção de sujeitos**. *Revista sociologia e antropologia*, v. 11, p. 331–336, 2021.

LEITE, Elaine Silveira. Por uma sociologia da autoajuda: o esboço da sua legitimação na sociedade contemporânea. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro v.26, n.3, jul.-set. 2019, p. 917–932.

LIMA, Jacob Carlos (Organizador). **Outras sociologias do trabalho: flexibilidades, emoções e mobilidades**. São Carlos: EduFSCar, 2013.

LIMA, Jacob Carlos. Participação, empreendedorismo e autogestão: uma nova cultura do trabalho? **Sociologias**, Porto Alegre, ano 12, n. 25, set./dez. 2010, p. 158–198. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222010000300007&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 13 abr. 2024.

LIMA, Jacob Carlos; OLIVEIRA, Roberto Veras de. O empreendedorismo como discurso justificador do trabalho informal e precário. **Contemporânea**, v. 11, n. 3, p. 905–932, set.-dez. 2021. Disponível em: <https://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/1062>. Acesso em: 13 abr. 2024.

LORDON, Frédéric. **A sociedade dos afetos: por um estruturalismo das paixões**. Tradução de Rodolfo Eduardo Scachetti e Vanina Carrara Sigrist. Campinas, São Paulo: Papyrus Editora, 2015.

MARTELLI, Carla Giani. **Auto-ajuda e gestão de negócios: uma parceria de sucesso**. Azougue Editorial, 2006.

MARTELLI, Carla Giani. Autoajuda e o espírito de nossa época. **Perspectivas**, São Paulo, v. 38, p. 195–220, jul./dez. 2010. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/perspectivas/article/view/4108/3743>. Acesso em: 10 nov. 2024

MARX, Karl. **O capital: crítica a economia política: Livro I: o processo de produção do capital**. Tradução de Rubens Enderle. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2017.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.); DESLANDES, Suely Ferreira; CRUZ NETO, Otávio; GOMES, Romeu. **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MISKOLCI, Richard. No coração pulsante da cultura: entrevista com Eva Illouz. **Contemporânea**, v. 6, n. 2, p. 299–308, jul.-dez. 2016. Disponível em: <http://doi.editoracubo.com.br/10.4322/2316-1329.015>. Acesso em: 21 fev. 2024.

MONTI, Isabela Vicente. **A sociologia das emoções e a contribuição analítica de Eva Illouz**. 2019. Monografia (Graduação em Sociologia) – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Araraquara, 2019.

NASCIMENTO, V. A. do; BORGES, S. M. A precarização do trabalho e a saúde mental dos trabalhadores por aplicativo. **Disciplinarum Scientia | Ciências Humanas**, v. 23, n. 1, p. 133–157, 2022. DOI: 10.37780/ch.v23i1.4065. Disponível em: <https://doi.org/10.37780/ch.v23i1.4065>. Acesso em: 9 out. 2024.

OLIVEIRA, Francisco de. Vanguarda do atraso e atraso da vanguarda. **Praga: Estudos Marxistas**, v. 4, p. 31–43, 1997.

PASSOS, Izabel Christina Friche. Análise Foucaultiana do discurso e sua utilização em pesquisa etnográfica. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, 2019, v. 35. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102.3772e35425>. Acesso em 12 set. 2024

PADILHA, Valquiria. A demanda por trabalho emocional diante do nojo: um estudo com trabalhadores de limpeza de *shopping centers*. In: LIMA, Jacob Carlos (Organizador). **Outras sociologias do trabalho: flexibilidades, emoções e mobilidades**. São Carlos: EduFSCar, 2013, p. 183–213.

PICANÇO, Monise Fernandes. **O poder da solução. A construção do mercado de literatura de autoajuda (voltada a negócios)**. 2013. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade de São Paulo, 2013.

REIS, Igor Macedo. **Precarização e sofrimento no trabalho: o caso dos motoristas de aplicativos**. 2022. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade Federal de Sergipe, 2022.

RÜDIGER, Francisco R. **Literatura de auto-ajuda e individualismo**. Porto Alegre: Ed. da Universidade do Rio Grande do Sul, 1996.

SAFATLE, Vladimir. **O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

SAFATLE, Vladimir, SILVA JÚNIOR, Nelson da, DUNKER, Christian. (Orgs) **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020

SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo**. Tradução de Marcos Santarrita. 18. ed. São Paulo: Editora Record, 2014.

SILVA, Denise Cristina Rosa. Juventude e trabalho: a busca dos jovens pelo mercado de trabalho e as implicações dessa inserção diante da precarização. In: BARBOSA, Ivan Fontes; XAVIER, Jair dos Santos; ALVES, Victor Hugo Andrade (Org.). **Precarização: transformações e crises na estrutura social do trabalho**. São Cristóvão: Editora UFS, 2022. p. 261–275.

SILVA, Flávio Augusto da. **Geração de valor: compartilhando inspiração** [livro eletrônico]. Rio de Janeiro: Editora Sextante, 2015

SILVA, Flávio Augusto da. **Geração de valor 2: plantando sonhos, colhendo conquistas** [livro eletrônico]. Rio de Janeiro: Sextante, 2015.

SILVA, Flávio Augusto da. **Geração de valor 3: é só o começo**. São Paulo: Buzz Editora, 2016.

SILVA, Flávio Augusto da. **Ponto de inflexão: uma decisão muda tudo** [livro eletrônico]. São Paulo: Buzz Editora, 2018.

SILVA, Luís Antônio Machado da. Da informalidade à empregabilidade: reorganizando a dominação no mundo do trabalho. **Caderno CRH**, Salvador, n. 37, jul./dez., pp. 81–109, 2002.

SARAIVA, Marina Rebeca; BITTENCOURT, João. **Métodos e técnicas de pesquisa**. CIED Cursos. s.d. Universidade Federal de Alagoas.

SILVA, Samuel Cavalcante; STAFUZZA, Grenissa Bonvino. Práticas identitárias da autoajuda no mundo contemporâneo do trabalho. **Psicologia & Sociedade**, v. 25, n. 3, p. 718–727, 2013.

SMILES, Samuel. **Ajuda-te (Self-Help)**. Rio de Janeiro: F. Briguiet & CIA, 1893.

SANTANA, Sidley Matos de. **Trabalho contemporâneo: a produção do sujeito neoliberal através das conferências TEDx**. 2022. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de Sergipe, Sergipe, 2022.

SOUZA, Susane Petinelli. Governamentalidade empresarial e saberes ADM. **Revista de Administração**, São Paulo, v. 53, n. 4, p. 400–407, jul–ago. 2013.

SORJ, Bila. Sociologia e trabalho: mutações, encontros e desencontros. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 15, n. 43, p. 75–89, jun. 2000. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-69092000000200002>. Acesso em: 2 jul. 2024.

STEINBERG, Ronnie J.; FIGART, Deborah M. Emotional labor since The Managed Heart. **The ANNALS of the American Academy of Political and Social Science**, v. 561, n. 1, p. 8-26, 1999. Disponível em: <http://journals.sagepub.com/doi/10.1177/000271629956100101>. Acesso em: 7 jul. 2024

STAKE, Robert E. **A arte da investigação com estudos de caso**. Tradução de Ana Maria Chaves. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2009.

TEÓFILO FILHO, R. A.; CHAVES, D. F. M.; D’ALMEIDA FILHO, L. F.; ALVES, M. de A.; BARROS, M. M.; FACHIN, L. P. Aspectos epidemiológicos dos transtornos mentais relacionados ao trabalho no Brasil na década de 2011 a 2020. **Debates em Psiquiatria**, v. 13, p. 1-24, 5 jul. 2023. Disponível em: <https://revistardp.org.br/revista/article/view/695>. Acesso em: 23 jul. 2024.

TOCINO RIVAS, María. El capital emocional: reflexiones sobre competencia emocional y desigualdad a partir de Illouz. In: OLIVERO GUIDOBONO, Sandra; MARTÍNEZ González, Alfredo José (Coord.). **Identidades, segregación, vulnerabilidad: ¿hacia la construcción de sociedades inclusivas?: un reto pluridisciplinar**. 1. ed. Dykinson, 2021. (Colección Conocimiento Contemporáneo, n. 29). p. 1806–1824.

TOCINO RIVAS, María. **El capitalismo emocional: De Eva Illouz a los teóricos del biocapitalismo**. Série Extravagantes, n. 24. Dykinson, 2023.

TOCINO RIVAS, María. El “capitalismo emocional” en Eva Illouz: uma análise transversal do conceito e suas ambivalências. **Revista de Filosofia**, v. 48, n. 2, p. 427–442, 2023. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.5209/resf.79203>.

TORRES, Marieze Rosa. **Hóspedes incômodas? Emoções na sociologia norte-americana**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) — Universidade Federal da Bahia, 2009.

TURMINA, Adriana Cláudia. **Autoajuda nas relações de trabalho: a (con)formação de um trabalhador de novo tipo**. 2010. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de Santa Catarina, 2010.

TURMINA, Adriana Cláudia. **Mudar para manter: a autoajuda como a nova pedagogia do Capital**. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Santa Catarina, 2005.

TURMINA, Adriana Cláudia; SHIROMA, Eneida Oto. “Se você não mudar, morrerá”: a (con)formação de um trabalhador de novo tipo no discurso de autoajuda. **Revista Brasileira de Educação**, v. 19, n. 56, p. 165–180, mar. 2014.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. Tradução de José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WEBER, Max. **The protestant ethic and the spirit of capitalism**. New York: Charles Scribner's Sons, 1976. Resenha de: BESERRA, Bernadete. **Max Weber e a incerteza do conhecimento científico**. *Educação em Debate*, v. 1, n. 47, 2004.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Tradução de Daniel Grassi. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.